

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

LORENA ORLETTI DEL REY

**Cerâmicas arqueológicas do médio-baixo Xingu:
revisitando a coleção do PRONAPABA escavada por Celso Perota na década de 1970**



BELO HORIZONTE

2023

LORENA ORLETTI DEL REY

**Cerâmicas arqueológicas do médio-baixo Xingu:
revisitando a coleção do PRONAPABA escavada por Celso Perota na década de 1970**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Arqueologia.

Linha de pesquisa: Arqueologia Pré-Histórica

Orientadora: Mariana Petry Cabral

BELO HORIZONTE

2023

306 Rey, Lorena Orletti.
R456c Cerâmicas arqueológicas do médio-baixo Xingu
2023 [manuscrito] : revisitando a coleção do PRONAPABA
escavada por Celso Perota na década de 1970 / Lorena
Orletti Del Rey. - 2023.
106 f. : il.
Orientadora: Mariana Petry Cabral.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Antropologia – Teses. 2. Cerâmica – Amazônia -
Teses. 3. Amazônia – Antiguidades – Teses. I. Cabral,
Mariana Petry . II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA DE LORENA ORLETTI DEL REY (MATRÍCULA N.º 2020650406)

Aos 06 (seis) dias do mês de julho de 2023 (dois mil e vinte e três), reuniu-se às 13:30 horas, por meio de videoconferência - plataforma *Google Meet*, a Comissão Examinadora para julgar em exame final a Dissertação intitulada: **“Cerâmicas arqueológicas do médio-baixo Xingu: revisitando a coleção do PRONAPABA escavada por Celso Perota na década de 1970”** requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, área de concentração: Arqueologia - linha de pesquisa: Arqueologia Pré-Histórica. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Mariana Petry Cabral (PPGAN/UFMG) – Orientadora, Andrei Isnardis Horta (PPGAn/UFMG), Lilian Panachuk de Sá (DAA/UFMG)**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Mariana Petry Cabral, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à mestranda, Lorena Orletti Del Rey, para apresentação da sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 06 de julho de 2023.

Membros da Comissão Examinadora:

Mariana Petry Cabral (PPGAN/UFMG) – Orientadora

Andrei Isnardis Horta (PPGAn/UFMG)

Lilian Panachuk de Sá (DAA/UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Andrei Isnardis Horta, Professor do Magistério Superior**, em 07/07/2023, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Panachuk de Sa, Professora Magistério Superior-Substituta**, em 08/07/2023, às 21:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Petry Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 09/07/2023, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2431977** e o código CRC **33FCEA59**.

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho só foi possível devido às convivências e apoio durante o processo. Começo agradecendo à FAPEMIG pela bolsa concedida por um ano, frisando a imensa importância da valorização da ciência e dos pesquisadores no Brasil.

Obrigada a todos que estiveram do meu lado desde antes do começo de tudo, quando era só uma ideia, em especial, Bruno e Daiane que me apoiaram e me ajudaram em toda minha formação como arqueóloga. No PPGAN, conheci pessoas incríveis, agradeço aos professores e professoras que contribuíram com minha formação, e em especial a Mariana que topou esse projeto. A minha querida turma, obrigada meninas por dividirem as alegrias e angústias desse processo: Carla, Neise, Mara, Karen e Raissa. Agradeço também aos amigos de outros tempos que mesmo sem entenderem muito bem o que faço, me apoiaram e estiveram comigo.

A minha família, minha eterna gratidão, obrigada pela paciência, por se envolverem comigo nesse processo, mãe, pai, Gio e Bubu, eu amo vocês. Ainda meu parceiro de vida, obrigada Otávio por estar ao meu lado todos os dias, me impulsionar e me ajudar sempre.

RESUMO

Durante as expedições do PRONAPABA na região do médio-baixo Xingu, o arqueólogo Celso Perota registrou diversos sítios distribuídos entre o baixo Xingu e a foz do Iriri. O material coletado nestas expedições compõe uma coleção importante para se conhecer melhor o contexto arqueológico da região. A proposta desta pesquisa é de voltar a essa coleção, realizando a análise de um material escavado na década de 1970 e pouco estudado, nesse sentido, pensar em como resgatar informações e produzir conhecimento arqueológico de uma coleção que estava “abandonada”. As propostas de Meggers e Evans, com a aplicação dos métodos de classificação de fases e tradições, buscavam identificar e explicar as principais mudanças culturais ocorridas ao longo do tempo. Embasado por essa perspectiva, Perota estabeleceu para esse material do médio-baixo Xingu algumas fases cerâmicas associadas às Tradições Inciso-Ponteada, Tupiguarani, Polícroma, Guará e Mina. Dentro da tradição Polícroma, foi definida a Fase Cacarapi, cujas características diagnósticas se assemelham com a cerâmica Koriabo. Com base nos dados da análise tecnológica de nove sítios da coleção, realizamos um exercício de comparação das características desse conjunto com as cerâmicas Koriabo identificadas em outros contextos da Amazônia. A partir desta comparação, buscamos pensar sobre a distribuição dessa cerâmica e a definição do fenômeno Koriabo.

Palavras-chave: Cerâmicas arqueológicas; Amazônia; Rio Xingu; PRONAPABA

ABSTRACT

During the PRONAPABA expeditions in the middle-lower Xingu region, archaeologist Celso Perota documented several sites distributed between the lower Xingu and the mouth of the Iri River. The material collected during these expeditions constitutes an important collection for better understanding the archaeological context of the region. The aim of this research is to revisit this collection and analyze the materials excavated in the 1970s which have been poorly studied. In this regard, the goal is to explore how to retrieve information and generate archaeological knowledge from a collection that was "abandoned." Meggers and Evans' proposals, involving the application of classification methods for phases and traditions, sought to identify and explain the major cultural changes that occurred over time. Based on this perspective, Perota established several ceramic phases associated with the Incised and Punctate, Tupiguarani, Polychrome, Guar, and Mina traditions for the middle-lower Xingu material. Within the Polychrome tradition, the Cacarapi Phase was defined, characterized by diagnostic characteristics that were similar to those of Koriabo ceramics. Using technological analysis data from nine sites in the collection, we conducted a comparative exercise to compare the characteristics of this assemblage with Koriabo ceramics identified in other Amazonian contexts. Based on this comparison, we reflect on the distribution of this ceramic type and the definition of the Koriabo phenomenon.

Keywords: Archaeological ceramics; Amazon; Xingu River; PRONAPABA

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da área de estudo com indicação de todos os sítios cadastrados na região do Rio Xingu durante as diferentes campanhas do PRONAPABA ..	23
Figura 2 – Mapa com as duas principais formações geológicas da região.....	25
Figura 3 – Mapa com as áreas pesquisadas no PRONAPA e planejadas para o PRONAPABA. A área 3 foi investigada por Celso Perota, onde foram coletados os materiais os quais trabalho nesta pesquisa.....	27
Figura 4 – Vistas gerais do prédio no campus de Maruípe da UFES em que estavam os materiais arqueológicos provenientes das pesquisas de Celso Perota durante sua carreira na universidade. Na última imagem, dentro da sala azulejada, misturado a material odontológico descartado, parte do material da coleção do PRONAPABA misturado às coleções arqueológicas do Espírito Santo.	31
Figura 5 – Imagens dos sacos plásticos em que se encontravam todo material do PRONAPABA.....	37
Figura 6 – Na reserva técnica do IPHAN/ES, agrupamos os materiais com as mesmas numerações conforme íamos abrindo os sacos plásticos. Após essa distribuição, juntamos os fragmentos referentes às diferentes campanhas.	39
Figura 7 – Processo de acondicionamento do material nos sacos para contagem individual e realização do inventário	40
Figura 8 – Exemplo de caixa com etiqueta onde constam as informações e sacos dispostos dentro da caixa.....	41
Figura 9 – Alguns exemplos de papéis que estavam junto com a coleção arqueológica	42
Figura 10 – Mapa com identificação de sítios com cerâmicas Koriabo na coleção PRONAPABA de Celso Perota.....	43
Figura 11 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Missões (escala de 5 centímetros).....	48
Figura 12 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Independência (escala de 5 centímetros).....	50
Figura 13 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Primavera I (escala de 5 centímetros)	51
Figura 14 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Primavera II (escala de 5 centímetros).....	52
Figura 15 – Foto do ambiente do sítio PA-AL-13 Boa Vista.....	53
Figura 16 – Foto de cerâmica evidenciada <i>in loco</i> do sítio PA-AL-13 Boa Vista - Essa vasilha não foi identificada na coleção.....	53
Figura 17 – Fotos do ambiente do sítio PA-AL-13 Boa Vista – Detalhes do processo erosivo decorrente do desmatamento e uma camada cedendo formando degraus e impactando a estratigrafia arqueológica.	54
Figura 18 – Foto do ambiente do sítio PA-AL-13 Boa Vista – Nesta imagem Perota evidencia a camada arqueológica rebaixada pela erosão.....	54
Figura 19 – Foto de detalhe da escavação do sítio PA-AL-13 Boa Vista, pessoa não identificada.	55
Figura 20 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Boa Vista II (escala de 5 centímetros)	55
Figura 21 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Cacarapi I (escala de 5 centímetros).	56
Figura 22 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Cacarapi II (escala de 5 centímetros).	57
Figura 23 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Santo Antônio (escala de 5 centímetros).....	58
Figura 24 – Fotos de corte estratigráfico do sítio PA-AL-39 Itapinima presentes no relatório do PRONAPABA.	59
Figura 25 – Vasilha de cerâmica encontrada no sítio PA-AL-39 Itapinima.	61
Figura 26 – Imagens de fragmentos do sítio PA-AL-39 com decoração similar à vasilha encontrada por Perota (1978).	61
Figura 27 – Gráfico que mostra o percentual da natureza dos elementos presentes na amostra analisada.	62

Figura 28 – Rodelas de fusos, vasilha com técnica modelada, aplique e trempe presentes na amostra analisada (escala de 5 centímetros).....	63
Figura 29 – Classificações dos tipos de queima.....	64
Figura 30 – Gráfico que mostra o percentual dos diferentes tipos de queima presentes na amostra analisada.....	64
Figura 31 – Base onde podemos identificar fuligem na superfície (escala de 5 centímetros).....	65
Figura 32 – Borda com modificação no lábio (1 e 2), borda ungulada, borda com incisão retilínea e pequenas incisões no lábio, borda com incisão retilínea, lobulada, borda com flange, borda com incisão retilínea, borda com flange, borda ungulada (escala de 5 centímetros).....	68
Figura 33 – Fragmentos de borda com decoração lobulada, digitada, ungulada e algumas das flanges da coleção cerâmica (escalas de 5 centímetros).....	69
Figura 34 – Alguns exemplos de decoração incisa (escala de 5 centímetros).....	69
Figura 35 – Alguns exemplos de decoração acanalada e um fragmento onde podemos ver que essa decoração é feita sobre uma camada adicionada à superfície da cerâmica (escala de 5 centímetros).	70
Figura 36 – Fragmentos com roletes parentes (escala de 5 centímetros).....	70
Figura 37 – Fragmentos com decorações que podem ser resultado de impressão de corda, uso de cestaria, e também objetos pontiagudos (escala de 5 centímetros).....	71
Figura 38 – Alguns fragmentos corrugados da coleção (escala de 5 centímetros).....	72
Figura 39 – Fragmentos com decoração ponteadas (escala de 5 centímetros)	72
Figura 40 – Fragmentos com apliques (escala de 5 centímetros).....	73
Figura 41 – Fragmentos com decoração pintada (escala de 5 centímetros).....	74
Figura 42 – Cerâmica da coleção PRONAPABA coletada por Celso Perota, sem referência a sítio (número marcado no fragmento não está legível).	75
Figura 43 – Pranchas de Nimuendajú do Baixo Iriry – Xingu e Altamira – médio Xingu. As pranchas apresentam cerâmicas com características semelhantes ao material Koriabo. A mesma região foi posteriormente estudada no PRONAPABA por Celso Perota.	77
Figura 44 – Mapa de sítios com cerâmicas Koriabo. Elaborado por Bruno Moraes.....	86
Figura 45 – Cerâmicas do Sítio PA-AL-39 com decoração corrugada e roletes aparente	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela com a descrição dos sítios analisados.....	47
Tabela 2 – Formas de fragmentos sem decoração.....	66
Tabela 3 – Formas de vasilhas com decoração	67
Tabela 4 – Tabela de comparação das cerâmicas do Sítio PA-AL-39 com cerâmicas de outras regiões.....	88
Tabela 5 – Tabela com comparação de decorações entre outros sítios da coleção e o Sítio PA-AL-39	89
Tabela 6 – Tabela de comparação do Sítio Santo Antônio nas diferentes escavações.....	90
Tabela 7 – Tabela com as diferentes fases arqueológicas do médio-baixo Xingu.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – ANNO DOMINI

AP – ANTES DO PRESENTE

CNPq – CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

GEA – GRUPO DE ESTUDO DE ARQUEOLOGIA

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

IPHAN/ES – SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO ESPÍRITO SANTO

MHNJB/UFMG – MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PRONAPA – PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

PRONAPABA – PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS DA BACIA AMAZÔNICA

TPA – TERRA PRETA ARQUEOLÓGICA

UFES – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1 – Agregar de fios	16
1.1 O estudo da cerâmica na arqueologia amazônica.....	17
1.2 Região de estudo	22
1.2.1 Caracterização da área – médio-baixo Xingu.....	24
1.2.2 Pesquisas arqueológicas e a atuação de Celso Perota no PRONAPABA	26
1.3 A história de uma coleção órfã.....	30
Capítulo 2 – Analisar uma coleção órfã	35
2.1 Primeiro contato com a coleção	35
2.2 A coleção do PRONAPABA – Caminhos da análise cerâmica	42
2.3 Apresentação dos sítios	46
PA-AL-07: Missões.....	48
PA-AL-08: Independência	49
PA-AL-09: Primavera I.....	50
PA-AL-10: Primavera II.....	51
PA-AL-13: Boa Vista II.....	52
PA-AL-14: Cacarapi I.....	56
PA-AL-15: Cacarapi II.....	57
PA-AL-16: Santo Antônio	58
PA-AL-39: Itapinima I.....	59
2.4 Aprofundando sobre o sítio Itapinima I - PA-AL-39	60
2.4.1 Análise cerâmica	60
2.4.1.1 Análise tecnológica	62
2.4.1.2 Análise morfológica	65
2.4.1.3 Análise estilística.....	68
Capítulo 3 – Possibilidades	75
3.1 Contextos arqueológicos do médio-baixo Xingu	76
3.2 As cerâmicas Koriabo e a coleção do PRONAPABA	79
3.2.1 Presença Koriabo: um exercício de comparação.....	87
3.3 Outros contextos arqueológicos	91
CONCLUSÃO	94
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO

Revisitar uma coleção e olhar para ela a partir de novas questões, esse movimento impulsionou as investigações que estabeleço acerca das cerâmicas arqueológicas escavadas no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA) na década de 1970, em pesquisas conduzidas pelo arqueólogo Celso Perota na região do médio-baixo rio Xingu. Olho para esse material inspirada pelas questões emergentes nos debates da Arqueologia Amazônica sobre a cerâmica, em especial Koriabo (ROSTAIN *et al.*, 2020; BARRETO e LIMA, 2020; LIMA *et al.*, 2020). Busco compreender o contexto de dispersão dessas cerâmicas nessa região, pensando nas similaridades e diferenças existentes entre elas e as encontradas no escudo das Guianas, afluentes nortes do Amazonas e mesmo ao longo do rio Amazonas.

O exercício é explorar as possibilidades de análise do material, para isso, colocando questionamentos como: Podemos classificar cerâmicas dessa coleção como Koriabo? O que podemos inferir a partir delas? Elas indicariam circulação de pessoas, ideias e fazeres? Quais elementos nos levam a pensar em Koriabo?

Tal proposta se justifica a partir de dois aspectos principais. O primeiro é sobre voltar a um material já escavado e que foi pouco estudado, nesse sentido, resgatar informações e produzir conhecimento arqueológico de uma coleção que estava “abandonada”. A atuação do arqueólogo Celso Perota pelo PRONAPABA na região foi de grande abrangência geográfica, sob a qual foram registrados mais de 50 sítios distribuídos entre o baixo Xingu e a foz do rio Iriri, sendo assim, esse material é importante para se conhecer melhor o contexto arqueológico da área. Além disso, uma vez que as coleções nunca haviam sido estudadas de modo amplo, retornar a esses materiais é uma oportunidade para valorizar esse acervo, gerando novos conhecimentos e uma compreensão mais aprofundada desse conjunto.

Todo material proveniente das pesquisas do professor Celso Perota ficava alocado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória. Após a aposentadoria do professor, o material foi levado para um prédio abandonado dentro da universidade. Como ressalta Henrique Valadares (2013)¹ em sua dissertação de mestrado, não puderam ser identificadas razões que levaram ao fato de que anos de pesquisas realizadas por Perota fossem quase que completamente perdidos. Após tomarem conhecimento do fato, Celso Perota e representantes

¹ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo intitulada *Arqueologia do Estado do Espírito Santo: subsídios para gestão do patrimônio arqueológico no período de investigação acadêmica de 1966 a 1975*. Na pesquisa, Henrique Valadares apresenta o contexto de algumas coleções escavadas por Celso Perota que estão no Espírito Santo.

do IPHAN iniciaram, nos anos 2000, o resgate desse material, que após transitar por locais provisórios, foi então salvaguardado na reserva técnica do IPHAN/ES a partir do ano de 2005.

A coleção do PRONAPABA passou por um processo de triagem e catalogação em 2017 e 2018, através de um projeto do Grupo de Estudo de Arqueologia da UFES, vinculado ao IPHAN/ES, na tentativa de resgatar o máximo de informações possíveis. Foi através desse projeto que entrei em contato com a coleção, trabalhando sob a orientação do arqueólogo Bruno Barreto, então técnico do IPHAN/ES.

O processo de catalogação das “Coleções Órfãs” (VOSS & KANE, 2012) demanda procedimentos específicos. Devido às condições de armazenamento, essas coleções geralmente passam por um processo de deterioração em que se perdem muitas informações e documentos. Na coleção, recuperamos as informações disponíveis e, a partir das numerações de catálogo nos fragmentos de cerâmica, associamos aos números dispostos nas fichas de sítio existentes nos relatórios. Tal processo nos possibilitou conhecer a proveniência das peças que estavam catalogadas. A partir da organização do material, na etapa de triagem, foram identificadas cerâmicas com características que as aproximam das cerâmicas Koriabo, primeiramente identificadas no escudo das Guianas (EVANS & MEGGERS, 1960). As características que foram consideradas como diagnósticas da ‘fase koriabo’ são:

sítios de aldeias com tamanhos entre 1800 e 7400 m², com profundidade da camada não superior a 32cm, situados sobre barrancos de rio; a cerâmica tem predomínio de areia como tempero (o uso de uma areia rica em mica produz efeito brilhoso na cerâmica), com baixo uso de caraipé; e decoração “distintiva”: incisões cuidadosas finas e largas, associadas com decoração plástica (bolotinhas, linhas e pequenos rostos); a presença de incisões nas bordas e padrões lobados também caracterizam estes conjuntos (EVANS E MEGGERS, 1960, p.144-145 *apud* CABRAL, 2011, p.94).

Posteriormente, essas cerâmicas passam a serem identificadas em uma distribuição geográfica abrangente, estendendo-se por vários países da região das Guianas, incluindo Venezuela, Suriname, Guiana Francesa, Guiana a norte do Brasil e como também em outras partes Brasil até a bacia do rio Xingu. A homogeneidade nas formas e decorações das cerâmicas Koriabo é uma característica marcante, destacada por pesquisadores (BOOMERT, 2004; ROSTAIN, 2008, 2020; VAN DEN BEL, 2010; SALDANHA e CABRAL, 2008, 2020; CABRAL, 2011; LIMA e FERNANDES, 2016; CASTRO *et al.*, 2020, MÜLLER *et al.*, 2016). Embora haja um consenso geral sobre as características estilísticas dessas cerâmicas, a cronologia e origem exatas da fase Koriabo ainda têm gerado debates.

A partir desse contexto, trazemos o segundo aspecto que destacamos para relevância da pesquisa, que se refere ao atual debate existente sobre a área do médio-baixo Xingu. A partir da

identificação de materiais Koriabo na região, antes considerada um conjunto restrito à área guianense, podemos contribuir com os debates que pensam na dispersão dessa cerâmica em outras regiões, compreendendo melhor o contexto Koriabo fora do escudo das Guianas.

No livro *Koriabo: from the Caribbean Sea to the Amazon River*, publicado em 2020, vemos diversas menções a esse material escavado por Perota. Logo no primeiro artigo, Rostain e colaboradores (2020) destacam o sítio PA-AL-13 como relevante para se pensar a dispersão dessas cerâmicas. Nesse sítio, com base no material encontrado, foi definida a fase Cacarapi, cujas características diagnósticas se assemelham com a cerâmica Koriabo, como destaca Rostain (2020): “As decorações são características da cultura Koriabo na Guiana: incisões raspadas, apliques circulares, filetes com marcas digitadas e pintura vermelha” (p. 59). Além disso, o artigo de Saldanha e Cabral (2020) menciona justamente a coleção proveniente das escavações de Celso Perota alvo desta pesquisa, até então sem publicação, identificada por Bruno Barreto no Espírito Santo. E no artigo de Bruno Barreto (2020) ele também aponta para a necessidade de voltar a essa coleção e às datações obtidas por Perota para repensarmos a cronologia da região em comparação com as Guianas. A relevância de se estudar esse material inserido neste debate busca contribuir para pensar na dispersão dessas cerâmicas na Amazônia e as potenciais conexões entre Xingu e Guianas.

Devido às condições da coleção, brevemente descritas, utilizo métodos de análise que contribuam para refletir sobre a questão da “fase Koriabo” e sua dispersão, pois procuro relacionar as similaridades e diferenças das cerâmicas da região do Xingu com outros contextos arqueológicos. Para comparar esse material com as cerâmicas de outras regiões, precisamos elencar alguns elementos. Realizei a análise do material cerâmico de nove sítios situados entre o Baixo Xingu, a foz do Rio Iriri e o interflúvio com o Xingu-Acaraí.

A análise do material busca identificar aspectos que nos permitam inferir sobre diferentes modos de fazer a cerâmica. Para isso, realizo a análise dos fragmentos de borda e corpos com decoração a partir do enfoque tecnológico e tipológico, sobretudo com ênfase na morfologia, pasta e marcas de uso nos vasilhames. Para essa etapa, sigo uma lista de análise onde estão elementos comumente utilizados nas análises cerâmicas, assim, consigo utilizar desses mesmos elementos para comparar essas cerâmicas com os conjuntos já descritos de outras regiões. Por mais que a trajetória dessa coleção acarrete fatores limitantes, como, por exemplo, os impedimentos referentes aos contextos de deposição dessas cerâmicas, estes não impossibilitam o tratamento analítico e interpretativo. Buscamos, então, pensar nas especificidades dessa coleção, resgatando, a partir das informações disponíveis, novas possibilidades de associação e interpretação.

As cerâmicas do médio-baixo Xingu nos fazem refletir sobre a circulação de povos no eixo Xingu-Guianas. Pensando nessa circulação como redes, acreditamos que a presença de cerâmica Koriabo no Xingu pode contribuir para refletirmos sobre os processos de transmissão cultural que envolvem a dispersão dessas cerâmicas, através das redes e fluxos de ideias, materialidades e pessoas na história indígena de longa duração da Amazônia, seguindo reflexões de outras pesquisas sobre esse tema (BARRETO, 2015; VAN DEN BEL, 2010; SALDANHA e CABRAL, 2020).

O texto está dividido em três partes. No primeiro capítulo, busco trazer o contexto em que se insere o material arqueológico com o qual estou trabalhando. Dessa forma, parto de uma discussão sobre o estudo da cerâmica na arqueologia amazônica e como o PRONAPABA se insere historicamente, suas proposições e bases teóricas. De forma mais específica, sigo com a contextualização da área onde foram feitas as escavações de Celso Perota, também fazendo um levantamento das outras pesquisas desenvolvidas na região e finalizo apresentando o histórico da coleção.

No capítulo 2, o foco foi apresentar os caminhos que seguimos para viabilizar a análise, e quais os métodos de análise que adotamos. Mostro como se deu todo o processo de organização da coleção e como podemos explorar de coleções abandonadas todo o seu potencial analítico. Ainda apresento os sítios que foram analisados e trago os dados da análise em detalhamento do sítio PA-AL-39: Itapinima I.

Para finalizar, o capítulo 3 busca articular os resultados dos dados das análises dos sítios com os debates sobre as cerâmicas Koriabo na Amazônia. Apresento de modo mais sistemático o que eu identifiquei enquanto semelhanças e diferenças dessas cerâmicas com conjuntos de outros sítios e o que isso pode indicar sobre a circulação dessas pessoas e coisas na Amazônia.

Na conclusão, aponto para o potencial de uma discussão sobre agência (INGOLD, 2012 e 2015; BARAD, 2017; GELL, 2018; MILLER, 2013) como um caminho possível a ser desenvolvido na análise arqueológica. Meu intuito é indicar maneiras de dialogar os resultados da pesquisa com esse debate, ativando a ideia de que a matéria é dinâmica.

Capítulo 1 – Agregar de fios

A coisa, todavia, não é só um fio, mas um certo agregar de fios da vida.

(INGOLD, 2012, p. 38)

Para falar dessa(s) coisa(s) que compõem o objeto de minha investigação, busco pensar num agregar de fios. Posso dizer que essa pesquisa se inicia a partir do primeiro contato que tive com essa coleção, que só ocorreu em decorrência do vínculo de Celso Perota com o estado do Espírito Santo – ES. As investigações de Perota durante o PRONAPA² se deram na região costeira do Espírito Santo, e nesse movimento o professor se vinculou ao corpo docente da Universidade Federal e começou a viver no estado (Perota, 2007). Durante o PRONAPABA,³ Perota era professor da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, onde mantinha seus laboratórios com materiais provenientes de suas pesquisas. Durante as campanhas na Amazônia, ele realizou estudos na região dos rios Xingu e Tapajós (PEROTA, 1977, 1978, 1979, 1982 e 1990) e os materiais coletados a partir dessas expedições, em específico a coleção procedente das escavações no rio Xingu, é hoje foco de minha investigação.

Comecei a trabalhar com esse material ao longo de minha graduação em Ciências Sociais a partir de um projeto de extensão, o Grupo de Estudos de Arqueologia, coordenado por Igor da Silva Erlar, na UFES, onde realizei a catalogação dessa coleção do PRONAPABA. Esse material e todos os outros provenientes de pesquisas de Celso Perota haviam sido abandonados em um prédio em desuso na universidade após a aposentadoria do professor entre 1995 e 1999.

Após resgate realizado pelo IPHAN/ES no ano 2000, esses materiais passaram por diferentes locais provisórios até ficarem alocados permanentemente na reserva técnica da instituição (IPHAN/ES). Henrique Valadares (2013), em seu mestrado, trabalhou com as coleções arqueológicas do Espírito Santo, e, nesse processo, organizou todo o acervo, que tinha se misturado ao ser abandonado. Os vestígios provenientes das escavações na Amazônia estavam separados apenas com a indicação na etiqueta de Xingu ou Tapajós, parte dessa separação foi feita pela arqueóloga Bruna Rocha (2017), que foi até o IPHAN/ES estudar os

² PRONAPA: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Desenvolvido de 1965 a 1970, formou pesquisadores e pesquisadoras nas diversas regiões do país. As pesquisas realizadas no âmbito do programa revelaram um quadro complexo para ocupação pré-colonial no país. Além disso, a sistemática de trabalho desenvolvida tem forte influência no entendimento que se tem hoje sobre a ocupação pré-colonial no país (DIAS, 1994 e 1995).

³ PRONAPABA: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica. Desenvolvido de 1977 a 1981, foi coordenado por Mário Simões. O programa, seguindo as metodologias do PRONAPA, busca investigar algumas áreas que não haviam sido pesquisadas na Bacia Amazônica.

materiais do Tapajós. Além desses primeiros passos da organização da coleção, a partir da numeração marcada nos fragmentos poderia ser identificada a sua proveniência.

Após ser contratado como técnico em arqueologia em um concurso provisório da instituição, o arqueólogo Bruno Barreto, que realiza pesquisas no campo da arqueologia amazônica, tendo estudado em seu mestrado o Sítio Laranjal do Jari 01, assentamento associado às cerâmicas Jari e Koriabo, no sul do Amapá (BARRETO, 2015), organizou junto à universidade um projeto para curadoria do material. Diferentes bolsistas pesquisadores trabalharam na catalogação e organização da coleção. Ingressei nesse projeto de extensão no ano de 2018, onde fiquei durante um ano nessa função, até finalizarmos toda essa etapa de organização.

Ao se encerrar o projeto de extensão, protocolamos⁴ junto ao IPHAN um pedido para prosseguir com a análise. Parte desse projeto ressalta o meu interesse em realizar meu mestrado tendo como foco as cerâmicas enquanto objeto de minha investigação. Iniciei as análises realizando um levantamento das informações tecno-morfológicas das cerâmicas.

Com essa introdução inicial, abordo agora as pesquisas realizadas na Amazônia e como o PRONAPABA se enquadra nesses debates. Também apresento a região estudada e o histórico da coleção.

1.1 O estudo da cerâmica na arqueologia amazônica

Quando pensamos na história da arqueologia amazônica, consideramos que existe todo um contexto de pesquisas que influenciam diretamente o fazer arqueológico na região. O estudo da cerâmica foi por muito tempo o principal foco das investigações dos contextos arqueológicos na Amazônia. Tal fato pode se justificar pela grande quantidade de vestígios cerâmicos nessa região, que, devido às características climáticas e do solo, acabam sendo encontrados em maior abundância como remanescentes de populações passadas. Lima e colegas (2016, p. 21), em um resgate ao estudo da cerâmica na Amazônia, apontam que elas, desde o século passado, serviam como guia na identificação e delimitação geográfica dos grandes complexos culturais e da distribuição das tradições regionais.

Destacam-se as pesquisas de Erland Nordenskiöld no início do século XX (LIMA *et al.*, 2016), como um dos precursores, que, com base na observação das semelhanças e das diferenças na distribuição de conjuntos cerâmicos, entendidos como evidências de práticas

⁴ Foi protocolado na instituição o projeto de pesquisa “Cerâmicas arqueológicas do médio-baixo Xingu: a coleção do PRONAPABA e suas conexões com as guianas”, com a participação de Mariana Petry Cabral, Bruno de Souza Barreto, Daiane Pereira e Lorena Orletti Del Rey.

culturais diversas, abordou sobre a dispersão de grupos linguísticos na Amazônia, sugerindo que a dispersão da família linguística Arawak poderia ser observada na distribuição de cerâmicas arqueológicas. Quando consideramos esses primeiros estudos e também pesquisas posteriores, observamos que na medida em que se colocam novos problemas tanto teóricos como metodológicos, diferentes modos de se pensar o passado são estabelecidos.

Nesse sentido, Neves (2000) ressalta que quando falamos da história da arqueologia na Amazônia, podemos considerar três principais momentos. O primeiro momento, que remonta à década de 1940, consiste em pesquisas que investigavam a inter-relação entre mudanças ambientais e processos sociais e culturais, influenciados pela ecologia cultural norte-americana e pelo determinismo ecológico. O segundo momento envolve pesquisas que buscavam relacionar vestígios arqueológicos ao estabelecimento de fronteiras étnicas, especialmente linguísticas. Por fim, o terceiro momento consiste em pesquisas que investigam o impacto da colonização europeia sobre os padrões pré-coloniais de organização social e política na Amazônia, com o objetivo de repensar as ocupações nas terras baixas.

Em cada uma dessas perspectivas, diferentes hipóteses foram propostas sobre como as populações pré-coloniais ocuparam a Amazônia, quais seriam os caminhos seguidos e como os diferentes grupos indígenas se organizaram na floresta. Nas pesquisas implementadas por Betty Meggers e Clifford Evans no Brasil a partir da década de 1950, o conceito de Cultura de Floresta Tropical era central para o desenvolvimento das teorias dos autores. No modelo defendido, considerava-se que os grupos indígenas que ocupavam a Amazônia migraram de locais mais estáveis ecologicamente, onde desenvolveram uma cultura “mais complexa” com uma organização social estratificada, técnicas avançadas de agricultura e construções monumentais. De acordo com essas explicações, ao longo do tempo, esses grupos teriam se “degenerado” devido às condições do ambiente de floresta tropical (NEVES, 2019, p. 392-393). Assim, a explicação indicava que as cerâmicas encontradas foram desenvolvidas por esses grupos “degenerados”, sem possibilidade de grandes sítios que indicassem grandes ocupações. Além disso, devido à não fertilidade dos solos amazônicos, defendiam que os sítios eram resultado de reocupações sucessivas, que então produziram um registro arqueológico mais amplo e denso.

As cerâmicas foram tidas como centrais para o desenvolvimento das teorias que explicassem esse modelo de ocupação. Arqueólogos na América do Sul, devido a influências norte-americanas, passaram a adotar um sistema de classificação e análise de cerâmicas a partir do método Ford, que propunha o estabelecimento de cronologias relativas a partir do método de seriação de fragmentos cerâmicos. Com base no estabelecimento de tipologias e de cronologias, Meggers e Evans (1970 e 1987) propuseram uma classificação de horizontes

estilísticos na Amazônia. Com a definição dos diferentes horizontes estilísticos, poderiam ser vistas distintas características que se dispersaram por uma grande área, assim estabelecendo conexões com estilos locais de modo a localizá-las num tempo relativo. Para a Amazônia, foram definidos os horizontes “Zonado Hachurado”, “Borda Incisa”, “Polícromo” e “Inciso e Ponteados”.

Os horizontes estilísticos oferecem, portanto, um quadro crono-espacial para os diferentes conjuntos, formado pelos diversos tipos cerâmicos; nesta perspectiva, um tipo cerâmico refletiria a mudança através do tempo. Meggers e Evans (1970) defendiam que a classificação em tipos forneceria meios para construção de uma escala relativa de tempo, dessa forma seria possível estabelecer a relação cronológica de um sítio com outros que apresentam o mesmo conjunto de tipos cerâmicos (MEGGERS e EVANS, 1970, p. 10). Para a classificação de tipos, os autores apresentam elementos que seriam ideais a esse propósito, como o tempero (antiplástico), queima, acabamento de superfície, tratamento de superfície, técnica e motivos decorativos.

Segundo a abordagem proposta pelos autores, as *fases* são um complexo de traços culturais (cerâmica, lítico, padrões de habitação) que ocorrem em um ou mais sítios arqueológicos e estão relacionados no tempo e no espaço, são definidas em função de uma sequência de ocupação regional, seja esta contínua ou não. Quando, então, temos a continuidade desses traços culturais das fases, que se distribuem com persistência temporal, chamamos de tradição. Já o conceito de *horizonte* se refere a uma continuidade de traços ou conjuntos de traços culturais no espaço, cuja natureza e modo de ocorrência permitem a suposição de uma dispersão ampla e rápida, a marca distintiva de um horizonte seria a sua amplitude geográfica (DIAS, 2007, p. 67).

Tal abordagem histórico-cultural tem como principal objetivo explicar como as culturas nativas se desenvolviam, sendo interpretadas em função da difusão e da migração. Assim, Meggers e Evans buscavam aplicar no Brasil hipóteses desenvolvidas sobre a ocupação do território. Os autores pressupunham “que as sequências seriadas, organizadas em curvas lineares de popularidade dos diferentes tipos, apontariam, de forma sistemática, as principais mudanças ocorridas ao longo do tempo” (LIMA *et al.*, 2016, p. 22), aspecto que posteriormente foi bastante questionado em outras abordagens.

Tal modo de divisão e classificação da cerâmica apresenta alguns fatores entendidos como problemáticos para o estudo da cerâmica. Nesse sentido, trazemos algumas das críticas a esse modelo (SCHAAN, 2014, 2007; RAYMOND, 2009). Com relação ao método, há diferentes questões que se acentuam quando pensamos na sua aplicabilidade nos conjuntos

cerâmicos nas terras baixas tropicais. Esse sistema de tipologia é definido apenas com base em uma ou duas variáveis nominais, assim, define-se um tipo a partir de basicamente uma característica como, por exemplo, tempero. Além disso, os gráficos de frequência normalmente indicam processos de mudança cultural como sendo graduais, mas podemos pensar nesses processos de mudança estilística considerando outros fatores que não indicam essa mudança gradual (SCHAAN, 2007, p. 79; RAYMOND, 2009, p. 516).

Por esse método ter sido aplicado muitas vezes como uma classificação definitiva dos complexos cerâmicos, essas tipologias são pensadas como representantes de grupos que compartilham uma linguagem comum, ideias e regras sobre modos de fazer e usos das cerâmicas, no entanto, podemos ver que essas classificações tipológicas não necessariamente dizem de uma certa uniformidade cultural. Vemos em alguns debates que a análise cerâmica, suas classificações e a relação com línguas indígenas são muito mais complexas, como quando pensamos na ocupação desses espaços (RAYMOND, 2009).

Dentro do segundo grupo de pesquisas apontado por Neves (2000) e no horizonte de teorias que criticavam algumas das questões propostas por Meggers e Evans, temos as teorias desenvolvidas por Donald Lathrap e alguns pesquisadores que ele orientou. Tais proposições defendem modelos de ocupação baseados em dados linguísticos na Amazônia a partir das premissas do “modelo cardíaco”,⁵ um modelo que se opunha às abordagens que utilizam o conceito de Cultura de Floresta Tropical para compreender a Amazônia:

Lathrap apresentou uma hipótese geral para a distribuição de línguas indígenas (1970a: 68-83) propondo que os dois troncos lingüísticos mais difundidos das terras baixas, Arawak e Tupi, tiveram uma origem comum na Amazônia central ao redor de 5.000 anos AP. Tal hipótese foi baseada na correlação dos supostos locais de origem dessas protolínguas com a distribuição de complexos cerâmicos nas terras baixas, em oposição aos modelos lingüísticos predominantes na década de 60, que reconheciam uma origem na Amazônia ocidental para esses troncos lingüísticos (NOBLE, 1965). (NEVES, 2000, p. 97).

Nas abordagens de Lathrap, conforme destacam Rocha (2017, p. 216) e Gaspar (2019, p. 27), foi incorporada e desenvolvida a análise modal proposta inicialmente por Irving Rouse. Nesta proposta de análise é considerada a existência de um sistema conceitual que orienta as

⁵ Pelo “modelo cardíaco”, Lathrap propôs um modelo explicativo para a distribuição dos grandes grupos linguísticos e estilos cerâmicos na Amazônia. Segundo esse modelo, a partir da Amazônia central, considerada pelo autor o centro mais antigo de desenvolvimento de agricultura e sedentarismo no continente americano, em um contínuo êxodo populacional centrífugo se deu a ocupação das bacias dos principais afluentes do Amazonas, como o Negro e o Madeira, além do Solimões e do baixo Amazonas. Lathrap considerou duas principais migrações: uma relacionada a grupos falantes de línguas da família Maipuran da família Arawak, que associou à série ou tradição cerâmica “Barrancóide” ou Incisa-Modelada; e outra ligada a grupos da família linguística Tupi-Guarani, representada pela distribuição de cerâmicas policromas associadas à terra preta arqueológica (LATHRAP, 1970, 1972, 1974, 1977 *apud* HECKENBERGER, NEVES e PETERSEN, 1998).

escolhas de quem produz os objetos, esse sistema é compartilhado e transmitido de geração em geração e também entre comunidades. Essa classificação analítica nos permite organizar os padrões culturais e normas compartilhadas por uma comunidade de fabricantes e usuários de um material (ROUSE, 1939; 1960 *apud* ROCHA, 2017, p. 217).

Nessas abordagens, as cerâmicas são entendidas enquanto marcadores de processos sociais, assim, buscava-se estabelecer a correlação entre a distribuição dos estilos cerâmicos e a dispersão dos grandes troncos e famílias linguísticas (Lima *et al.*, 2016). A partir dessa perspectiva, as relações entre as pessoas e o meio ambiente, a partir da definição do conceito de paisagem de modo contrário a uma visão meramente adaptativa, passa a considerar a agência humana e a história. Os trabalhos de Donald Lathrap, influenciados por tal conceito, ressaltam a agência e protagonismo das populações indígenas na domesticação de plantas e na produção de cerâmica (SCHAAN, 2014).

Assim, podemos considerar que as formas gerais das vasilhas passam a ser priorizadas para estabelecer relações entre conjuntos cerâmicos, em comparação com a ênfase em atributos isolados dos fragmentos dada por Meggers e Evans. Nesse sentido, como destaca Gaspar (2019, p. 26), a análise da forma permite uma identificação mais precisa de aspectos relacionados à dieta, tecnologia de preparação e etiqueta no consumo de alimentos. Embora as técnicas decorativas possam estar associadas a estilos decorativos específicos, reconhecidos pelos motivos primários e regras de organização em desenhos complexos, além de regras de simetria, elas têm menor relevância nessa classificação.

A percepção histórica nos trabalhos de Lathrap levou ao uso da ideia de tradição para comparar os complexos cerâmicos, nesse sentido, “com a clara intenção de que se aproximasse de unidades e ‘fronteiras étnicas reais’, ao contrário da ideia de horizonte, como faixas contemporâneas se estendendo ao longo de grandes áreas” (BROCHADO e LATHRAP, 1982, p. 9-10, *apud* GASPAR, 2019, p. 27). O modelo proposto por Lathrap abriu portas para se colocarem novas questões às pesquisas desenvolvidas na Amazônia, considerando novas possibilidades de cronologias, modos de organização social e teorias de ocupação. No entanto, tal perspectiva também foi criticada ao propor modelos baseados em dados linguísticos, com a alegação de que tal relação acarretaria problemas conceituais, como aponta Neves (2000, p. 97):

Evans (1971), por exemplo, apontou para os problemas conceituais envolvidos na correlação entre língua e cultura material, uma objeção posteriormente repetida por outros arqueólogos atuantes na Amazônia (Meggers & Evans 1973; Roosevelt 1992).

Trazendo o último período apontado por Neves (2000), o autor resalta as pesquisas que passam a incorporar os problemas do impacto da colonização sobre padrões pré-coloniais de

organização social e política na Amazônia. Esse debate foi colocado principalmente por Anna Roosevelt, como sumariza Neves:

(...) um breve exame da distribuição das sociedades indígenas contemporâneas na região mostra que a maioria das áreas de várzea do baixo e médio Amazonas não são mais ocupadas por populações indígenas numerosas. A única exceção no Brasil são os Tikuna do alto Solimões, cuja ocupação inicial nessa área remonta provavelmente ao século XVIII (Nimuendajú 1982; Porro 1996). Desse modo, há que se ter cautela na utilização de padrões indígenas atuais de organização social, política e econômica na Amazônia na explicação da diversidade de padrões que prevaleciam antes do século XVI (Roosevelt 1989) (NEVES, 2000, p. 100).

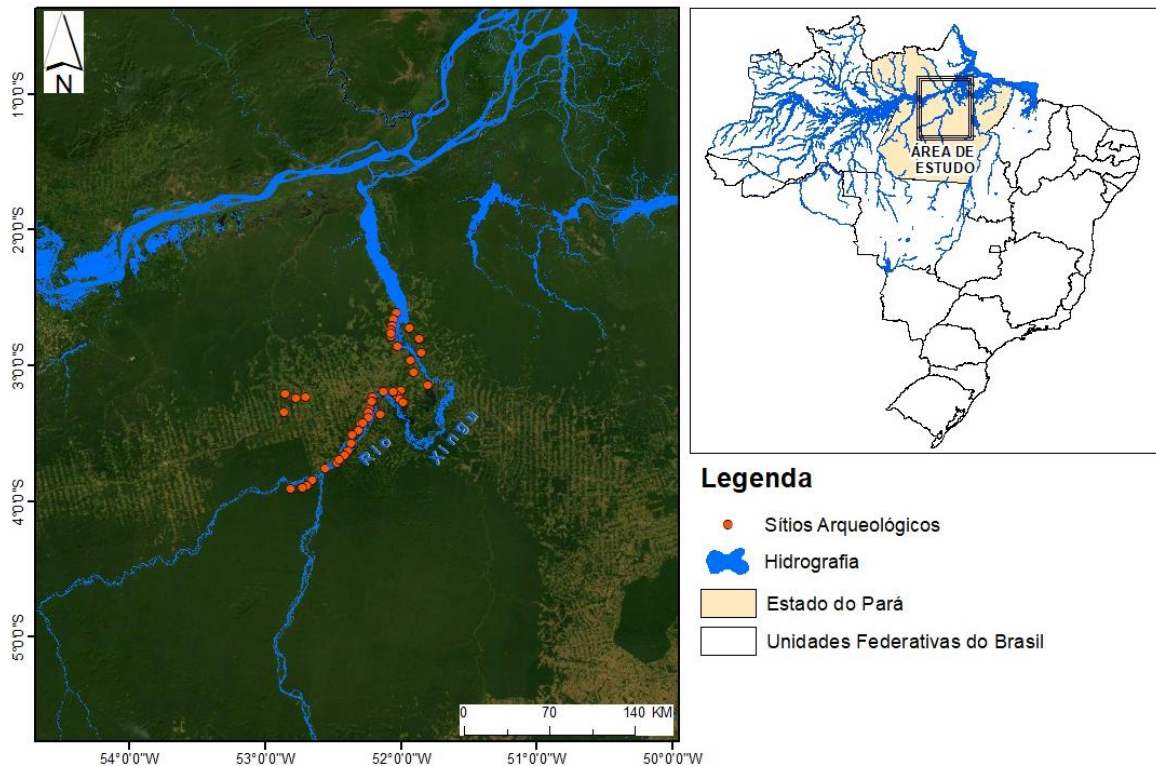
A partir dessa breve contextualização podemos notar que no estudo da cerâmica temos diferentes caminhos que se estabeleceram na arqueologia amazônica. De modo mais expressivo, vemos que a classificação de conjuntos cerâmicos proposta por Meggers e Evans e a associação de conjuntos cerâmicos com famílias linguísticas indígenas proposta por Lathrap direcionaram muitas pesquisas que se desenvolveram na região.

A coleção que analiso neste trabalho provém de escavações realizadas nas pesquisas do PRONAPABA, programa implementado após o PRONAPA. Cabe ressaltar que no PRONAPA as propostas de Meggers e Evans foram amplamente difundidas para a classificação de diversos conjuntos cerâmicos no Brasil. Nesse sentido, essa contextualização é relevante para pensarmos em como esse debate se insere nas análises do material que realizo.

1.2 Região de estudo

A partir de uma contextualização geral sobre o estudo da cerâmica na arqueologia amazônica, podemos entender melhor sobre como esse panorama moldou as pesquisas desenvolvidas. O material analisado nesta pesquisa foi escavado na região do médio-baixo Xingu, em específico uma região conhecida como Volta Grande do Xingu, que consiste em “um trecho do médio curso desse rio, que se inicia a jusante do município de Altamira, onde o rio faz uma inflexão em sentido sudeste, completando um arco de parábola e voltando sua direção ao norte, desenhando uma ferradura traçando um percurso de 140km” (BARRETO, 2001 *apud* CASTRO, 2020). Vale mencionar que esta é uma região ainda hoje habitada por vários povos indígenas, com um mosaico de territórios a montante da Volta Grande (ISA, 2023), sobre os quais não terei fôlego para discutir aqui.

Figura 1 – Localização da área de estudo com indicação de todos os sítios cadastrados na região do Rio Xingu durante as diferentes campanhas do PRONAPABA



Fonte: Elaborado por Giovanna Del Rey.

A região do estudo é identificada como de grande potencial arqueológico, no entanto, são poucas as pesquisas desenvolvidas na região. Fernandes, Lima e Ribeiro (2018) destacam:

Apesar do enorme potencial arqueológico, poucas pesquisas eminentemente arqueológicas foram realizadas na região, estas se resumindo a um trabalho de Celso Perota nos anos 1990 (PEROTA, 1992, PEROTA; BOTELHO, 1994) e breve inventário realizado em 2008-2009 (SCHAAN; MARTINS, 2010); e o atual projeto (LIMA *et al.*, 2016) (FERNANDES, LIMA e RIBEIRO, 2018, p. 403).

Ao realizar esta pesquisa, também me deparei com outros estudos na região que devem ser mencionados. Há pesquisas que ocorreram no baixo e médio Xingu, como o Estudo de Viabilidade da construção do Complexo Hidrelétrico das usinas Babaquara e Kararaô, em Altamira, realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (CALDARELLI, 1999). Além disso, destacamos a presença de pesquisas etnoarqueológicas com povos indígenas da região, como os trabalhos de Fabíola Silva, que tiveram início em 1996 com sua pesquisa de doutorado *As Tecnologias e seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asurini do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica* (SILVA, 2000), na Terra Indígena Koatinemu e Xikrin do Cateté. Mais recentemente, novas pesquisas foram realizadas na TI Koatinemu (GARCIA, 2017). Também há outras pesquisas recentes na região da Volta Grande

do Xingu, como o licenciamento ambiental de obras por empresas de consultoria (MÜLLER *et al.*, 2016). Já no baixo Xingu, há o projeto Origens, Cultura e Ambiente – OCA, vinculado ao Museu Paraense Emílio Goeldi, que abrange desde a ilha de Gurupá até a Floresta Nacional de Caxiuanã (LIMA e FERNANDES, 2016; RIBEIRO *et al.*, 2016), ao qual a citação mais acima está vinculada.

Neste conjunto, destaco que a região passou por um levantamento arqueológico no âmbito do licenciamento ambiental para construção da Usina de Belo Monte, que resultou em novas publicações e pesquisas. Destaco a pesquisa de mestrado de Andrey Maciel Castro (2020), assim como os artigos de Castro, Müller, Heinen e Kipnis (2020) e Kipnis e Caldarelli (2019). Essas publicações são extremamente relevantes, uma vez que a região em questão apresenta alto potencial arqueológico e foi afetada por grandes projetos. Os contextos arqueológicos observados com essas pesquisas serão analisados no próximo capítulo junto aos dados obtidos na análise do material.

Para seguir com a caracterização da área, é importante mencionar as publicações de Celso Perota, bem como outras pesquisas desenvolvidas e publicadas, com o objetivo de apresentar o contexto arqueológico do médio-baixo Xingu.

1.2.1 Caracterização da área – médio-baixo Xingu

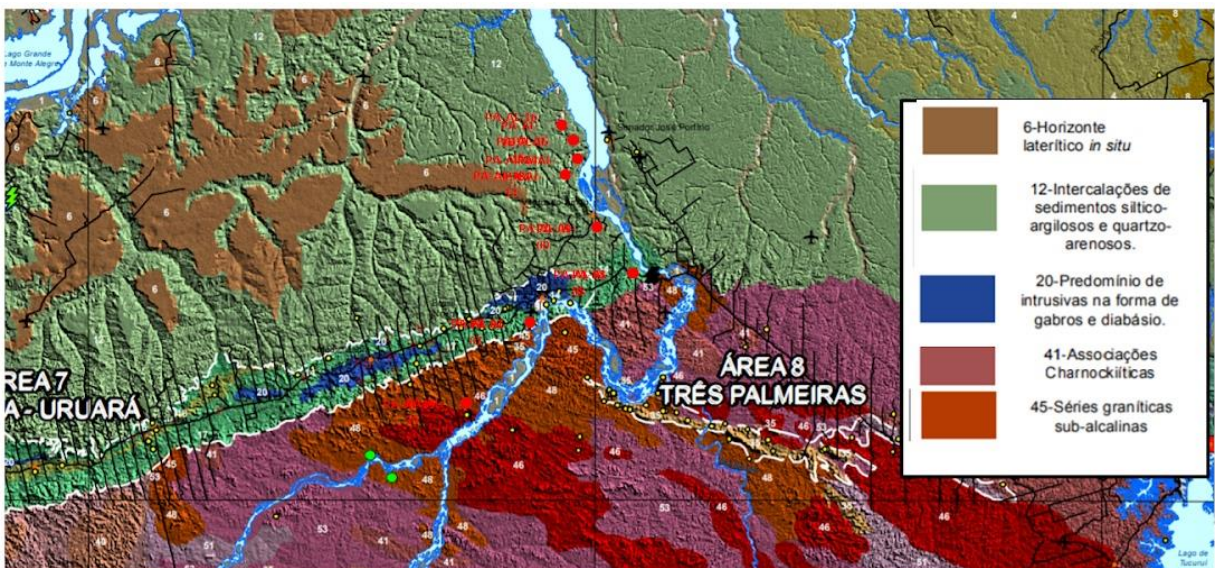
Para começar a falar do rio Xingu, resgato um elemento sonoro, meio pelo qual me aproximei desse elemento tão importante para minha pesquisa. A música *Rio Xingu* do Grupo Uakti – Águas da Amazônia me transportou para esse lugar e me permitiu sentir e construir uma percepção do que é essa região por meio dos sons. Passei a ver o rio com suas águas que chegam com muita presença, se alteram, se expandem e fluem, pedras e cachoeiras, sempre com a sensação de que existe algo a se descobrir nesse fluir. Como sugestão, trago esse elemento aqui porque sinto que eles se complementam: ler sobre o rio, mas também ouvir o rio pela música.

As populações indígenas que produziram ou se relacionaram com os materiais analisados nesta pesquisa estão intimamente ligadas ao rio Xingu, que é um dos principais afluentes do rio Amazonas. O rio Xingu, em seu curso, atravessa dois estados, Mato Grosso e Pará, perfazendo aproximadamente 1900 quilômetros de extensão e abrangendo uma área de cerca de 531.250 km² (OLIVEIRA e MATOS, 2023).

Os aspectos fisiográficos que ocorrem em seu curso permitem separá-lo em três segmentos denominados de alto Xingu, médio Xingu e baixo Xingu. A região do baixo Xingu se estende da foz do rio Iriri, afluente da margem esquerda até a foz no rio Amazonas; é uma

área que apresenta um grande trecho navegável, sendo que, no período de seca, surgem as praias de areia clara, transformando o cenário. Os trechos médio e alto do rio Xingu, por outro lado, apresentam muitas cachoeiras, mudando a paisagem (CASTRO, 2020, p. 8). As águas do rio Xingu apresentam pouco material em suspensão e fluem sobre rochas do Complexo Xingu, que é constituído por rochas polimetamórficas de alto grau de composição granodiorítica. A jusante da cachoeira da Volta Grande ocorrem os sedimentos do Grupo Barreiras, composto de arenitos finos, siltitos, argilitos e caulínicos (SILVA *et al.*, 1972 *apud* PEROTA, 1992, p. 211).

Figura 2 – Mapa com as duas principais formações geológicas da região



Fonte: Carta Geológica do Brasil (CPRM).

A partir do trabalho de Castro (2020), realizado com base no relatório do *Projeto de Arqueologia Preventiva nas Áreas de Intervenção do CHE Belo Monte, Rio Xingu-PA* (SCIENTIA, 2008 *apud* Castro, 2020, p. 9), apresento aqui alguns elementos importantes sobre a caracterização ambiental dessa região. A bacia do rio Xingu exibe uma vasta diversidade vegetal, podendo ser identificadas diversas unidades de paisagem. Entre elas, destacam-se as florestas ombrófilas, que podem ser tanto densas como abertas, e que são diretamente influenciadas pelo clima úmido da região. Além disso, encontramos áreas de vegetação aluvial, que são diretamente influenciadas pelo sistema hidrológico do rio Xingu. Também há áreas de florestas secundárias, que podem ser recentes ou antigas, bem como áreas de capoeiras abandonadas pela agricultura familiar e áreas destinadas ao uso agropecuário, como culturas de ciclos curtos, longos e pastagens. Contudo, essa vegetação vem se modificando, sobretudo a partir do início da década de 1970, principalmente para prática da agricultura familiar e pecuária.

Os trabalhos realizados na região do Xingu no âmbito do PRONAPABA são de grande importância pela sua abrangência, pois a área investigada abrange tanto o médio-baixo Xingu quanto o baixo Iriri e a zona de interflúvio Xingu-Acaraí. Depois dos trabalhos realizados no âmbito do PRONAPABA, a região do Xingu teve uma lacuna de investigações. Andrey Castro (2020), em sua pesquisa de mestrado, ressalta esse contexto da região, e destaca que a bacia do Xingu

era considerada como periferia da Amazônia, área de transição e de fronteira, cuja simbologia última é acompanhada pela necessidade de esforços para sua integração. Essa mesma integração enfrentava um desafio perene à frente, o suntuoso bioma amazônico que precisaria ser contido, ao passo que o componente humano foi por muito tempo ignorado, a partir da política de ocupação pelo mito dos “espaços vazios”, ou então deveria ser amansado, assim como a natureza (CASTRO, 2020, p. 7).

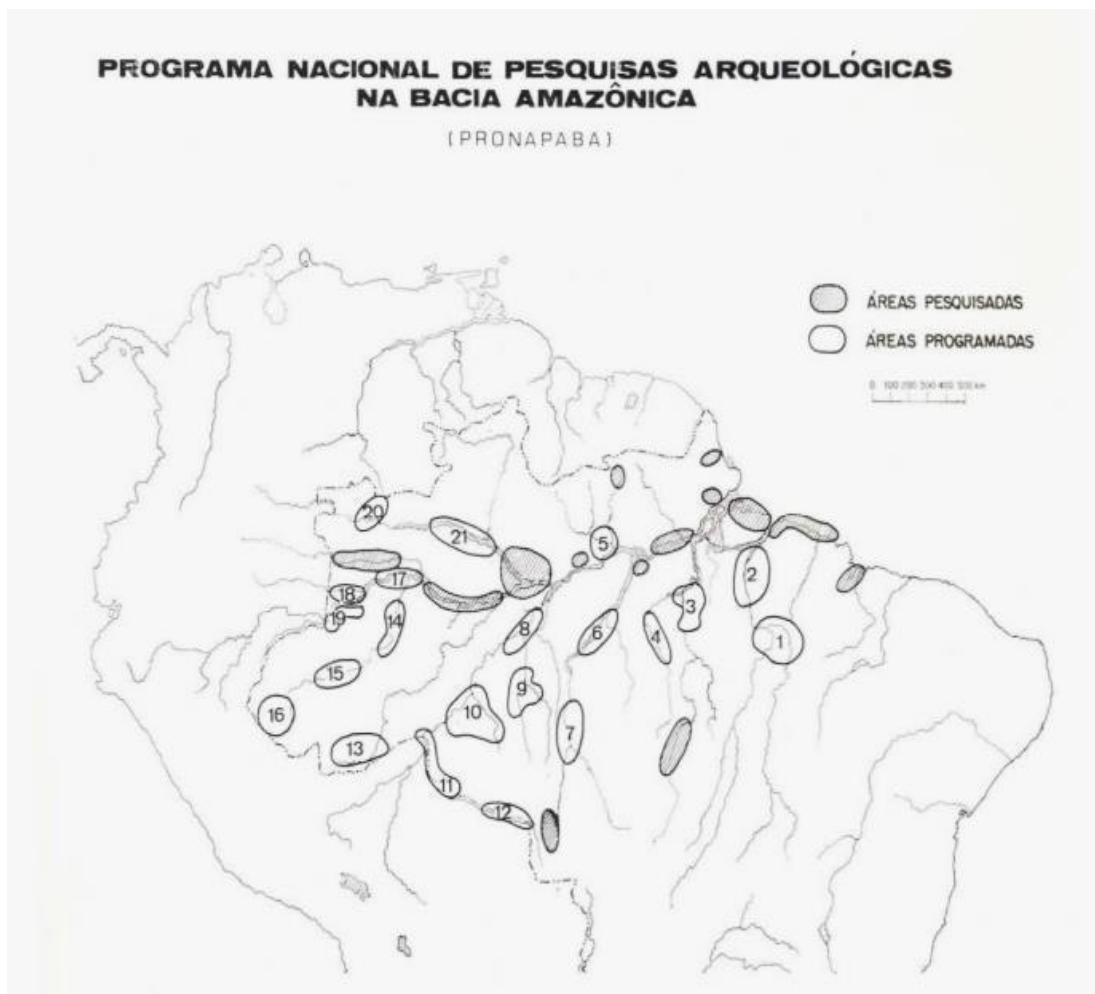
Após a passagem de viajantes e exploradores, é importante destacar as pesquisas do PRONAPABA tocadas por Celso Perota nos anos de 1977 e 1978. Elas foram as primeiras, sob o ponto de vista arqueológico, a buscar uma caracterização da ocupação humana na região do médio Xingu. Portanto, passo agora à apresentação dessas pesquisas na região.

1.2.2 Pesquisas arqueológicas e a atuação de Celso Perota no PRONAPABA

O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica foi implementado entre 1977-81, coordenado por Mário Simões e integrado pelas equipes de Eurico Miller, Ondemar Dias e Celso Perota. O programa se desenvolveu com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Smithsonian Institution (dos EUA), com apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da UFES, além de outras instituições que contribuíram para execução do projeto. O PRONAPABA teve como diretores científicos Clifford Evans, Betty J. Meggers e Mário F. Simões (SIMÕES, 1977). Posterior ao PRONAPA,⁶ o programa se desenvolveu tendo em vista as grandes possibilidades de pesquisas e investigações na região amazônica. Dessa forma, buscava-se investigar áreas que ainda não haviam sido pesquisadas durante o PRONAPA.

⁶ No PRONAPA, Mário Simões atuou em algumas áreas da Amazônia, conforme indicado no mapa.

Figura 3 – Mapa com as áreas pesquisadas no PRONAPA e planejadas para o PRONAPABA. A área 3 foi investigada por Celso Perota, onde foram coletados os materiais os quais trabalho nesta pesquisa.



Fonte: SIMOES, 1977, p. 298.

Durante o desenvolvimento do PRONAPABA, seguindo as propostas de Meggers e Evans de classificação e análise de cerâmicas a partir do método Ford, foram realizadas pesquisas em áreas selecionadas da Bacia Amazônica. O Programa tinha por objetivo, no tocante à ocupação pré-colonial da Amazônia, testar a aplicabilidade do modelo de “refúgios florestados” proposto por biólogos⁷ para explicar as diversificações observadas no ecossistema atual da região (SIMÕES, 1977, p. 299). Ao identificar as mudanças no ecossistema, buscavam evidências que poderiam revelar diferenças na antiguidade das culturas pré-coloniais adaptadas à floresta tropical, refletindo sobre a possível continuidade dessas populações. Além disso, buscavam ampliar o quadro crono-espacial de ocupações antigas para a região.

Conforme as premissas da ecologia cultural que subsidiaram estas abordagens, os

⁷ Haffer, Vanzolini, Sheppard Brown, Pranca e outros (SIMÕES, 1977).

aspectos ambientais eram cruciais para a compreensão dos modos de vida das populações indígenas (MEGGERS, 1971). Buscou-se testar a aplicabilidade desses modelos que consideravam que havia períodos “sucessivos de fragmentação e coalescências da floresta tropical úmida, motivados por modificações climáticas ocorridas desde o Pleistoceno” (SIMÕES, 1977, p. 299).

A definição das fases e tradições da região é a base para muitas das pesquisas que debatem a história antiga de ocupação do território na Amazônia. No desenvolvimento do programa, foram definidas várias fases arqueológicas para as cerâmicas de diferentes áreas e tradições da Amazônia brasileira. A partir dos trabalhos do PRONAPA e do PRONAPABA, surgiram publicações importantes para sistematização, definição de metodologias e termos para classificação do material, como, por exemplo, as publicações *Como interpretar a linguagem da cerâmica* (MEGGERS, 1970) e o *Índice das Fases Arqueológicas* (SIMÕES, 1972). Além disso, diversas pesquisas foram desenvolvidas com base no modelo de classificação defendido pelos autores.

Entre os anos de 1977 e 1990, Celso Perota desenvolveu diversas atividades de campo na região dos rios Xingu, Tapajós e Purus (PEROTA, 1977, 1978, 1979, 1982, 1990). Na bacia do Xingu, foram cadastrados mais de 50 sítios distribuídos desde a altura do baixo Xingu até a foz do rio Iriri e a região do interflúvio Xingu-Acaraí. A partir dos relatórios, é possível observar que a metodologia aplicada em campo consistiu na realização de escavações de pequenos cortes estratigráficos e coletas de superfície, que foram realizadas na maior parte dos sítios, revelando uma profusa diversidade de cultura material e contextos arqueológicos.

Além dos relatórios publicados no âmbito do programa, temos algumas publicações em que Perota faz menção aos sítios escavados durante o programa, como, por exemplo, “Os Sambaquis do Guará e as Variações Climáticas no Holoceno” (PEROTA e BOTELHO, 1994), “Cambios Climáticos y la Ocupacion Pre-Historica en la Amazonia” (PEROTA, 1992) e “Adaptação agrícola no baixo Xingu” (PEROTA, 1992).

A partir do recorte que estabeleço na pesquisa, trabalho com os materiais que foram escavados na região do médio-baixo Xingu. A principal publicação na qual Perota defende um modelo de ocupação para a região é o texto de 1992, “Adaptação agrícola no baixo Xingu”. Embasado pela perspectiva teórica do PRONAPABA, nesse artigo o autor busca explicar como se deu a ocupação na região do baixo Xingu, relacionando alterações na paisagem e padrões culturais.

Elaborado a partir dos dados coletados nas expedições 1977, 1978 e com ênfase na de 1990, que teve como objetivo verificar no tempo e no espaço a migração das fases e tradições definidas na região a montante do rio Xingu, o artigo analisa os sítios e suas localizações, agrupados nas respectivas fases e tradições, junto às datações de C-14 para avaliar as formas de adaptação ao espaço. A região considerada do baixo Xingu abrange a área entre a foz do rio Iriri, afluente da margem esquerda, até a foz no rio Amazonas. Nessa região são identificados dois principais contextos naturais: 1) Entre a grande cachoeira até a foz do rio Iriri: relevo ondulado, floresta tropical densa e 2) A jusante da cachoeira da Volta Grande: relevo pouco movimentado, em que a cobertura vegetal em terra firme permanece parecida, mas modifica-se em depósitos aluvionais (PEROTA, 1992).

Seguindo os métodos do programa, são definidas as fases e tradições identificadas a partir dos fragmentos de cerâmica encontrados nos sítios. O autor afirma que nitidamente tratavam-se de grupos agricultores, devido ao uso de artefatos específicos de cada fase que apontam para isso, como rodela de fuso, pratos/assadores, raladores e vasilhames gerais que refletem situações de uso na transformação e consumo de produtos agrícolas. Com base nas datações de C-14, análise do ambiente e do material arqueológico encontrado, Perota desenvolveu um esquema interpretativo sobre a evolução paleoambiental e a adaptação da população agrícola na região a partir de 3.200 A.P.

Neste modelo interpretativo, é indicado que a ocupação mais antiga se refere à fase Macapá da tradição Mina, além do desenvolvimento da tradição Guará, que é marcada pelo uso da mandioca e dieta com recursos malacológicos, peixes e caça. Os raladores sugerem o uso da mandioca doce. Na fase Independência, o uso de moluscos sazonais e o assentamento em uma região intermediária de terra firme e várzea indicam que a mandioca doce continuou a ser consumida. As fases Cacarapi e Criajo, com assentamentos nos tabuleiros do Grupo Barreiros, indicam que a escolha foi devido à oscilação do nível do rio, pressão ambiental e conhecimento da mandioca brava. Na fase Salvaterra, que se desenvolveu quando o clima era mais seco e o rio estava abaixo do nível atual, o material erodido e de forma esporádica indica que houve transporte dos testemunhos em um momento de intensidade pluviométrica. O estudo dos assentamentos das outras tradições que ocuparam a área (Itacaiúnas⁸ e Inciso Ponteadá) não indicava situações de mudanças ambientais. Segundo Perota (1992), os acidentes geográficos separaram essas tradições, além de afetarem o relevo e a dinâmica do rio: as tradições Polícroma

⁸ No artigo “Adaptação agrícola no baixo Xingu” (1992), Itacaiúnas é definido como uma tradição e foram atribuídas para essa tradição, a partir dos materiais coletados, as fases pacajá e arara.

e Mina se desenvolveram a jusante desses acidentes (área de várzea), enquanto as tradições Itacaiúnas e Inciso Ponteada se desenvolveram a montante (área de terra firme).

Por mais que esse sistema de classificação do PRONAPA e PRONAPABA acabasse passando a parecer a finalidade maior da pesquisa, e não um meio para a descrição e sistematização de dados (DIAS, 2007, p. 63), a partir da grande quantidade de dados que seguem certo padrão, foi possível estabelecer a comparação entre diferentes regiões a partir de uma terminologia uniformizada, sustentando argumentações para o modelo de ocupação defendido. Lima e colegas (2016) destacam que,

embora as classificações das cerâmicas em fases e tradições, e o repertório terminológico do aporte desta escola ainda constituam a mais importante referência para a maioria dos arqueólogos que trabalham na Amazônia brasileira, muitos descobriram que é necessária uma grande mudança de direção nos métodos de classificação e interpretação da cerâmica amazônica (Schaan, 2007; Machado, 2007; Barreto, 2010; Lima e Neves, 2011) e no desenho de um modelo geral mais dinâmico para a cronologia cultural da região (Neves, 2008; Heckenberger, 2008, por exemplo) (LIMA *et al.*, 2016, p. 23).

Nesse sentido, busco estabelecer conexões entre questões emergentes da arqueologia amazônica e a coleção gerada pelas escavações realizadas nesses grandes projetos de pesquisa nacionais. Além disso, repensar o lugar desses materiais nas reservas técnicas, com o objetivo de explorar novas possibilidades de análise que possam contribuir para a compreensão do contexto de ocupação da região.

1.3 A história de uma coleção órfã

Todos os materiais coletados por Celso Perota durante a realização das atividades de campo do PRONAPABA e também de outras pesquisas realizadas durante mais de 40 anos de trabalho ficavam salvaguardados no campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo e sob os cuidados do professor. Após a aposentadoria de Celso Perota e afastamento das atividades na Universidade, não são conhecidos os motivos, se devido a problemas de comunicação entre os setores tecno-burocráticos da UFES ou durante a breve ausência do arqueólogo aposentado, entre os anos de 1995 e 1999, toda a coleção arqueológica decorrente de pesquisas desenvolvidas pelo professor, tanto no estado do Espírito Santo quanto aquelas do PRONAPABA, foi transportada do antigo laboratório de arqueologia no campus de Goiabeiras para um prédio abandonado no campus de Maruípe da UFES.

Conforme relatado por Valadares (2013), no ano 2000, após a visita de Celso Perota,

Henrique Valadares e Carol Abreu⁹ ao campus, toma-se conhecimento do fato e começam a discutir um plano de ação para resgate do material. O material arqueológico estava em um edifício abandonado da universidade, com janelas quebradas e em condições precárias. O cômodo onde se encontravam os materiais provenientes das pesquisas estava com a porta quebrada e trancada por um vergalhão. Dentro do cômodo, o material arqueológico encontrava-se misturado com lixo, material odontológico descartado e móveis quebrados.

Devido às condições precárias do acervo, é elaborado um plano de ação entre o arqueólogo Celso Perota e o IPHAN/ES para resgate desse material na tentativa de recuperar as informações referentes ao acervo. Devido às condições em que estava todo material, a primeira ação foi de iniciar o processo de acondicionamento do material em sacos e caixas para viabilização da retirada do material do local, processo esse realizado por Henrique Valadares, coordenado por Celso Perota. A partir desse movimento, o material seria transportado para um lugar seguro que possibilitasse um tratamento adequado para a recuperação das informações do acervo e sua reorganização.

Figura 4 – Vistas gerais do prédio no campus de Maruípe da UFES em que estavam os materiais arqueológicos provenientes das pesquisas de Celso Perota durante sua carreira na universidade. Na última imagem, dentro da sala azulejada, misturado a material odontológico descartado, parte do material da coleção do PRONAPABA misturado às coleções arqueológicas do Espírito Santo.



⁹ Na época da visita no ano 2000, Carol Abreu era a representante do IPHAN e Henrique Antônio Valadares Costa era graduando do curso de História da UFES e estagiário de Arqueologia.



Fonte: Acervo do IPHAN/ES (ABREU, 2000 *apud* VALADARES, 2013, p. 32).

Conforme descreve Valadares (2013, p. 30-32), nas duas semanas seguidas após tomarem conhecimento da situação da coleção, o material estava sendo preparado para o transporte e precisou ser emergencialmente enviado para a Escola da Ciência – Biologia e História, da Secretaria Municipal de Educação de Vitória, ficando acondicionado nas dependências desse espaço musealizado e educativo até o ano de 2005. Essa movimentação ocorreu rapidamente, após serem informados de que a prefeitura da universidade realizaria uma limpeza no prédio da universidade onde estavam acondicionados os materiais. Com essa notificação feita, por meio de um telefonema de um funcionário da universidade a Henrique Valadares, ele se assusta e liga para a diretora da Escola da Ciência – Biologia e História, que disponibilizou funcionários e transporte para o traslado do material. Em setembro de 2005 se inicia o projeto de “Tratamento das Peças Arqueológicas do Espírito Santo – Acervo Celso Perota”. O processo de tratamento desse acervo envolveu uma distinção básica entre materiais provenientes do Espírito Santo e da bacia amazônica, bem como entre artefatos pré-coloniais e do período pós-contato. Com a execução desse projeto, os materiais também foram sendo gradativamente transportados para a reserva técnica do IPHAN/ES, na época localizada no atual

espaço do Museu Solar Monjardim, até fevereiro de 2006, finalizando um ciclo de atividades iniciadas com o resgate no ano 2000.

A partir de 2005 começa a transferência de sede da Superintendência do Iphan para a Casa na Rua José Marcelino, nº 203/205, no Centro de Vitória, e nesse processo de transferência esses materiais são levados para esse novo local onde ficam até 2013. Em 2013 esta sede foi restaurada e ampliada e esses materiais ficaram acondicionados temporariamente na sede provisória da instituição durante a reforma. Após a finalização da reforma, que incluiu a construção de um anexo para a instalação da reserva técnica, o material volta ao prédio da instituição onde fica acondicionado.

Com exceção do trabalho de Valadares (2013), não houve outras iniciativas para organização da coleção até 2016, quando a arqueóloga Bruna Rocha (2017) vai até o Espírito Santo buscando os materiais que foram escavados por Perota na bacia do rio Tapajós. Em sua tese, ela relata que: “We spent the best part of our ten days at the Superintendancy of the IPHAN separating the Tapajós material from that of the Xingu River and then trying to organize it. The great majority of the upper Tapajós material was not numbered and therefore, was not identifiable” (p. 211). A partir da descrição de como essa coleção foi movimentada pelas instituições, podemos notar que durante todos esses anos a coleção amazônica passou por processos de abandono, de resgate e de guarda, mas as ações de pesquisa só foram retomadas com Rocha (2017) e agora com essa dissertação.

Como relatado anteriormente, a iniciativa de se voltar a esse material foi empreendida por uma ação conjunta do arqueólogo Bruno Barreto e o Grupo de Estudo de Arqueologia da UFES. Essa ação de inicia no ano de 2017, visando à separação e catalogação de toda a coleção do Xingu e Tapajós, para a viabilização de pesquisas posteriores. No ano de 2018, eu passo a trabalhar com essa coleção junto ao projeto de extensão, realizando a catalogação desses materiais. Em 2019, levamos a coleção do Xingu para o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG para realizar minhas análises, onde o material ficou até dezembro de 2022, retornando à reserva técnica do IPHAN/ES, sua instituição de guarda.

A trajetória da coleção se aproxima das discussões propostas por Voss (2012) sobre “coleções órfãs”, que de modo geral são definidas como “uma coleção que perdeu o seu suporte curatorial ou cujo responsável a abandonou” (CATO *et al.*, 2003, p. 255 *apud* VOSS, 2012, p. 147).¹⁰ Os motivos para justificar os “abandonos” de coleções são distintos, mas no caso da coleção do PRONAPABA, vemos que o motivo se aproxima com o que é pontuado pela autora.

¹⁰ Tradução própria. Trecho original: “a collection that has lost curatorial support or whose owner has abandoned it” (CATO, GOLDEN and MCLAREN, 2003, p. 255 *apud* VOSS, 2012, p. 147).

Nesse caso, o “abandono” é gerado com a aposentadoria do único arqueólogo do corpo docente da Universidade que recebeu o material. Nesse sentido, o resgate dessa coleção como objeto de estudo está associado à discussão sobre como recuperar informações e produzir conhecimento arqueológico de uma coleção que estava abandonada, contribuindo para valorizar novamente a coleção e suas histórias.

No trabalho de dissertação de Alves (2019), o autor debate o potencial arqueológico dessas coleções, frisando que em vez de considerarmos falta de informações estratigráficas ou de dispersão espacial, em parte da coleção podemos identificar a procedência desses fragmentos, sítios arqueológicos, localidades ou áreas específicas. Assim, podemos, por exemplo, considerá-las potencialmente informativas para estudos de tecnologia em escala regional. Retomando a epígrafe do capítulo, “A coisa, todavia, não é só um fio, mas um certo agregar de fios da vida” (INGOLD, 2012, p. 38), quero olhar para essa coleção agregando esses fios, considerando as trajetórias de vida desses cacos, da minha vida e das pessoas que tiveram relações com eles. Retomo esses acontecimentos para contextualizar minha análise, que se coloca como uma possibilidade de olhar para esse material.

Capítulo 2 – Analisar uma coleção órfã

Desde o primeiro contato com a coleção, métodos específicos foram elaborados para viabilização de sua análise. Neste capítulo entramos na etapa de análise dos materiais. Como identificar o antiplástico? Tirar medidas? Durante meses sob orientação do Bruno Barreto, ainda durante minha participação no Projeto de Extensão Universitária em Vitória, aprendi essa parte, um dos fazeres da arqueologia. As dúvidas eram recorrentes, e, aos poucos, meus olhos foram aprendendo a enxergar algumas marcas e possibilidades que existem em um fragmento de cerâmica.

Como seguimento do projeto, e o interesse de mestrado na UFMG sob orientação da professora Mariana Cabral, eu e os cacos nos mudamos para Belo Horizonte. Durante seis meses, cursei uma disciplina como aluna especial e me preparei para a seleção de mestrado. Com a notícia da aprovação, criei expectativas e desejos de seguir com essa pesquisa.

Após duas semanas de aula, a epidemia de covid-19. O que parecia certo e muito bem encaminhado na minha cabeça virou interrogações. Com a volta das atividades acadêmicas de modo remoto, fomos tentando entender como o mundo iria funcionar. Os acessos aos espaços da universidade ficaram suspensos por meses, incluindo o museu onde estava a coleção, e seguimos com as aulas online.

Foi apenas no segundo semestre de 2021 que tivemos acesso parcial aos espaços da universidade; volto ao museu, volto aos cacos. Retornando ao laboratório, retomo as análises. Com o tempo mais curto, preciso diminuir a amostra e repensar a pesquisa. Faço a análise dos sítios que foram elencados enquanto prioritários por ter diagnosticado cerâmicas com elementos semelhantes às cerâmicas Koriabo.

A partir dessas experiências surgiram reflexões. Neste capítulo, trago um debate sobre o método de análise da cerâmica e algumas reflexões a respeito dessas coleções órfãs, além de apresentar os resultados das análises.

2.1 Primeiro contato com a coleção

Para viabilizar o estudo dessa coleção, foi necessário todo um trabalho de resgate a esse material que estava abandonado. Como lidar com essas coleções que ocupam as reservas técnicas e que muitas vezes arqueólogos e arqueólogas apenas as ignoram por serem problemáticas? Voltar a esses materiais já escavados e que não foram estudados é de grande importância, no sentido de explorar as possibilidades desses fragmentos, trazendo também a curadoria como pesquisa (VOSS, 2012; PEREIRA, 2017).

O conceito de “coleções órfãs” foi desenvolvido por Barbara Voss (2012), dando

atenção a esses conjuntos de materiais que foram subanalisados e subnotificados, coleções que perderam seu processo curatorial ou que nunca passaram por curadoria, coleções que nunca foram completamente analisadas e reportadas. A elaboração dessa pesquisa ressalta a importância de voltarmos a essas coleções, a necessidade de olharmos para o problema das coleções órfãs na arqueologia, e, assim, descolar o foco normalmente dado às escavações nas pesquisas.

Segundo a autora, a maior parte dos arqueólogos considera que o processo de curadoria, as etapas de acesso, inventário, catalogação, realojamento e conservação, são atividades rotineiras de gerenciamento de coleções, no entanto, esses processos são fundamentais para a investigação das coleções arqueológicas, pois são encontros geradores significativos entre estudiosos e objetos (VOSS, 2012). Assim, olhamos para essas coleções de uma nova maneira e as relacionamos a eventos posteriores à escavação, que são de grande importância para análise do objeto de estudo (VOSS, 2012).

Dessa forma, gradativamente tiramos o foco da escavação e colocamos esse material dentro do seu contexto de vida pós-escavação, agregando os fios, trajetórias desse material, que são potentes também na sua individualidade. Não podemos descartar o potencial analítico dessas coleções. Alinhada com a perspectiva de Voss (2012), resgato a trajetória de como se deu o início do desenvolvimento da metodologia para organização do acervo.

I- Triagem inicial dos sacos

A primeira etapa, que chamamos de “triagem inicial dos sacos”, foi um momento de seleção dos materiais provenientes do PRONAPABA. Na reserva técnica do IPHAN/ES, sacos e caixas de materiais arqueológicos de diferentes contextos se encontravam nos armários misturados. Em 2018, quando ingresso no Grupo de Estudos de Arqueologia (GEA) para atuar no projeto em parceria com IPHAN/ES, sob orientação do arqueólogo Bruno Barreto, a coleção estava já guardada na reserva técnica da Superintendência, e essa etapa já havia sido inicializada pela Ananda Cardozo, aluna de curso de História da UFES, também bolsista de extensão do Grupo de Estudos de Arqueologia (GEA). Todos os materiais arqueológicos provenientes das escavações do PRONAPABA se encontravam em sacos plásticos de tamanhos variados apenas com a identificação “Amazônia”, “PRONAPABA” ou informações que remetiam a isso como a sigla “AMZ”. Essa prévia separação foi feita pelos envolvidos no resgate da coleção na UFES, principalmente por Henrique Valadares, visando separar esse material das coleções escavadas no Espírito Santo pelo professor Celso Perota.

Assim, no ano de 2017, as atividades de resgate ao acervo se iniciam a partir dessa

parceria entre o IPHAN/ES e Grupo de Estudos de Arqueologia (GEA) da Universidade Federal do Espírito Santo, conforme relatamos no capítulo anterior, e foram coordenadas pelo arqueólogo que atuava na instituição, Bruno Barreto. Devido às condições de acondicionamento desses materiais durante todos esses anos, os mesmos encontravam-se em uma situação delicada, sendo necessária essa primeira etapa de triagem para organização da coleção.

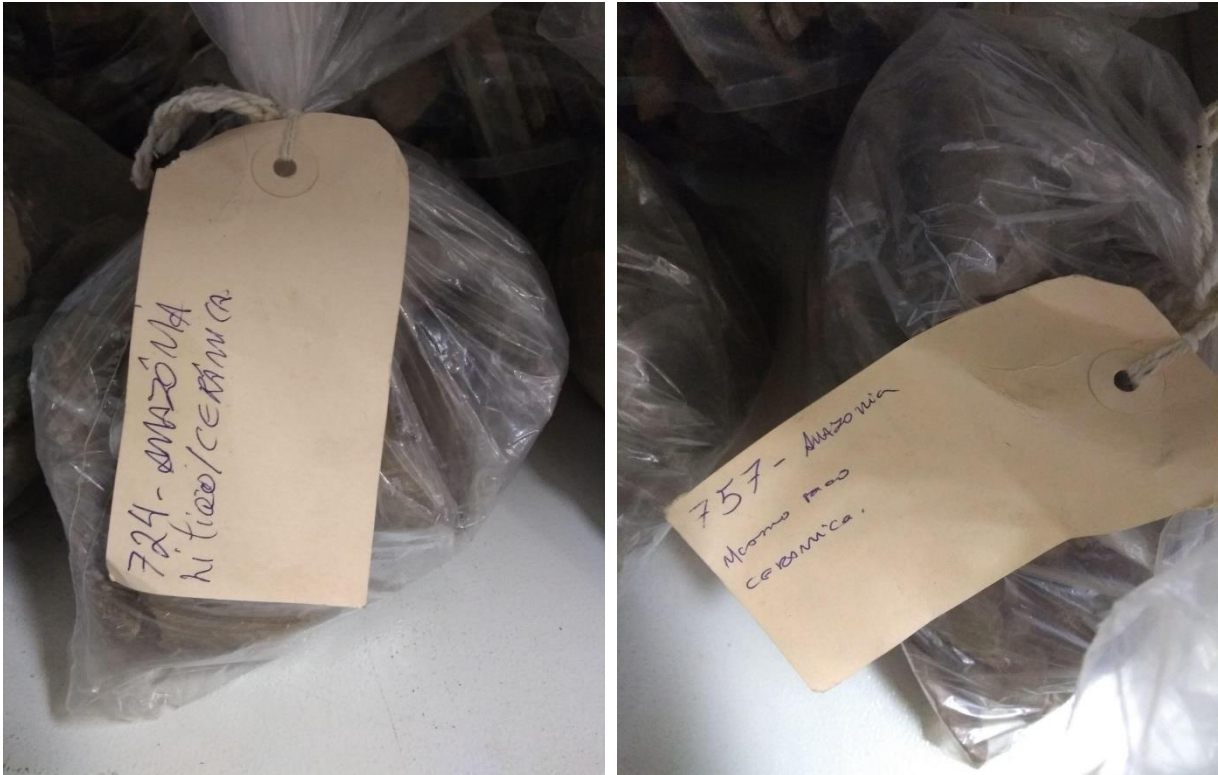
Além das identificações nas etiquetas dos sacos, a partir da numeração das peças conseguimos localizar, cruzando informações com os relatórios do PRONAPABA, a procedência (inclusive sobre qual sítio arqueológico) de cerca de metade do material. Infelizmente, para boa parte dos materiais, por não terem identificação, não foi possível reencontrar a proveniência.

Inicialmente foram separados os materiais do Xingu, Tapajós ou Sem Referência (sem numeração, em que constava como identificação no saco apenas uma referência de que era amazônico).

Nas imagens, podemos ver esses sacos plásticos onde estavam acondicionados os materiais da coleção e como estavam as informações nas etiquetas.

Figura 5 – Imagens dos sacos plásticos em que se encontravam todo material do PRONAPABA





Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Em todos os armários, misturados a outras coleções por toda reserva técnica foram encontrados sacos perdidos da Amazônia. Nossa impressão foi a de que após essas mudanças e diversos processos de deslocamentos, esses materiais foram simplesmente acondicionados nas prateleiras nem sempre com total atenção. A partir dessa separação, conseguimos nos organizar para darmos seguimentos para próxima etapa: abrir os sacos.

II- Separação por numeração

Todos os sacos plásticos foram abertos e, conforme identificamos nos relatórios do PRONAPABA, foi possível distinguir quais numerações eram das diferentes campanhas, realizadas nos anos de 1977, 1978, 1979, 1982 e 1990. Conforme fomos abrindo os sacos, juntamos os fragmentos que tinham numerações iguais e separamos do material sem identificação, ou cuja numeração era inconclusiva. Nessa etapa também separamos materiais cerâmicos, líticos, ósseos e malacológicos que estavam misturados, seguindo a numeração indicada no fragmento.

Com a organização a partir da numeração dos fragmentos, depois foram separados os materiais de acordo com as campanhas, tal como verificamos nos relatórios do PRONAPABA.

Figura 6 – Na reserva técnica do IPHAN/ES, agrupamos os materiais com as mesmas numerações conforme íamos abrindo os sacos plásticos. Após essa distribuição, juntamos os fragmentos referentes às diferentes campanhas.



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

III- Inventário e acondicionamento em novos sacos

Nesse momento, realizamos a contagem e identificação dos fragmentos por tipos e o acondicionamento desses materiais em novos sacos, chamados de “sacos gerais”, que foram registrados em uma tabela no Excel. Os sacos antigos em que os materiais estavam acondicionados foram descartados.

Refizemos as numerações escritas, marcadas nos materiais (cerâmicos, líticos, ósseos e malacológicos), mas preservamos a original para que não fosse perdido esse primeiro registro. Dentro do saco, colocamos uma etiqueta com as informações que foram digitadas na tabela referente à quantificação do material.

Assim, nesse processo de organização dos materiais de acordo com as numerações, as

peças foram colocadas em novos sacos plásticos, repetindo as informações coletadas: PRONAPABA/ Nome do Sítio/ Número do fragmento/ Tipo de Material/ Data da coleta/ Data da contagem e pessoa responsável/ Número do Saco Geral.

Os sacos gerais com fragmentos de uma mesma numeração foram enumerados em ordem crescente e registrados na tabela com as seguintes informações:

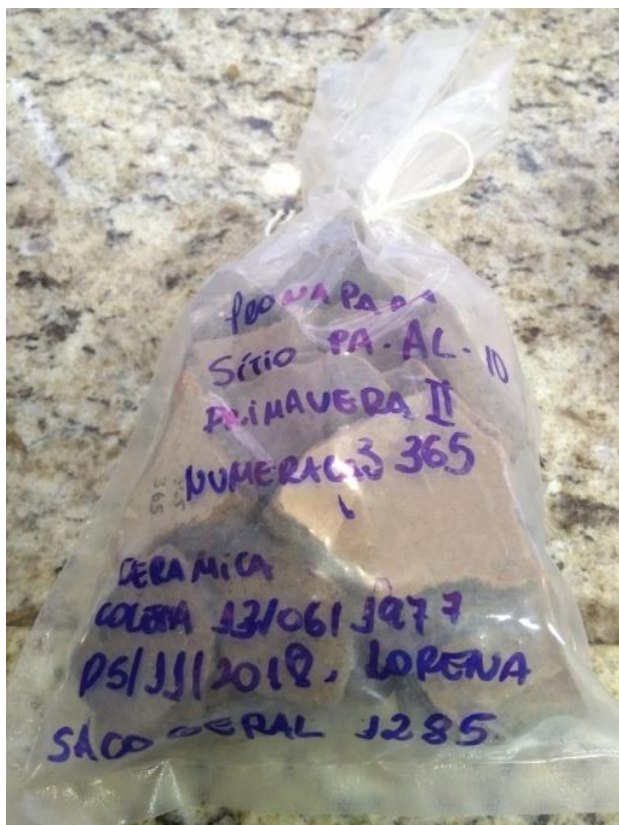
Dados cadastrais:

- Sítio, sigla, número de catálogo, campanha, região, número do saco, número da caixa, armário, estante, prateleira.

Quantificação por tipo de matéria:

- Cerâmica: Corpo liso, inciso, raspado, pintado, com aplique, com outras decorações plásticas; borda lisa, com incisão, raspada, pintada, digitada, acastelada, lobulada, com aplique, com outras decorações plásticas; outros (base, flange, aplique ou bolota de argila).
- Lítico/rocha: lítico lascado, polido, bruto, sem modificação ou laterita.
- Outros: osso, concha ou rodela de fuso.

Figura 7 – Processo de acondicionamento do material nos sacos para contagem individual e realização do inventário





Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

IV- Organização das caixas

Após a finalização da elaboração dos sacos gerais, os mesmos foram acondicionados em caixas de poliamida com uma etiqueta em que constam as seguintes informações: Coleção/ Número da Caixa/ Campanha/ Região/ Sítios/ Siglas/ Numerações/ Data da coleta/ Pesquisador/ Tipo de Vestígio/ Quantidade total/ Numeração dos Sacos Gerais/ Peso total/ Quantificação por elemento diagnóstico/ Observações/ Data da Triagem/ Responsável/ Supervisão.

Figura 8 – Exemplo de caixa com etiqueta onde constam as informações e sacos dispostos dentro da caixa



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Durante esse processo, encontramos outros materiais misturados à coleção, como papéis que continham siglas que muitas vezes não conseguimos compreender plenamente, mas que parecem ter servido como etiquetas. Havia um tipo de papel, de coloração vermelha, que ficou acoplado em algumas superfícies dos fragmentos de cerâmicas.

Figura 9 – Alguns exemplos de papéis que estavam junto com a coleção arqueológica



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Depois de concluirmos o processo de curadoria de toda a coleção do PRONAPABA, que envolveu todas essas etapas aqui descritas, seguimos para a fase de análise que se iniciou em Vitória e foi finalizada em Belo Horizonte. Nessa etapa, examinamos cada item da coleção e buscamos entender melhor o contexto de produção e utilização desses materiais.

Esse processo de curadoria na coleção PRONAPABA permitiu identificar materiais oriundos de 61 sítios arqueológicos, localizados no estado do Pará, nos municípios de Itaituba, Aveiros, Juruena, Altamira, Prainha e Porto Moz.

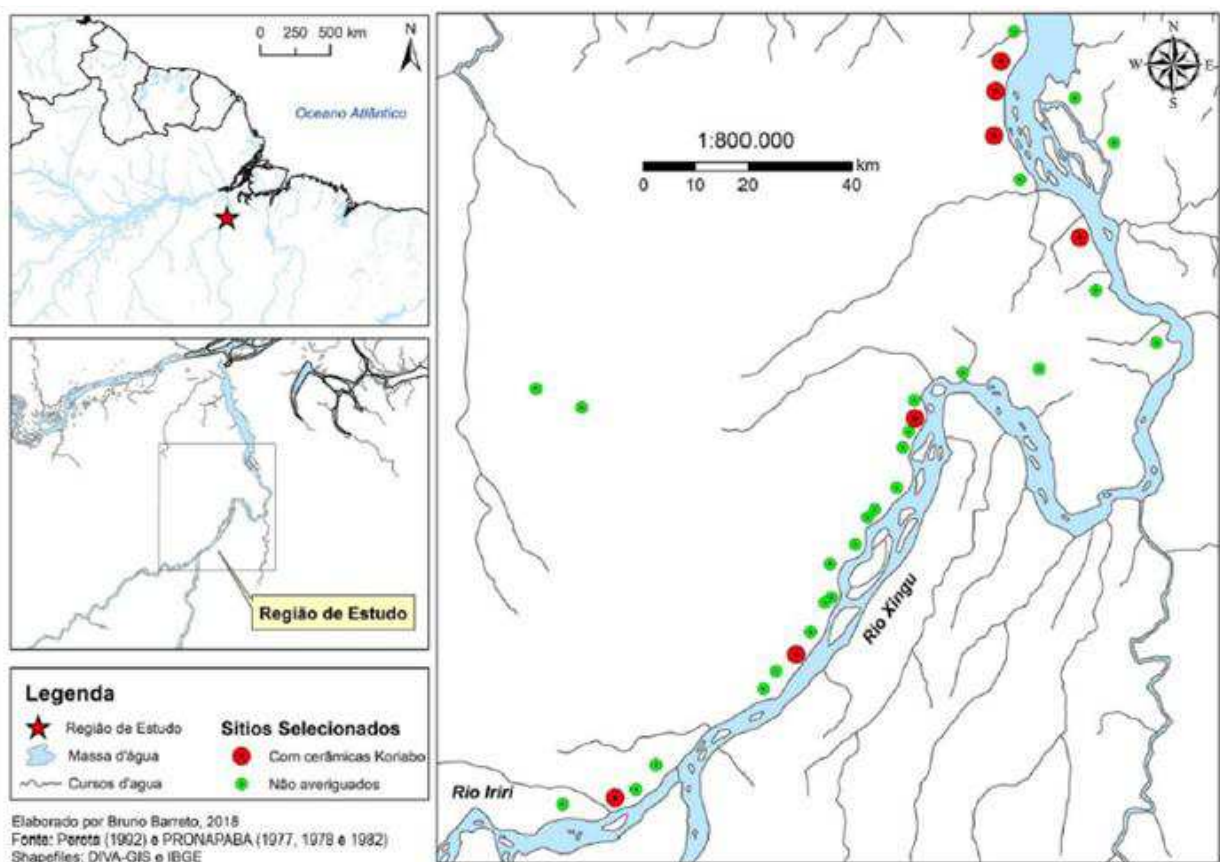
2.2 A coleção do PRONAPABA – Caminhos da análise cerâmica

Após a etapa de curadoria e início das análises, identificamos cerâmicas que apresentavam características semelhantes às chamadas cerâmicas Koriabo. Estes conjuntos

foram inicialmente descritos na região das Guianas (EVANS e MEGGERS, 1960; BOOMERT, 2004; VAN DEN BEL, 2010; ROSTAIN, 2008; CABRAL, 2011). Devido à distância dos contextos onde foram identificadas as cerâmicas Koriabo na Amazônia, examinamos essa coleção sob esta problemática.

Durante a etapa de catalogação deste material, identificamos possíveis fragmentos associados a esse contexto. Por esse motivo, selecionamos sítios como prioritários para análise, sete deles estão destacados no mapa.

Figura 10 – Mapa com identificação de sítios com cerâmicas Koriabo na coleção PRONAPABA de Celso Perota



Fonte: Perota (1992) e PRONAPABA (1977, 1978 e 1982).

O olhar para a coleção esteve desde o início influenciado para pensar na dispersão das cerâmicas Koriabo. Conforme apresentei na introdução, para estabelecer a comparação com as cerâmicas de outros contextos é preciso elencar alguns elementos para a comparação. Durante o desenvolvimento da dissertação, realizei a análise do material cerâmico de nove sítios, um conjunto composto por fragmentos de corpo com decoração, bordas, bases, apliques e outros

elementos cerâmicos desses sítios. Elaboramos uma lista de análise¹¹ (Anexo 1) que foi utilizada por Barreto (2015, p. 291) para o contexto amazônico, elaborada essencialmente a partir da proposta metodológica estabelecida por Vacher *et al.* (1998), que trata das coleções cerâmicas da Guiana Francesa. A análise se dá a partir do enfoque tecnológico e tipológico, sobretudo com ênfase na morfologia, pasta e marcas de uso nos vasilhames. Além das categorias pré-estabelecidas, busquei descrever aspectos que não estavam presentes nos elementos da lista, tais como marcas dos modos específicos de fazer e aplicar decoração, em qual momento elas parecem ter sido aplicadas (em ponto de couro ou com a cerâmica mais molhada), indicações referentes à história desses fragmentos, como no caso de haver papel acoplado no fragmento (provavelmente decorrente do contato com papel dentro dos sacos descritos anteriormente).

Buscamos, a partir da análise dessa coleção, nos aproximar desses cacos e tentar compreender melhor as escolhas tecnológicas e estilísticas na produção das cerâmicas, que nos ajudam a pensar a história indígena antiga da região. Como parte deste estudo, também envidamos esforços para remontar a própria história desta coleção arqueológica, que andou por diferentes instituições em condições nem sempre adequadas de guarda.

Devido ao contexto da coleção, brevemente descrito acima, a metodologia de análise foi desenvolvida especialmente para responder aos objetivos da pesquisa de mestrado em desenvolvimento. A análise do material buscou identificar aspectos que nos permitissem inferir sobre diferentes modos de fazer a cerâmica, buscando dialogar com discussões contemporâneas sobre o estudo de cerâmicas arqueológicas na Amazônia (BARRETO, LIMA e BETANCOURT, 2016).

As análises do material foram iniciadas no IPHAN/ES através do projeto “Cerâmicas Arqueológicas do médio-baixo Xingu: a coleção do PRONAPABA e suas conexões com as Guianas” e demos continuidade a esse processo no MHNJB/UFMG. As etapas iniciais de análise foram feitas ainda no IPHAN/ES em janeiro de 2019, com minha familiarização com a ficha de análise e início do estudo da coleção dos sítios Cacarapi 1 e Cacarapi 2. O arqueólogo Bruno Barreto me acompanhou nessas atividades durante a primeira semana e depois fez algumas visitas ao laboratório para checar os dados da análise até junho de 2019. Em julho de 2019, o material vai para o MHNJB/UFMG e somente em janeiro de 2021 volto ao museu para retomar as análises do material e finalizo a análise de nove sítios.

¹¹ A lista de análise foi baseada essencialmente na proposta metodológica estabelecida a partir de terminologias propostas por Vacher *et al.* (1998) e atributos tecnológicos foram baseados em propostas metodológicas mais gerais de Anna Shepard (1956), Owen Rye (1971), Carla Sinopoli (1991) e Prudence Rice (2005), seguindo a proposta de Bruno Barreto (2015, p. 185).

Ao utilizarmos abordagens com foco em aspectos tecnológicos e tipológicos, buscamos compreender as possíveis formas e funções desempenhadas pelos recipientes em diferentes contextos (SHEPARD, 1956), mesmo que esses atributos não sejam diretamente correlacionados. Por mais que a morfologia seja um atributo que pode estar ligado a uma função primária atribuída à cerâmica, uma vez que as escolhas morfológicas na produção dos recipientes visam atender demandas específicas, a história de vida de um recipiente pode ser caracterizada por seu uso em funções variadas, muito diferentes daquelas para as quais foram inicialmente fabricados (SKIBO, 2013; RICE, 2005), seja por meio de reutilizações após quebra ou não. Por não termos acesso aos contextos de deposição das cerâmicas e informações sobre as escavações, não busco relacionar as cerâmicas a possíveis funções, mas utilizo desses padrões morfológicos para pensá-las em grupos possíveis.

Para o viés tecnológico, a abordagem enfocou diferentes elementos. Um deles foi a identificação do antiplástico¹² adicionado à pasta (RYE, 1981), o qual pode ser entendido tanto como uma escolha puramente técnica quanto cultural. De outra forma, as escolhas culturais podem não estar vinculadas ao aprimoramento técnico e geralmente envolvem aspectos ideológicos e culturalmente específicos, em que a interpretação do significado é uma tarefa que demandaria informações detalhadas de contexto, as quais não temos para essa coleção. Um terceiro fator pode estar relacionado à disponibilidade da matéria-prima a ser utilizada como inclusão. Além disso, analisamos as técnicas de manufatura e os tipos de queima. As marcas de uso na superfície da cerâmica são um outro fator essencial para compreender a função e história de vida dos vasilhames e podem indicar também o uso destes em atividades secundárias (SKIBO, 1992).

Os procedimentos de análise foram conduzidos a partir da seleção de elementos diagnósticos da cerâmica, tanto dos vasilhames quanto das peças que não são recipientes. Para os vasilhames, estes elementos são as bordas, bases, corpo, apliques e flanges. Para os não recipientes, tais peças podem ser identificadas como rodela de fuso, trempes e bolotas de argila queimada (refugo de manufatura).

Realizamos uma classificação conforme a lista de atributos, sendo esses dados

¹² Reconheço que o termo “antiplástico” se refere a adição de elementos à pasta e que, no entanto, nem tudo que chamamos de antiplástico foi adicionado intencionalmente à pasta. Nesse sentido, Panachuk (2021) propõe o uso do termo “carga”: “O termo ‘carga’ não é convencional na arqueologia brasileira, sendo mais comum ‘tempero’ ou ‘antiplástico’; o contrário ocorre nas artes plásticas. Carga pode ser positiva ou negativa, também inerte, assim comporta tanto elementos que adicionam quanto aqueles que retiram plasticidade, e também os que não alteram a pasta. Ao mesmo tempo, o termo não implica a ação de inserir ou retirar voluntariamente elementos, mas podemos assumir que tudo aquilo que se encontra na pasta foi uma escolha, foi observado” (p. 46). Opto por usar o termo com o qual fui introduzida na análise (antiplástico), mesmo ciente de que possa ter falhas, mas que servirá nesse contexto para caracterizar as cerâmicas estudadas.

planificados em uma tabela do Excel, ilustrada mais abaixo. Também fotografamos todos os fragmentos analisados, assim como realizamos o desenho de bordas, para a reconstituição gráfica da morfologia dos vasilhames.

Os fragmentos de corpo decorado, devido às suas limitações para inferência sobre as formas, foram fotografados e classificados quanto aos atributos tecnológicos. Os motivos decorativos na superfície dos fragmentos cerâmicos foram identificados, descritos e registrados através de fotografias ou desenhos. Através desta abordagem, é possível compreender de forma sistemática as técnicas de execução e os padrões decorativos em relação aos atributos tecnológicos.

Foram analisados 1070 fragmentos cerâmicos provenientes de nove sítios associados à bacia do rio Xingu. Esse número representa o total de fragmentos de corpo com decoração, bordas e elencados na categoria outros (como rodela de fuso, bolotas de argila, flanges e apliques) dos nove sítios analisados. No total, a partir da etapa de organização do material, foram encontrados materiais relacionados a 33 sítios ao longo do rio Xingu, sendo que os sítios sublinhados foram os analisados neste trabalho (Transamazônica II, Transamazônica III, São Carlos, Missões, Independência, Primavera I, Primavera II, Areia Branca, Boa Vista I, Boa Vista II, Cacarapi I, Cacarapi II, Santo Antônio, Criajó, Tamanduá, Travessão dos Gatos, Pedra do Navio, Sítio do Maninho, Largo do Bacabal, Cachoeira do Pedrão I, Cachoeira do Pedrão II, Costa Júnior, José Nunes, Sítio Velho, Morro Velho, Boa Esperança, Itapinima I, Itapinima II, Bom Futuro, Largo do Souza I, Largo do Souza II, Largo do Souza III, Cachoeira Grande do Iriri).

2.3 Apresentação dos sítios

Após a contextualização da região e da história da coleção, apresento os nove sítios que foram estudados nesta pesquisa. Conforme abordado, elencamos esses sítios enquanto prioritários para análise, pois, devido aos impedimentos gerados pela pandemia, foi necessária uma adaptação na quantidade de sítios analisados.

Da coleção triada (48.222 peças cerâmicas), 10.840 fragmentos cerâmicos estão associados às pesquisas na bacia do Xingu, porém, apenas 8.755 fragmentos puderam ser associados aos respectivos sítios arqueológicos através dos números de catálogo. Das 2.085 peças que estão sem informação de proveniência em relação aos sítios, 1.846 estão sem número de catálogo, ou com numeração inconclusiva, e foram atribuídas à região do Xingu devido às informações de referências contidas em etiquetas de papel existentes dentro dos sacos. As demais 239 correspondem a peças numeradas (geralmente com números de 800 a 900), mas que não possuem referências nos relatórios do PRONAPABA disponíveis. Essas peças

provavelmente estão associadas aos sambaquis fluviais, especialmente por apresentarem antiplástico de concha e por algumas das etiquetas contidas nos sacos fazerem referência ao “Sambaqui do Guará”.

Além das peças numeradas com ausência de informação nos relatórios, 534 fragmentos possuem a numeração de catálogo atribuída a dois sítios situados em regiões distintas, que correspondem aos sítios Salvaterra e Cachoeira Grande do Iriri. Por conta disso, somente 8.821 fragmentos possuem informações confiáveis associadas aos 33 sítios arqueológicos da região do rio Xingu. Dos nove sítios elencados enquanto prioritários para a análise, foram analisados 1.070 fragmentos de 2.971, que representam todos os fragmentos de corpo decorados, bordas, bases e outros elementos cerâmicos, como rodela de fuso, bolotas de argila, flanges e apliques desse conjunto.

Tabela 1 – Tabela com a descrição dos sítios analisados

	Sítio	Sigla	Total de fragmentos de cerâmica	Total de fragmentos analisados	Dimensão do sítio
1	Missões	PA-AL-07	21	20	200x100m
2	Independência	PA-AL-08	22	18	100x50m
3	Primavera I	PA-AL-09	11	6	100x30m 60x20m
4	Primavera II	PA-AL-10	258	63	200x100m
5	Boa Vista II	PA-AL-13	196	76	300X200m
6	Cacarapi I	PA-AL-14	33	10	50x50m
7	Cacarapi II	PA-AL-15	17	13	50x30m
8	Santo Antônio	PA-AL-16	23	15	300x100m
9	Itapinima	PA-AL-39	2390	849	1500x200m

Fonte: Elaboração própria.

Para apresentar os sítios selecionados para análise, serão utilizadas as informações contidas nos relatórios publicados do PRONAPABA (1997 e 1998), que contêm as fichas de registro de pesquisa arqueológica, nos quais os sítios foram descritos por Perota. Nos oito primeiros sítios listados, apresento apenas uma breve contextualização e uma foto dos fragmentos analisados. Por ter uma maior quantidade de material, apresento de forma mais detalhada a análise do sítio Itapinima I (PA-AL-39). Os sítios selecionados para essa pesquisa foram identificados nos Municípios de Altamira, Porto de Moz e Senador José Porfírio, todos no estado do Pará.

PA-AL-07: Missões

O sítio PA-AL-07: Missões foi pesquisado no ano de 1977 e as informações apresentadas aqui são oriundas do relatório do mesmo ano (PEROTA, 1977). O sítio foi localizado à margem esquerda do rio Xingu, a cerca de 3.000 metros do aeroporto de Altamira. O sítio Missões tem uma superfície de 200x100 metros. Está situado em uma faixa de terraplana entre o rio Xingu e as terras elevadas, numa quota de 7 a 8 metros acima do nível das águas do Xingu.

O solo tem características de terreno arenoso, com bastantes raízes até os 10 cm. A terra nas zonas férteis de material arqueológico apresentava coloração bastante negra. O solo apresentava cobertura de gramíneas e na margem do rio uma vegetação arbustiva, notadamente algumas espécies de “jatobá” e árvores frutíferas.

As manchas de terra preta eram paralelas à margem do rio Xingu e estavam entre 30 e 60 metros distantes dela. Uma das manchas foi evidenciada pela passagem de um trator, onde foi notada uma área fértil de material arqueológico e uma pequena elevação (destruída pelo trator). A mancha evidenciada tinha o tamanho de 16x10 metros. Foram feitos cortes estratigráficos de 2x2 metros (no relatório não é mencionando quantos poços-teste foram feitos) em áreas de manchas pretas sem alteração, chegando a profundidades de 35 a 40 cm. Além de fragmentos cerâmicos, foi coletada uma “boa porção” (PEROTA, 1977, p. 5) de lâminas de machado polido, bem como pedaços de lâminas de machado.

Figura 11 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Missões (escala de 5 centímetros)



Fonte: Perota, 1977.

Dos fragmentos analisados, seis eram partes de corpo com alguma modificação na superfície, sendo elas presença de engobo ou pintura, incisões finas na superfície, ponteados e aplique circular. Além disso, na amostra tivemos a presença de bordas acasteladas e lobuladas, com ou sem engobo branco, e bordas com raspagens e pequenas incisões. Duas formas

arredondadas, uma base plana com incisões e outra que aparenta ser uma roda de fuso. Presença de aplique zoomórfico, oco em seu interior. Como antiplástico, temos a presença do quartzo e cariapé em 58% da amostra, além da presença de mica, caco moído e cauixi.

PA-AL-08: Independência

Sítio na localidade denominada Independência, foi identificado por Celso Perota e registrado em 1977, no município de Porto de Moz (PA), à margem esquerda do rio Xingu, a uma distância de aproximadamente 5 km de um porto chamado Porto da Vitória. A área do sítio é de 100x50 metros. Estava localizado a cerca de 10 metros do rio Xingu. Limita-se entre o rio e as elevações abruptas da área.

O solo do local foi classificado como arenoso, e nos arredores também foi identificado solo argilo-arenoso. A vegetação era composta por árvores frutíferas. A erosão da área estava acentuada, provocada pela ação do rio.

O corte foi realizado no barranco do rio, onde foi possível identificar o nível arqueológico, tendo em vista o fato de as demais porções do sítio estarem perturbadas. Na superfície foi observada terra decorrente da erosão e aos 10 cm havia areia, onde iniciava o material arqueológico. A estratigrafia geral do sítio ia até 40 cm de profundidade, porém, havia uma estrutura (fogão composto por três pedras com bastante carvão) com bases de até 60 cm de profundidade, apresentando uma grande quantidade de cacos “para serem queimados ou parcialmente queimados” (PEROTA, 1977, p. 6). Ressalta-se que grande parte do sítio parece ter sido destruído por erosão.

Figura 12 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Independência (escala de 5 centímetros)



Fonte: Perota, 1977.

Dos fragmentos analisados, sete eram partes do corpo com alguma decoração, destas, temos a presença de incisões finas, incisões circulares, engobo branco, pintura preta sobre engobo e apliques. Alguns fragmentos estavam bem erodidos, sendo difícil a visualização de marcas de uso. Nas bordas, foi recorrente o uso de reforço de lábio. Na amostra, temos uma flange com raspagens e aplique zoomórfico. Como antiplástico, é recorrente a presença do quartzo, e o cariapé aparece em alguns fragmentos.

PA-AL-09: Primavera I

O sítio da localidade de Primavera, município de Porto de Moz (PA), estava localizado à margem esquerda do rio Xingu, a cerca de 10 metros do rio, numa pequena elevação. O sítio foi identificado por Celso Perota e registrado em 1977 (PEROTA, 1977). Na ficha de registro de pesquisa arqueológica do sítio, a área delimitada é de 60x20 metros. Ressalta-se que ele está limitado entre o rio Xingu e a Serra e tem a profundidade de 20 cm. No entanto, na descrição do sítio logo no começo do relatório, afirma-se que o sítio possui uma extensão de 100x30 metros.

Sobre as características do solo, é arenoso e constantemente erodido pelas águas do rio, além disso, o local estava sendo utilizado para plantio de cana de açúcar. Havia também a presença de árvores frutíferas.

No relatório não é mencionado a realização de corte estratigráfico. Foram realizadas coletas na superfície do material cerâmico que estava espalhado até a praia em frente ao rio.

Figura 13 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Primavera I (escala de 5 centímetros)



Fonte: Perota, 1977.

Dos fragmentos analisados, dois eram partes do corpo com pintura e um aplique bem erodido que lembra um rosto. Além disso, duas bordas lisas e uma borda digitada. Como antiplástico temos a presença majoritária do quartzo e mineral máfico, que aparece em alguns fragmentos.

PA-AL-10: Primavera II

Sítio localizado a 100 metros do PA-AL-09, à margem esquerda do rio Xingu, município de Porto de Moz (PA), numa elevação de 50 metros acima do nível das águas do Xingu. Tem sua limitação numa plataforma plana perto de um terreno acidentado. O sítio Primavera II foi identificado por Celso Perota e registrado em 1977 (PEROTA, 1977), e tem a extensão de 200x100 metros.

O solo é areno-argiloso. A vegetação do local era arbustiva (vegetação secundária). No contexto da escavação, o local estava sendo alvo de erosão em vista do desmatamento para construção de um campo de futebol. Além disso, parte do sítio encontrava-se completamente erodido pela ação das águas do Xingu.

Foram realizadas coletas de superfície em todo o morro numa extensão de 200x100 metros, numa região íngreme. Também foi feito um corte estratigráfico localizado na beira do barranco em uma área onde os efeitos da erosão não eram tão sentidos. Foram coletados materiais cerâmicos e líticos, com presença de material até 60 cm de profundidade.

Figura 14 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Primavera II (escala de 5 centímetros).



Fonte: Perota, 1977.

No sítio Primavera II, 52% da amostra corresponde a fragmentos de corpo com decoração. Desses, as decorações incisas finas e incisas cruzadas foram recorrentes, assim como a presença de engobo branco, com traços vermelhos ou amarelos sobre o engobo. Além disso, também foi verificada a presença de apliques circulares. Das bordas, 12 são lobuladas, digitadas, com apliques e outras decorações, quatro bordas são pintadas, três com incisões e cinco são lisas. Na amostra ainda temos três bases e flanges. Em 55% da amostra, o quartzo é o principal antiplástico, além de estar presente cauxi, cariapé, caco moído, mineral máfico, feldspato e conchas.

PA-AL-13: Boa Vista II

O Sítio Boa Vista II está localizado à margem esquerda do rio Xingu, município de Porto de Moz (PA), e foi identificado por Celso Perota e registrado em 1977 (PEROTA, 1977). Sítio situado numa área de 300x200 metros. Limita-se ao leste pelo rio Xingu, ao norte por um igarapé sem identificação de nome e ocupa um flanco de um morro onde também está o sítio Boa Vista I (PA-AL-12).

Solo arenoso e vegetação arbustiva. O sítio encontra-se em erosão acentuada devido à supressão da cobertura vegetal e por apresentar grande quantidade de conchas, sendo relatado que na época das chuvas esse processo é acelerado.

Foram realizados três cortes estratigráficos e coletas de superfície. Um corte foi realizado no topo de uma mancha preta que revelou poucas conchas. Outro corte realizado em “uma região erodida com 50 cm de conchas” (PEROTA, 1977, p. 43). E um terceiro corte foi realizado em uma mancha de terra preta revelando as mesmas conchas. Foi encontrada grande quantidade de cacos misturados com essas conchas. Nos três cortes estratigráficos, a camada chegou entre 35 e 40 cm de profundidade. Foram encontrados material cerâmico, lítico (lâmina de machado) e ponta de projétil de osso fragmentada.

Figura 15 – Foto do ambiente do sítio PA-AL-13 Boa Vista



Fonte: Perota, 1997.

Figura 16 – Foto de cerâmica evidenciada *in loco* do sítio PA-AL-13 Boa Vista - Essa vasilha não foi identificada na coleção



Fonte: Perota, 1997.

Figura 17 – Fotos do ambiente do sítio PA-AL-13 Boa Vista – Detalhes do processo erosivo decorrente do desmatamento e uma camada cedendo formando degraus e impactando a estratigrafia arqueológica.



Fonte: Perota, 1997.

Figura 18 – Foto do ambiente do sítio PA-AL-13 Boa Vista – Nesta imagem Perota evidencia a camada arqueológica rebaixada pela erosão.



Fonte: Perota, 1997.

Figura 19 – Foto de detalhe da escavação do sítio PA-AL-13 Boa Vista, pessoa não identificada.



Fonte: Perota, 1997.

Figura 20 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Boa Vista II (escala de 5 centímetros)



Fonte: Perota, 1997.

Dos fragmentos analisados do sítio Boa Vista II, 52% da amostra correspondem a fragmentos de bordas. As bordas são, em sua maioria, lobuladas, digitadas, com apliques e outras decorações, seguida das bordas com pintura, com incisões ou lisas. Os corpos com decoração correspondem a 36% da amostra, as decorações variam em incisões finas, incisões cruzadas, raspagem e decorações pintadas. Além disso, compõem a amostra bases, flanges, aplique zoomórfico e roda de fuso. Em 45% da amostra o quartzo é o principal antiplástico, além de estarem presentes cariapé, caco moído, mineral máfico, feldspato, mica e concha.

PA-AL-14: Cacarapi I

Sítio localizado na localidade de Cacarapi, município de Porto de Moz (PA), à margem esquerda do rio Xingu, exatamente quando termina uma sequência de ilhas do Xingu, deixando o rio com uma largura de aproximadamente 7 metros. Foi identificado por Celso Perota e registrado em 1977 (PEROTA, 1977). Está sobre uma elevação e ao lado de um pequeno igarapé, distanciando deste cerca de 10 a 20 metros. Tem uma extensão de 50x50 metros, mas é possível que na parte para o lado do rio Xingu o contexto estivesse alterado.

Solo argilo-arenoso e nas partes baixas arenoso. Vegetação composta por árvores frutíferas. Sobre o sítio havia sido construída uma roça (casa, galinheiro, casa de farinha, etc.) que afetou profundamente a estratigrafia.

O material estava entre o Xingu e o igarapé. Bastante material cerâmico em superfície e pouco material no corte estratigráfico, chegando à profundidade de 20 cm.

Figura 21 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Cacarapi I (escala de 5 centímetros).



Fonte: Perota, 1977.

Da amostra do sítio Cacarapi I, temos três bordas lisas, três bordas com incisão e uma borda com outras decorações plásticas. Dois corpos com decoração, sendo um deles com um aplique de alça. Uma base com impressão de folha. Como antiplástico, a maior parte possui quartzo, além de caco moído, cariapé e cauixi.

PA-AL-15: Cacarapi II

O Sítio Cacarapi II está localizado a cerca de 1 km do sítio PA-AL-14, à margem esquerda do rio Xingu, município de Porto de Moz (PA). O sítio foi identificado por Celso Perota e registrado em 1977 (PEROTA, 1977). Localizado numa enseada do rio e na foz de um igarapé, o sítio fica margeado de um lado pelo Xingu e do outro lado pelo igarapé do Cacarapi. O sítio tem a extensão de 50x30 metros.

Solo arenoso, revelando nos seus estratos terra preta e uma pequena camada de conchas. A vegetação do local é arbustiva, com gramíneas protegendo o solo. Foi coletado material cerâmico até uma profundidade entre 15 e 20 cm.

Figura 22 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Cacarapi II (escala de 5 centímetros).



Fonte: Perota, 1977.

No sítio Cacarapi II a amostra corresponde a sete fragmentos de borda, quatro flanges e dois corpos. Os fragmentos possuem pintura, decorações raspadas, além de incisões. Em um dos fragmentos de borda pintada, conforme indicamos sobre as condições de armazenamento da coleção, este possui uma camada de papel acoplada em sua superfície. O antiplástico de maior prevalência é o quartzo, que aparece somado ao cariapé em alguns fragmentos.

PA-AL-16: Santo Antônio

Sítio Santo Antônio, localizado à margem direita do rio Xingu, se distanciava cerca de 80 metros do rio Xingu, no município de Senador José Porfírio (PA). Foi identificado por Celso Perota e registrado em 1977 (PEROTA, 1977). Local próximo ao Igarapé da Mancha, se distanciando 1000 m do mesmo. O sítio tem extensão de 300x100 metros e está localizado numa pequena elevação. O local tinha sido recentemente abandonado pelos moradores, ainda havia roça de mandioca e cultivo de frutas. O solo era arenoso e a vegetação havia sido destruída, com cultivo de mamão e frutas.

No sítio havia manchas de terra preta. Corte estratigráfico revelou material cerâmico até uma profundidade de 40 cm. Foram encontrados materiais arqueológicos líticos e cerâmicos.

Figura 23 – Fotos dos fragmentos analisados do sítio Santo Antônio (escala de 5 centímetros).



Fonte: Perota, 1977.

Dos fragmentos analisados do sítio Santo Antônio, quatro eram bordas lisas, três bordas com incisões, uma borda pintada, quatro bordas com outras decorações (lobuladas, digitadas, com apliques e outras decorações). Ainda compõem a amostra fragmentos de corpo com decoração, pintura vermelha, incisões e aplique zoomórfico. Além disso, peça com formato arredondado e côncava. Sobre a presença de antiplástico, em 34% da amostra não consegui identificar porque eu não conhecia ou não era visível, e no restante havia a predominância do cariapé, com presença de quartzo, caco moído e um mineral máfico.

PA-AL-39: Itapinima I

O Sítio Itapinima I está localizado no município de Altamira (PA), à margem esquerda do rio Xingu, foi identificado por Celso Perota e registrado em 1978. Está situado “a cerca de 50m da margem e cerca de 70m de altura do nível das águas (julho)” (PEROTA, 1978, p. 5). Sítio delimitado pelos lados noroeste e sudoeste por dois igarapés sem identificação de nomes; na parte norte a delimitação se dá por uma elevação e na frente pelo rio Xingu. Tem uma área de 1500x200 metros. Este é o sítio com a maior quantidade de peças desta coleção analisada.

O solo argilo-arenoso é o que constitui a base da estratigrafia, “sendo que grande parte (80%) é de areia” (PEROTA, 1978, p. 5). No local, a vegetação consistia em árvores frutíferas, mandioca e milho. Camadas superiores alteradas, mas a partir de 40 cm de profundidade constata-se que o sítio estava intacto.

Sítio caracterizado por “presença de manchas pretas na terra e de elevações que se localizam paralelamente à margem do rio” (PEROTA, 1978, p. 5). O sítio apresentava nitidamente duas ocupações: a superior com cerâmica da tradição Inciso Ponteadada e a inferior com material da tradição Tupiguarani. Foram identificados materiais arqueológicos líticos e cerâmicos, e uma profundidade de até 1,30 m.

Figura 24 – Fotos de corte estratigráfico do sítio PA-AL-39 Itapinima presentes no relatório do PRONAPABA.



Fonte: Perota, 1998.

2.4 Aprofundando sobre o sítio Itapinima I - PA-AL-39

O sítio arqueológico Itapinima I foi identificado por Celso Perota e registrado em 1978 (PEROTA, 1978). Trazemos uma descrição mais detalhada das informações referentes ao sítio, pois, dos sítios analisados, ele foi o que continha maior quantidade de fragmentos, que possibilitam o desenvolvimento de uma análise fundamentada em uma maior amostra. Localizado à margem esquerda do rio Xingu, tendo a sua frente a cachoeira do Itapinima. Caracteriza-se pela presença de manchas pretas e elevações que se localizam paralelamente ao rio. O sítio foi caracterizado como um sítio-habitação, com forma elipsoidal, a céu aberto, unicomponencial de uma ocupação pré-colonial. No contexto de identificação do sítio foram realizadas coletas de superfície e em cortes estratigráficos, revelando um pacote arqueológico de profundidade máxima de 1,30m.

Conforme o relatório de Perota (1978) e a publicação de Simões (1983), na área onde o sítio foi localizado havia prática da agricultura e o cultivo de árvores frutíferas. Apesar disso, as camadas mais profundas do sítio se encontravam preservadas. O solo argilo-arenoso é o que constitui a estratigrafia. Não foi relatado de modo sistemático como se deram os cortes estratigráficos.

2.4.1 Análise cerâmica

De um total de 2.390 fragmentos identificados ligados ao sítio, foram analisados todos os fragmentos de borda e corpo com decoração, totalizando 849 fragmentos analisados. Restam 1541 fragmentos de corpo sem decoração que não foram analisados. A partir dessa amostra de 849 cacos estudamos as características morfológicas, tecnológicas e estilísticas do material cerâmico.

Devido às condições de acondicionamento do material, desde a sua escavação, observou-se uma grande proporção de material medindo menos que 3 cm, além de desgastes e algumas alterações identificadas nas superfícies. Não foram identificadas vasilhas íntegras ou parcialmente íntegras, por mais que o relatório publicado por Perota (imagem abaixo) tenha a fotografia de uma vasilha escavada no sítio.

Figura 25 – Vasilha de cerâmica encontrada no sítio PA-AL-39 Itapinima.



Fonte: Perota, 1998.

Durante a investigação, verificou-se que alguns fragmentos com numeração 467 do sítio Itapinima I têm padrões um pouco similares ao padrão de decoração da vasilha (cacos têm linhas paralelas na borda, as bordas têm reforço), mas não são partes da vasilha fotografada, pois tanto a forma quanto os padrões decorativos apresentam variações.

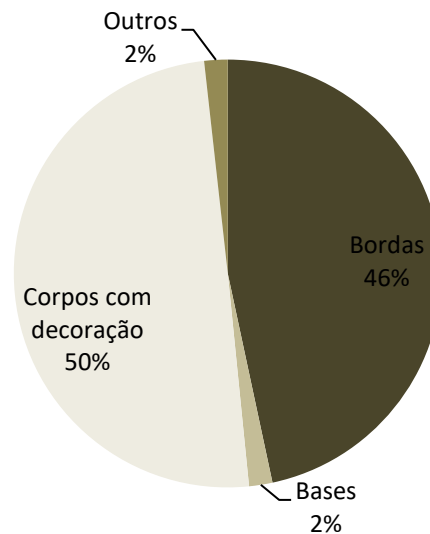
Figura 26 – Imagens de fragmentos do sítio PA-AL-39 com decoração similar à vasilha encontrada por Perota (1978).



Fonte: Perota, 1998.

Foram analisados 849 fragmentos no total. Desses, metade corresponde a fragmentos de corpo com decoração, 46% são de bordas e apenas 2% são fragmentos de base. A categoria “outros” corresponde ao restante, que inclui flanges, apliques e rodela de fuso.

Figura 27 – Gráfico que mostra o percentual da natureza dos elementos presentes na amostra analisada.



Fonte: Elaboração própria.

2.4.1.1 Análise tecnológica

Na análise tecnológica, os atributos analisados incluem as técnicas de manufatura, antiplástico e queima. Antes, trago para análise dados sobre o estado de conservação da coleção. No sítio Itapinima I, a maior parte, equivalente a 87% da amostra de 849 fragmentos, apresenta erosão parcial na superfície, com sinais de desgaste tanto na parte interna quanto externa. Os fragmentos com superfície preservada representam apenas 5% da amostra, enquanto os 8% restantes apresentam erosão total das superfícies. Acredito que o contexto pós-escavação pelo qual a coleção passou influenciou nesse alto índice de erosão parcial ou total da superfície, dificultando a observação de modificações como banhos, decorações, marcas de uso, entre outros.

Com relação às técnicas empregadas na manufatura da cerâmica, atributo que diz respeito às técnicas manuais empregadas na elaboração das vasilhas, consideramos que elas foram produzidas de dois modos, a roletagem e a modelagem, ou pela mescla dessas técnicas. No sítio Itapinima I, observou-se que o uso de roletes é predominante, aparecendo em 88% da amostra.

A técnica de modelagem foi utilizada em apenas 2%, principalmente nos fragmentos de apliques e também algumas bases. Foram encontrados artefatos no sítio arqueológico que foram confeccionados a partir desta técnica, como rodela de fuso e uma trempe. As rodela de fuso apresentam uma perfuração central e eram geralmente utilizadas como peso na fiação de

algodão e outras fibras. Durante a quantificação geral do material resgatado, foram contabilizados quatro fragmentos ou peças inteiras de rodela de fuso. No caso das trempes, esses artefatos eram utilizados para apoiar painéis ou assadores para serem levados ao fogo (BARRETO *et al.*, 2016, p. 578 e 579).

Em 4% da amostra foi identificada a utilização tanto de roletes quanto da técnica de modelagem, sendo que isso ocorre principalmente em peças decoradas com apliques e em parte das bases. Em 6% da amostra não foi possível identificar a técnica empregada na manufatura das peças.

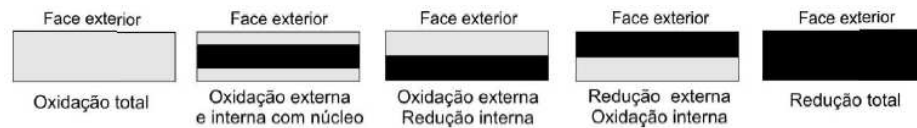
Figura 28 – Rodelas de fusos, vasilha com técnica modelada, aplique e trempe presentes na amostra analisada (escala de 5 centímetros).



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

As análises das queimas das cerâmicas foram feitas a partir da observação da coloração no núcleo e da superfície da cerâmica. Fatores como a temperatura máxima obtida, duração e atmosfera da queima afetam a aparência e a organização da estrutura da cerâmica. Na Amazônia, as pesquisas sugerem o predomínio da queima a céu aberto. Durante o procedimento, o controle da atmosfera de queima, a partir da regulação da quantidade de oxigênio que circula na fogueira define se a queima é oxidante ou redutora. Mas devido a esse controle limitado do ambiente de oxidação, são comuns as manchas escuras e a coloração irregular (BARRETO *et al.*, 2016; RYE, 1981). As variações nos tipos de queima são observadas e classificadas conforme esquema abaixo:

Figura 29 – Classificações dos tipos de queima

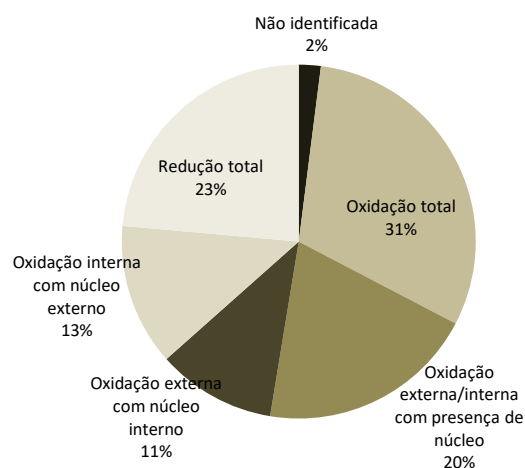


Fonte: Barreto, 2015.

A queima com oxidação total foi observada em 31% das peças. Essa queima é resultado de um processo no qual o material é exposto ao fogo em ambiente aberto ou com pouco controle sobre o oxigênio, gerando uma atmosfera oxidante, com maior quantidade de ar circulando na fogueira do que o mínimo requerido para queima do combustível. Assim é eliminada a matéria orgânica encontrada na argila e também o carbono criado pelo fogo, que, por consequência, deixa a cerâmica com maior dureza e coloração mais clara (RYE, 1981).

Há ainda a ocorrência de fragmentos, que representam 44% da amostra, que sofreram oxidação apenas em sua parte interna ou externa, enquanto o núcleo permaneceu escuro e reduzido. Este fator é explicado devido à atmosfera de oxidação não ter sido mantida tempo suficiente para eliminar toda a matéria orgânica presente na argila. Por outro lado, 23% dos fragmentos passaram por uma queima redutora completa, resultando em um núcleo e as duas superfícies totalmente escuras.

Figura 30 – Gráfico que mostra o percentual dos diferentes tipos de queima presentes na amostra analisada



Fonte: Elaboração própria.

O antiplástico pode ser adicionado intencionalmente à argila por diversas razões, seja para facilitar a perda de umidade, dar maior coesão entre os roletes e apliques, evitar fissuras e quebras, aumentar a resistência a impactos ou para aprimorar a capacidade térmica e de cocção das vasilhas que vão ao fogo (BARRETO *et al.*, 2016). Quando falamos de antiplástico, esses se referem a “qualquer elemento não plástico que age contra o encolhimento dos corpos cerâmicos após a secagem e a queima, podendo ser adicionados intencionalmente ou estar contidos na argila” (BARRETO *et al.*, 2016, p. 553).

No caso da amostra analisada, o que mais prevalece é o aparecimento do quartzo, com 79%, e feldspato com 12%. Alguns outros elementos também compõem a pasta dos fragmentos, mas quase sempre esses materiais aparecem associados a outros elementos, aparecendo com um percentual baixo. Desses elementos mais recorrentes, temos a mica, presente em 6% da amostra, o cauxi em 3% e um mineral máfico em 3%, além da presença de caulim em 4% da amostra. É possível que alguns destes elementos sejam também parte das argilas usadas na produção das peças.

A marca de uso mais frequente foi a ocorrência de fuligem, mas em alguns fragmentos percebemos uma erosão que pode ter sido ocasionada pelo uso. A fuligem é uma alteração na superfície externa ou interna da cerâmica em consequência da deposição de resíduos da queima da madeira durante a exposição da vasilha ao fogo (SKIBO, 1992), gerando uma camada negra sobre a cerâmica, como pode ser observado na figura a seguir. Em muitos fragmentos não foi possível identificar nenhum tipo de marca de uso por conta do estado de conservação.

Figura 31 – Base onde podemos identificar fuligem na superfície (escala de 5 centímetros).



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal




2.4.1.2 Análise morfológica


O sítio Itapinima I apresentou uma variedade de tipos morfológicos que foram pensados em

comparação com resultados de algumas pesquisas feitas na região (CASTRO, 2020; GARCIA, 2016, 2017; LIMA, 2020). Com a análise dos fragmentos, foram identificados padrões de formas que podem ser associadas a diferentes tipos de atividades, agrupadas em dois conjuntos pensados a partir das formas e decorações das cerâmicas.

No primeiro grupo de vasilhas, os fragmentos foram classificados em tipos seguindo aspectos morfológicos. Neste grupo todos os fragmentos possuem uma superfície lisa, sem decoração, e foram agrupados conforme os tipos de contorno. As formas mais representativas neste tipo são: assadores, tigelas, vasilhas não restringidas, restringidas e jarros.




Tabela 2 – Formas de fragmentos sem decoração

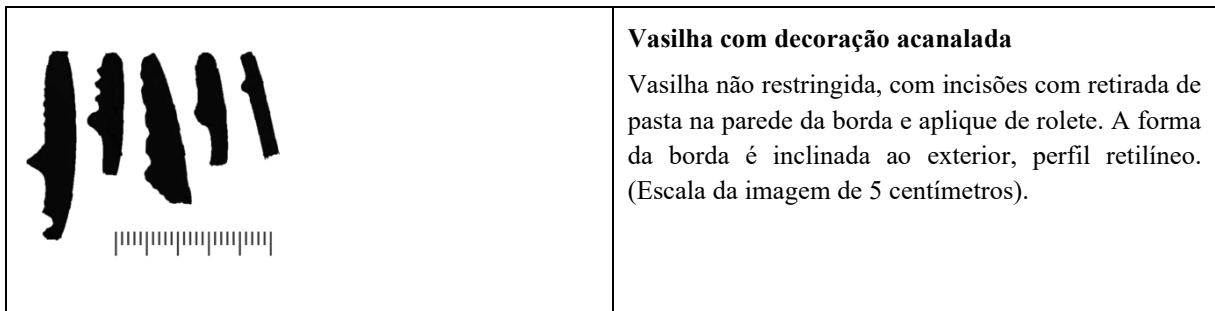
	<p>Assadores</p> <p>As vasilhas são caracterizadas por terem uma profundidade muito rasa e um diâmetro amplo. As bordas são inclinadas para o exterior, apresentando um perfil convexo externo. Na coleção essas vasilhas apresentam superfície corrugada em sua maioria. (Escala da imagem de 5 centímetros).</p>
	<p>Pratos/Tigelas rasas</p> <p>Vasilhas não restringidas, com um lábio plano ou arredondado. A superfície tem contorno simples. Suas bordas são inclinadas para o exterior, com perfil exterior convexo ou plano. (Escala da imagem de 5 centímetros).</p>
	<p>Vasilhas não restringidas</p> <p>A vasilha do tipo não restringida tem lábio plano ou arredondado, sendo que algumas apresentam uma flange labial ou reforço. Seu contorno é simples, com perfil exterior convexo ou plano. (Escala da imagem de 5 centímetros).</p>
	<p>Vasilhas restringidas</p> <p>As vasilhas restringidas apresentam um contorno composto, o lábio é plano ou arredondado. As bordas são inclinadas para o interior, com perfil côncavo ou plano. (Escala da imagem de 5 centímetros).</p>

	<p>Jarro restringido com pescoço</p> <p>Vasilha restringida lábio arredondado. A borda é extrovertida com perfil exterior convexo, apresentando gargalo. (Escala da imagem de 5 centímetros).</p>
---	--

O segundo grupo de vasilhas apresenta formas mais elaboradas, superfícies com banhos ou pinturas e decorações plásticas das mais variadas, como incisões, raspagens, adições de apliques zoomorfos ou antropomorfos e flanges labiais.

Tabela 3 – Formas de vasilhas com decoração

	<p>Jarros torácicos</p> <p>Vasilhas restringidas com flange labial, lábio plano ou arredondado, com gargalo. As bordas são verticais com perfil exterior retilíneo. Os diâmetros das bordas apresentadas são de 35cm, 25cm e 14cm. (Escala da imagem de 5 centímetros).</p>
	<p>Vasilha com Flange</p> <p>Vasilha restringida, com presença de flange labial, lábio arredondado ou plano. A forma da borda é inclinada ao interior, perfil retilíneo ou convexo. (Escala da imagem de 5 centímetros).</p>
	<p>Vasilha carenada</p> <p>Vasilha restringida ou não restringida, com contorno composto, possuindo lábio plano. A forma da borda é inclinada ao exterior ou interior. (Escala da imagem de 5 centímetros).</p>



2.4.1.3 Análise estilística

A partir da análise cerâmica do sítio Itapinima, identificamos uma grande variedade de estilos decorativos, feitos a partir das técnicas de decorações plásticas, como uso de incisões, apliques ou roletes, entre outros; e as decorações pintadas, com uso de banhos, engobo ou traços policrômicos. A maior parte dos fragmentos, correspondendo a 78,4% da amostra, possui algum tipo de decoração, o que já era esperado em função de a seleção da amostra privilegiar peças com decoração. No entanto, considerando que a amostra selecionou todas as bordas passíveis de análise, a expressiva presença de bordas decoradas é um elemento interessante de se observar.

Nas bordas, foram observados diferentes tipos de decoração, seja o uso de modificações nos lábios, seja por meio de retirada de pasta, decoração digitada, incisões ou adição de pasta, como se pode observar nos exemplos a seguir:

Figura 32 – Borda com modificação no lábio (1 e 2), borda ungulada, borda com incisão retilínea e pequenas incisões no lábio, borda com incisão retilínea, borda lobulada, borda com flange, borda com incisão retilínea, borda com flange, borda ungulada (escala de 5 centímetros).



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Foi observada a utilização da decoração no lábio ungulada ou digitada em parte significativa da amostra (esses fragmentos normalmente apresentaram uma superfície corrugada). A frequência de vasilhas floriformes foi menor (essas vasilhas além de apresentarem decoração no lábio, possuem superfície com engobo branco).

Na amostra também foram identificadas flanges decoradas. As flanges são extensões que formam uma pequena superfície horizontal. Na face superior dessa superfície, que é a mais visível, são aplicadas diversas técnicas e motivos decorativos (BARRETO *et al.*, 2016). Na coleção, as flanges apresentaram decoração incisa com entalhes.

Figura 33 – Fragmentos de borda com decoração lobulada, digitada, ungulada e algumas das flanges da coleção cerâmica (escalas de 5 centímetros).



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Outra modificação decorativa frequente foi o uso de incisões. As incisões foram elaboradas com motivos retilíneos, paralelos e curvilíneos. Além disso, também foi frequente a decoração acanalada, que é realizada a partir da retirada de material da superfície criando um “canal” (portanto mais largo que uma incisão).

Figura 34 – Alguns exemplos de decoração incisa (escala de 5 centímetros).



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Desses fragmentos com decoração acanalada, em alguns também são acrescentados um aplique roletado como reforço ao final da área decorada. Nesses fragmentos, observamos que a decoração foi feita sobre uma pasta adicionada posteriormente à superfície moldada. Com a quebra da vasilha, ficam visíveis essas diferentes fases de elaboração da cerâmica.

Figura 35 – Alguns exemplos de decoração acanalada e um fragmento onde podemos ver que essa decoração é feita sobre uma camada adicionada à superfície da cerâmica (escala de 5 centímetros).



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Na amostra, também tivemos alguns fragmentos de vasilhas decorados com uso de roletes aparentes. De acordo com Barreto *et al.* (2016), é uma técnica de confecção de cerâmica caracterizada pela escolha deliberada em não alisar a superfície das paredes da vasilha após o acordelamento, mantendo evidentes os roletes que estruturam os vasos.

Figura 36 – Fragmentos com roletes aparentes (escala de 5 centímetros)



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

No grupo de fragmentos abaixo, podemos notar padrões decorativos semelhantes, no entanto, as técnicas utilizadas parecem variar. Em parte dos fragmentos é possível identificar

que a superfície é resultado da impressão de corda ou de uma cestaria (trançado). Além disso, em alguns fragmentos, identificamos um tipo de decoração que parece ser obtida por entalhe de um objeto pontiagudo. Optei por agrupá-las, pois, além da semelhança visual da decoração, apresentam formatos diferenciados.

Figura 37 – Fragmentos com decorações que podem ser resultado de impressão de corda, uso de cestaria, e também objetos pontiagudos (escala de 5 centímetros).



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

A técnica corrugada permite um acabamento único, realizado na parte externa da superfície da cerâmica. A técnica consiste em aplicar uma pressão perpendicular aos roletes, repetidamente em linhas sucessivas, criando um efeito de ondas (BARRETO *et al.*, 2016). Além do visual, o corrugado também influencia a condução térmica das paredes, ampliando a superfície aquecida, sendo frequentemente associada com vasilhas que vão ao fogo. Na coleção analisada, esse tipo de modificação esteve presente em 11 fragmentos.

Figura 38 – Alguns fragmentos corrugados da coleção (escala de 5 centímetros)



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Identificamos, ainda, a decoração ponteadada, que usualmente é obtida por meio de instrumentos pontiagudos que deixam marcas diversas na superfície da cerâmica. Segundo Barreto *et al.* (2016), esses instrumentos podem ter uma ou mais pontas, além de diversas formas e tamanhos, o que proporciona uma ampla variedade de gestos e variações de textura na superfície. Na coleção, essa decoração aparece nas carenas (partes angulosas do corpo), em apliques de rolete ou na superfície da cerâmica.

Figura 39 – Fragmentos com decoração ponteadada (escala de 5 centímetros)



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Entre os tipos de decorações plásticas, também foi frequente a adição de apliques. Essa técnica de decoração é feita a partir de pedaços de argilas que são modelados e fixados à superfície da vasilha por meio de pressão ou alisamento (BARRETO *et al.*, 2016). Esses apliques podem ser antropomorfos, zoomorfos ou antropozoomorfos, filetes retilíneos circulares ou botões.

Figura 40 – Fragmentos com apliques (escala de 5 centímetros)



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

As decorações pintadas que ocorrem no sítio Itapinima I correspondem a quatro tipos diferentes: banho branco; banho vermelho; traços pretos e vermelhos sobre banho branco, traços monocromáticos pretos, vermelhos ou amarelos sobre banho branco. A maior parte dos fragmentos com pinturas possui engobo branco em parte da superfície interna ou externa. Os traços policromos nem sempre são fáceis de identificar devido ao estado de preservação da cerâmica.

Figura 41 – Fragmentos com decoração pintada (escala de 5 centímetros)



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

Após a caracterização cerâmica do sítio, buscamos, no próximo capítulo, relacioná-las a possíveis conjuntos ou tradições em diálogo com pesquisas realizadas na região. O que podemos inferir sobre essa ocupação a partir das cerâmicas arqueológicas dos sítios analisados? Novas possibilidades?

Capítulo 3 – Possibilidades

*Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora,
mas ser convidado para a reunião.*

(INGOLD, 2012, p. 29)

Retomamos Ingold e sua percepção sobre o material, e como “as coisas” são lugares onde vários *acontecerem* se entrelaçam. Nesses entrelaçamentos vemos possibilidades e nos convidamos para esse encontro. Neste capítulo, para além das descrições das técnicas, buscamos relacionar esse material com seus possíveis passados que se fazem também no presente.

Com base nas pesquisas realizadas na região do médio-baixo Xingu, apresento minhas percepções sobre a coleção, estabelecendo um diálogo com as tradições cerâmicas e retomando questões que foram levantadas no início da pesquisa. Meu objetivo é apresentar como o estudo dessas cerâmicas pode contribuir para a discussão sobre as cerâmicas Koriabo. Ainda que nessa tentativa, ressalto: “Deixados ao léu, os materiais fogem do controle. Potes se quebram, corpos desintegram” (INGOLD, 2012, p. 36).

Figura 42 – Cerâmica da coleção PRONAPABA coletada por Celso Perota, sem referência a sítio (número marcado no fragmento não está legível).¹³



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

¹³ A decoração sugere a classificação como Koriabo. Esse fragmento faz parte do grupo que representa quase metade da coleção do PRONAPABA, tanto do Xingu quanto do Tapajós, cacos “deixados ao léu”. Dois motivos principais me instigam a trazer essa imagem: a primeira reflexão segue na ideia de que os materiais fogem ao controle, por mais que o exercício seja de dar atenção a eles, algo sempre escapa. O segundo motivo se refere à própria decoração, na minha percepção duas serpentes indo ao encontro uma com a outra e as curvas de seus corpos, dos caminhos. Essa imagem representa o exercício proposto na parte final do texto, ir ao encontro de diferentes teorias, ao propor o encontro de diferentes materiais. Uma contradição? Dar atenção aos cacos e não perder o controle, mas também perder o controle.

3.1 Contextos arqueológicos do médio-baixo Xingu

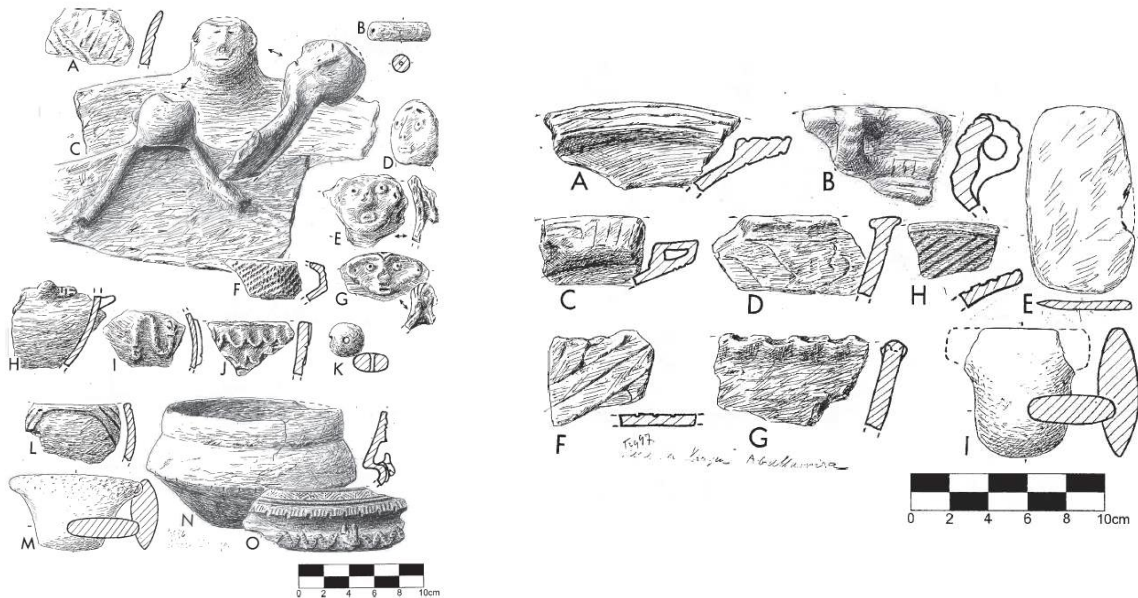
O estudo da cultura material nos conecta a ideias, sistemas de pensamentos e escolhas que, quando apresentam certa coesão, são percebidos como parte de um conjunto de ideias compartilhadas em grupos. Na arqueologia, as compreensões das escolhas culturais embasam as interpretações e análises cerâmicas, permitindo perceber essas produções como relacionadas a determinados grupos. O contexto arqueológico do médio-baixo Xingu é diverso.

Os dados etnográficos e arqueológicos mostram que a região foi ocupada por diferentes grupos indígenas, o que, desde século XIX e o início do século XX, chamou a atenção das expedições que passavam pelo local. Na região é possível identificar a presença de três famílias linguísticas: Gê, Tupi e Karib, que abrangem diversas etnias (NIMUENDAJÚ, 1981).

Na expedição pela região, Curt Nimuendajú identificou na Volta Grande do Xingu fragmentos cerâmicos em “locais com terra preta”, semelhantes àqueles encontrados em habitações indígenas na margem do Iratapuru, um rio localizado do outro lado do rio Amazonas, no atual estado do Amapá. A partir dessa semelhança, o autor sugere que esses possíveis paralelos nas cerâmicas estariam associados ao povo indígena Wajãpi¹⁴ e que sua presença em ambas as regiões indicava a migração dessas populações para as Guianas durante o período colonial: “No geographical obstacles existed for a migration from the lower Xingú to the Jary, since the mouths of both Rivers are almost opposite each other” (NIMUENDAJÚ, 2004, p. 114).

¹⁴ Nimuendajú escreve sobre uma conexão entre os Guayapis do baixo Xingu e os Ayapi no Jari, e não usa a grafia Wajãpi, essa foi a grafia sugerida em processos recentes dos Wajãpi de transpor a língua oral para a escrita, com apoio de linguistas [Mariana Cabral, comunicação oral]. No texto de Saldanha & Cabral (2020), os autores ainda apresentam uma conexão ligando a fase Mazagão e Koriabo. É salientado que a Fase Magazão, em específico fragmentos do tipo Uxy Inciso, que apresentam muitos motivos concêntricos e curvilíneos, alguns dos quais poderiam se encaixar na decoração incisa Koriab, foi principalmente definida a partir de uma coleção de fragmentos feitos por Curt Nimuendajú no Rio Iratapuru. A caracterização Koriabo realizada posteriormente por Meggers e Evans, por mais que não tenham feito nenhuma menção conectando com sítios no Amapá, propôs uma rota de migração e difusão que conectava essas áreas: “‘Early Mazagão-Aristé’ route of migration and diffusion, starting south of the Jari River and reaching Eastern Suriname by a coastal path (Meggers and Evans 1957: 600), which would connect to a movement of the Koriabo Phase from Suriname to Republic of Guiana (EVANS e MEGGERS 1960, p. 151, *apud* SALDANHA e CABRAL, 2020, p. 114).

Figura 43 – Pranchas de Nimuendajú do Baixo Iriry – Xingu e Altamira – médio Xingu. As pranchas apresentam cerâmicas com características semelhantes ao material Koriabo. A mesma região foi posteriormente estudada no PRONAPABA por Celso Perota.



Fonte: Nimuendajú, 2004, p. 227-228.

A ligação do povo Wajãpi com essas cerâmicas ainda carece de ser melhor compreendida, mas pesquisa recentes demonstraram que nas duas regiões (rio Jari no Amapá e bacia do Xingu no Pará) há conjuntos cerâmicos classificados como Koriabo (para o Amapá, ver Saldanha *et al.*, 2016; Barreto, 2015; para o Pará, ver Müller *et al.*, 2016; Lima e Fernandes, 2016). Ao observarmos as pranchas de Nimuendajú¹⁵ sobre o material do Iratapuru, notamos que eles apresentam estreitas semelhanças com materiais das pranchas do Xingu, como o autor havia destacado. É interessante salientar que o material que se assemelha é justamente aquele com características Koriabo.

Coletas realizadas na década de 1960 no interflúvio Xingu-Tocantins definiram as primeiras fases da região: Itacaiúnas e Carapanã. Posteriormente, foram realizadas escavações pelo PRONAPABA, que, conforme apresentado no primeiro capítulo, definiram um modelo de classificação da região. As fases Itacaiúnas, Carapanã, Arara e Pacajá foram associadas à Tradição Tupiguarani; as fases Independência, Cacarapí e Criajó à Tradição Polícroma; e a fase Curuá à Tradição Inciso-Ponteado (GARCIA, 2016). No entanto, essas classificações feitas a partir do PRONAPABA vêm sendo revisitadas e questionadas. Almeida (2013) realizou uma revisão das cerâmicas do baixo Tocantins, Tapajós e Marajó, analisando cerâmicas vinculadas à Tradição Polícroma. Nesse movimento, o autor indica a existência de uma inconsistência

¹⁵ Colocadas no Anexo 2 dessa dissertação.

dessa tradição nessas regiões e, assim, considera incerta a existência da Tradição Polícroma no Xingu.

Ainda no contexto do PRONAPABA, o modelo de ocupação desenvolvido para a região presumia a existência de fronteiras físicas entre os grupos, como a cachoeira da Volta Grande. No entanto, essa abordagem tem sido contestada, e esses locais passaram a ser vistos como potencializadores de encontros e interações:

(...) cachoeiras como a existente na Volta Grande do Xingu serviram como lugares de entroncamento das redes de contato entre as populações indígenas pré-coloniais, aspecto que explicaria a variabilidade da cerâmica indicada pelas pesquisas do PRONAPABA no médio-baixo Xingu (GARCIA, 2016, p. 197).

Ainda na década de 1980, Fernanda Araújo Costa e Solange B. Caldarelli (1988) conduziram uma pesquisa arqueológica abrangente na região do médio-baixo Xingu, incluindo a área do reservatório da Usina Hidrelétrica Kararaô. Essas investigações levaram à conclusão de que a posição geográfica da bacia do Xingu, na parte situada entre o rio Tapajós, apresenta sítios arqueológicos relacionados à Tradição Inciso-Ponteadado, enquanto na bacia do Tocantins há uma zona de transição entre essas duas tradições arqueológicas, o que poderia ter ocasionado a sobreposição gradual da tradição Tupiguarani pela tradição Inciso-Ponteadado (COSTA e CALDARELLI, 1988, *apud* GARCIA, 2016).

Essa percepção de lugares como zonas híbridas têm despertado a atenção de pesquisadores que revisam as primeiras definições. Nos últimos anos, novas pesquisas realizadas no baixo e médio curso do rio Xingu foram publicadas e nos ajudam a ter uma melhor visualização do potencial arqueológico que a região oferece. A partir de pesquisas realizadas na foz do Xingu pelo Projeto “OCA GURUPÁ – Origens, Cultura, e Ambiente” (LIMA *et al.*, 2020, LIMA *et al.*, 2016) e na Volta Grande, desenvolvidas no âmbito do licenciamento ambiental da obra da usina de Belo Monte (MÜLLER *et al.*, 2016; CASTRO, 2020; CASTRO *et al.*, 2020), tivemos novas contribuições para compreensão do contexto arqueológico da área.

As primeiras observações das cerâmicas encontradas na foz do rio Xingu mostram elementos estilísticos que indicam um possível intercâmbio cultural nas regiões da foz do Amazonas e das Guianas. A hipótese é de que a região do atual município de Gurupá, por sua localização estratégica, possa ter desempenhado um papel de destaque no contexto sociopolítico das ocupações pré-coloniais da Amazônia (LIMA e FERNANDES, 2016). As análises preliminares indicaram que alguns componentes dos conjuntos cerâmicos encontrados no baixo rio Xingu (no sítio Carrazedo e em Gurupá) apresentam características semelhantes à cerâmica Koriabo, especialmente em relação à decoração (LIMA e FERNANDES, 2016).

Com relação aos dados publicados sobre a Volta Grande (MÜLLER *et al.*, 2016; CASTRO, 2020; CASTRO *et al.*, 2020), desenvolvidos no processo de licenciamento para construção da Usina de Belo Monte, foram percebidos, de modo geral, dois padrões: 1) Sítios arqueológicos sem Terra Preta Arqueológica (TPA), que possuem cerâmica lisa, com pouca decoração e sem tratamento cromático, além de contornos simples e poucos materiais líticos. Esses sítios incluem Santo Antônio 4, Santo Antônio 12, Belo Monte 1 e Belo Monte 4; 2) Um segundo conjunto de sítios arqueológicos que apresentam material cerâmico com decoração plástica, tratamento de superfície com engobo branco e banho vermelho, bordas recortadas ou petalares. São os sítios Belo Monte 2, Santo Antônio 10, Santo Antônio 13, Santo Antônio 8 e Santo Antônio 9. Os estudos da área mostram que algumas características habitualmente apontadas como características de certas ocupações ora estão de acordo e ora variam, como é o caso da presença do corrugado atribuído à Tradição Tupiguarani nos sítios estudados. Ainda foram identificados atributos no segundo conjunto de sítios descritos que se assemelham ao material Koriabo, então ligados à Tradição Borda Incisa (MÜLLER *et al.*, 2016).

A dissertação de Castro (2020) apresenta, com base nas análises dessas cerâmicas de Belo Monte, que é possível perceber na coleção um conjunto de materiais associados à Série Arauquinoide do escudo das Guianas, correlacionada com a Tradição Inciso-Ponteadado, além das cerâmicas Koriabo. Com essas novas pesquisas vemos que a diversidade cultural passa a ser fundamental para olharmos essas cerâmicas, tanto nas zonas de interflúvio quanto no médio-baixo Xingu, que revelam traços de continuidade e transformações culturais. Assim, vamos seguir estabelecendo uma comparação das cerâmicas analisadas do PRONAPABA com essas publicações apresentadas.

3.2 As cerâmicas Koriabo e a coleção do PRONAPABA

Levando em consideração o contexto arqueológico do médio e baixo Xingu, a coleção do PRONAPABA nos apresenta uma visão adicional para entender a ocupação da região. O objetivo desta dissertação é fornecer novas contribuições para compreender a dispersão das cerâmicas Koriabo nesta área. Isto envolve identificar quais características são recorrentes e quais variam, ao comparar com cerâmicas encontradas em outras regiões, como no Escudo das Guianas, afluentes do norte do Amazonas e ao longo do próprio rio Amazonas.

Dessa forma, me parece importante iniciar debatendo as definições do termo *Koriabo* e o que são essas cerâmicas. As cerâmicas Koriabo foram inicialmente classificadas por Evans & Meggers (1960) na antiga colônia da Guiana Britânica (atual República Cooperativa da Guiana), sendo caracterizadas por um tipo encontrado em sítios aldeias, com tamanhos variando

entre 1800 e 7400 m², com profundidade não excedendo a 32 cm. Esses sítios estariam localizados em margens de rios acima do nível de inundação, perto de regiões onde há terra suficiente para agricultura de corte e queima. A cerâmica foi dividida em três tipos lisos e dois decorados. O tempero predominante   a areia, com um menor uso de cariapé. Os tipos de decora o incluem incisões finas em V e cuidadosamente executadas ou incisões largas, com a remo o da pasta durante a execu o, às vezes combinadas com baixos relevos de aplique, pequenas bolotinhas e faces. Nas bordas,   comum a presença de incisões e padrões lobulados como característicos desses conjuntos. Além disso, foram encontrados fragmentos de um assador que sugeriria o uso de mandioca e também trempes de cerâmica.

Os autores propuseram que a “fase Koriabo” teve sua origem por volta de 1200 A.D., sendo a última a surgir na região noroeste da Guiana. Acredita-se que essas cerâmicas seguiram uma rota de difusão pelo litoral das Guianas até alcançar a região por volta do século XIII. Além disso, também foi identificado esse material em sítios da Fase Mabaruma e vice-versa, o que passou a ser indicativo de rela es de troca entre os grupos.

Após as pesquisas de Evans & Meggers (1960), investiga es subseqüentes ampliaram o estado da arte sobre as cerâmicas Koriabo. As classifica es inicialmente feitas por Evans & Meggers foram revisadas (ROSTAIN, 2008, 2020; BOOMERT, 2004; VAN DEN BEL, 2010; CABRAL, 2011; BARRETO *et al.*, 2020) buscando repensar essa categoria, pois mesmo Evans & Meggers (1960) identificaram cerâmicas na s ria o Koriabo que foram apontadas como “sem classifica o”, mas também foram identificadas, em outros sítios, cerâmicas com faixas de um croma branco-creme tanto na face interna como na externa, bem como cerâmicas com lábio plano com pintura vermelha.

A publica o de Evans e Meggers (1960) ofereceu as condi es para que conjuntos com características semelhantes pudessem ser classificadas na mesma categoria em diversas regiões das Guianas (Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e norte do Brasil), assim como em outras partes do norte do Brasil até a bacia do Xingu (BOOMERT, 2004; ROSTAIN, 2008, 2020; VAN DEN BEL, 2010; SALDANHA e CABRAL, 2008, 2020; CABRAL, 2011; LIMA e FERNANDES, 2016; CASTRO *et al.*, 2020, MÜLLER *et al.*, 2016).

Stephen Rostain (2008; 2020), a partir de estudos principalmente realizados na Guiana Francesa, identificou os estilos Chaton Fantastique e Melchior Kwep, associados   “fase Koriabo”, que ele entende ser pertencente   Tradi o Inciso Ponteada. O tipo Chaton Fantastique   predominantemente encontrado em sítios do interior, sua ampla dispersão pode explicar as varia es notáveis nas pastas entre diferentes regiões, mas também há diferenças entre os fragmentos do mesmo sítio. São reconhecidas três variedades que correspondem a

diferentes pastas e três áreas geográficas. É caracterizado pelo uso de pasta avermelhada ou amarelo-avermelhada com quartzo como tempero e vasilhas torácicas. A decoração inclui representações zoomorfas e antropomórficas, incisões, filetes e botões aplicados.

O pesquisador destaca que o tipo Melchior Kwep apresenta um problema de atribuição, esse problema se deve ao fato de que ele foi definido com base em uma pequena amostra proveniente de três localidades diferentes (ROSTAIN, 2020, p. 72). Além disso, sua decoração não coincide perfeitamente com a de outros tipos conhecidos, assim, a atribuição precisa do Melchior Kwep à “fase Koriabo” ainda não pode ser determinada com certeza. A cerâmica Melchior Kwep é definida pelo uso do cariapé, superfície bem alisada e decoração pintada vermelha ou branca, linhas retas ou entalhados e impressões digitadas. Há semelhanças do estilo com o Aristé e também com a série Arauquinoide (ROSTAIN, 2020, p. 73).

Com relação à origem dessas cerâmicas, o autor chegou a considerar as cerâmicas Koriabo como um produto único das Guianas, quando ainda não existiam registros fora dela, além de propor sua origem entre o curso médio e baixo do rio Amazonas. Em publicações recentes (2020), o autor destaca que características dessas cerâmicas são encontradas em locais no Brasil, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, o que indica uma cultura homogênea e sólida. Ele defende que esses grupos tiveram origem no interior do Escudo das Guianas a partir de 1100-1200 A.D., de onde essas populações se espalharam pelas Guianas ao longo dos principais eixos fluviais. O autor acredita na contemporaneidade entre as cerâmicas Koriabo e os complexos Kwatta e Barbakoeba.

Análises das localizações dos sítios Koriabo no Suriname, realizadas por Arie Boomert (2004), mostram que a maior parte deles está localizada às margens de córregos relativamente pequenos, não muito longe de suas junções com um rio principal, ou os sítios estão localizados em bancos altos ou terraços de um rio. A cerâmica apresentava uma manufatura acordelada com alisamento irregular em ambas as faces e queima geralmente incompleta em ambiente aberto, com raros furos para conserto. As paredes têm variação entre 5 e 13 mm e na pasta cerâmica foram identificados elementos diversificados, com quartzo e mica predominantes, além do quartzo e cariapé, cariapé isolado e quartzo fino e grosso. O componente policromo estava restrito a vasilhas específicas de caráter cerimonial (BOOMERT, 2004).

Segundo Boomert, a cerâmica Koriabo apresenta semelhanças estilísticas com as cerâmicas Aristé e Mazagão, pertencentes à Tradição Policroma. Ele sugere uma origem comum para essas cerâmicas, relacionada à antiga sequência ocupando o norte e o sul do Amapá. Além disso, Boomert destaca a similaridade entre a cerâmica Koriabo e a cerâmica Cayo das ilhas Windward no Caribe. Ele propõe classificar a cerâmica Koriabo como parte de

uma subsérie chamada Koriabiana, associada à Tradição Polícroma, preferencialmente denominada Marajoaróide. Ele argumenta que a decoração e a forma das vasilhas das três séries são semelhantes, passando por uma mudança no tempero do material utilizado. Boomert defende uma cronologia mais antiga para as cerâmicas Koriabo do que a proposta por outros estudiosos, com base em datações que vão de 407-203 B.C. e alcançando até 1489-1949 A.D. Cabe ressaltar que estabelecer afinidades entre uma cultura material e grupos indígenas do período pós-contato é um exercício desafiador para a arqueologia. Boomert destaca a possível relação entre a cerâmica Koriabo e os grupos indígenas que falam línguas da família Caribe. Segundo o autor, as cerâmicas produzidas pelos índios Ka'linã das Guianas e do baixo vale do Orinoco apresentam grande semelhança em termos de formas e decorações.

Van den Bel (2010) abordou a questão Koriabo a partir de escavações feitas em sítios de terra preta e trouxe novos levantamentos importantes sobre os contextos de deposição dessas cerâmicas, mas também trouxe um questionamento sobre como olhamos para as cerâmicas lisas, ou de uso doméstico, pois essas cerâmicas aparecem associadas a esses materiais, mas ocupam um lugar secundário nas investigações. O material cerâmico característico Koriabo apresentava pinturas compostas por faixas vermelhas, brancas, além de pinturas pretas sobre faixa branca. Presença de vasilhas polilobadas, com decoração pintada ou plástica na face interna. A borda floriforme também apresentou decoração, com a aplicação de incisões, faces biomórficas. Além disso, as cerâmicas apresentavam filetes com decoração digitada, além da presença de protuberâncias, asas e entalhados. Como tempero, o autor observou a ocorrência majoritária de minerais, sendo o quartzo o mais popular, ocorrendo ainda mica e feldspato associados, além da presença de cariapé.

Martijn Van den Bel (2010) propôs a hipótese de que o material Koriabo estaria relacionado a uma cerâmica de troca nas Guianas, devido à sua ampla expansão por todo o planalto guianense. Essa expansão coloca a cerâmica Koriabo dentro de uma dinâmica de redes de trocas regionais. As datações feitas pelo autor revelam uma variedade de datas que indicam uma ocupação contínua de cerca de 400 anos, ou dois períodos de ocupação distintos. Van den Bel sugere que a cerâmica Koriabo pode ter sido utilizada em um contexto de uso compartilhado interétnico, conforme evidenciado pela presença de outros tipos cerâmicos e fragmentos de vasilhas não decoradas. Isso sugere uma ampla interação social entre as pessoas que produziram a cerâmica Koriabo e diversos outros grupos. Em termos cronológicos, Van den Bel aceita uma extensão entre 900 e 1500 A.D. para a cerâmica Koriabo.

No Amapá, João Saldanha, Mariana Cabral e colaboradores, em distintas publicações (2011; 2016; 2020), a partir de pesquisas realizadas, identificaram sítios com material Koriabo na parte do centro-sul e no interior do estado. Nesses sítios, os pesquisadores descrevem três

contextos distintos onde encontraram essas cerâmicas. No primeiro contexto foram identificadas estruturas de habitação e funerárias nas quais a cerâmica com características típicas Koriabo estava associada a um conjunto não identificado de vasilhas domésticas pouco decoradas. Em outro local, foram encontradas peças Koriabo em contexto funerário, depositadas em uma fossa, claramente separadas do restante do material.

Conforme destaca Cabral (2011), nesse segundo contexto também é visível a distinção entre conjuntos típicos Koriabo, com decoração incisa e plástica, e um conjunto de vasilhas sem decoração. O material decorado Koriabo nesse contexto, não está associado às estruturas funerárias, exceto por um possível contexto funerário com cremação. Essas estruturas funerárias eram compostas principalmente por vasilhas completas sem decoração, algumas com sinais de reparos antigos em rachaduras, enquanto o material decorado está fragmentado. Um terceiro contexto de aparecimento dessas cerâmicas no estado do Amapá foi no interior da Terra Indígena Wajãpi, onde foram encontrados fragmentos com decoração incisa com motivos peculiares, que repetem padrões classificados como Koriabo.

As datações obtidas nas pesquisas realizadas no Amapá indicam uma ampliação da cronologia Koriabo, em comparação com o proposto por Evans e Meggers (1960), que indicam uma ocupação mais tardia. Cabral (2011) destaca que as datas disponíveis para a “fase Koriabo” indicam uma continuidade temporal significativa, embora a definição exata de seu início seja uma questão a ser investigada. Observando as datações disponíveis, a autora sugere uma possível expansão a partir do interior em direção ao litoral, assim, a semelhança das cronologias entre países diversos poderia ser justificada pela proximidade das fronteiras no interior da região.

Fora da região das Guianas, Peter Hilbert (1982) apresenta uma possível rota de dispersão dessas cerâmicas, ao analisar a amostra coletada por Protásio Frikel do rio Cuminã. O pesquisador identificou que a cerâmica Koriabo era produzida na região com tempero de quartzo, a manufatura das peças envolvia o uso da técnica acordelada, resultando em uma superfície alisada e paredes com espessura entre 3 e 14 mm. Hilbert identificou a presença de fragmentos associados à Fase Mabaruma, com base nos dados fornecidos por Evans e Meggers sobre a cerâmica Koriabo. Hilbert formulou a hipótese de dispersão das cerâmicas Koriabo em uma direção norte-sul, resultando em uma cronologia mais recente para os sítios localizados ao sul em comparação aos da Guiana. Ele especulou que os povos da “fase Koriabo” buscaram possivelmente refúgio no interior devido à pressão do contato europeu, sugerindo que eles teriam percorrido uma rota ao longo do rio Essequibo para atravessar as montanhas do Tumucumaque. Essa interpretação alinha-se com a proposta de Meggers e Evans (1960), que

também associavam os fragmentos à fase mais recente e indicavam que a chegada das ceramistas Koriabo ocorreu por meio de um movimento de norte para sul, possivelmente impulsionado pela necessidade de evitar o contato com os europeus.

Mais a sul, na região do Xingu, novos questionamentos nos fazem voltar às coleções para reavaliar classificações e interpretações mais antigas. Conforme apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação, Perota definiu a fase Cacarapi na região da Volta Grande. O autor não havia identificado o estilo Koriabo em suas pesquisas, mas, posteriormente, ao entrar em contato com Rostain, percebe que as características das cerâmicas Koriabo tinham semelhanças com as que foram definidas como Fase Cacarapi.

A Fase Cacarapi foi caracterizada por sítios preferencialmente nos platôs elevados do Grupo Barreiras, com uma produção cerâmica com técnica de manufatura acordelada e como tempero areia, cauixi e cariapé. Identificou o uso de decorações pintadas, incisões, decoração raspada. As formas “são representadas por pratos rasos com bordas levemente inclinadas em meia calota, esféricas em meia calota com bordas reforçadas; vasos de contorno constrito com bordas extrovertidas e vasos de meia esfera de contorno composto” (PEROTA, 1992, p. 212). As datações para essa fase situam a ocupação entre 910 +/- 60 e 365 +/- 60 A.P., o que contraria a cronologia proposta por Rostain para a “fase Koriabo”, já que essas datações indicam uma antiguidade fora da região tradicionalmente aceita como origem desse conjunto cerâmico, que estaria localizado na porção norte do rio Amazonas.

Na região da Volta Grande, a partir dos estudos do licenciamento ambiental da Usina de Belo Monte (CASTRO *et al.*, 2020; CASTRO, 2020; MÜLLER *et al.*, 2016), foram identificadas cerâmicas com morfologia piriforme, abas lobuladas e decoração plástica incisa semelhante aos vasos Koriabo das Guianas. No Sítio Sabia-2, foram encontrados dois locais de Terra Preta com cerâmicas com decoração característica da “fase Koriabo”, como incisões, apliques antropomórficos e zoomórficos, digitados, ponteados, filetes aplicados e espatulados. Como decoração, também chamou a atenção a decoração cromática, com pinturas de vermelho e preto sobre branco, vermelho e amarelo sobre branco, e faixas brancas em decorações pintadas, geralmente ligadas a formas específicas de vasilhas, além disso, também foram encontrados outros estilos cerâmicos associados às cerâmicas Koriabo. É interessante que foi notada uma composição habitacional de sítios que se assemelha mais aos assentamentos Tupi da região, com ocupações em planos irregulares ou poucas casas comunais. Isso sugere uma possível dualidade entre o que classificamos como Tupiguarani e Koriabo nesse sítio, e talvez conexões entre povos diferentes.

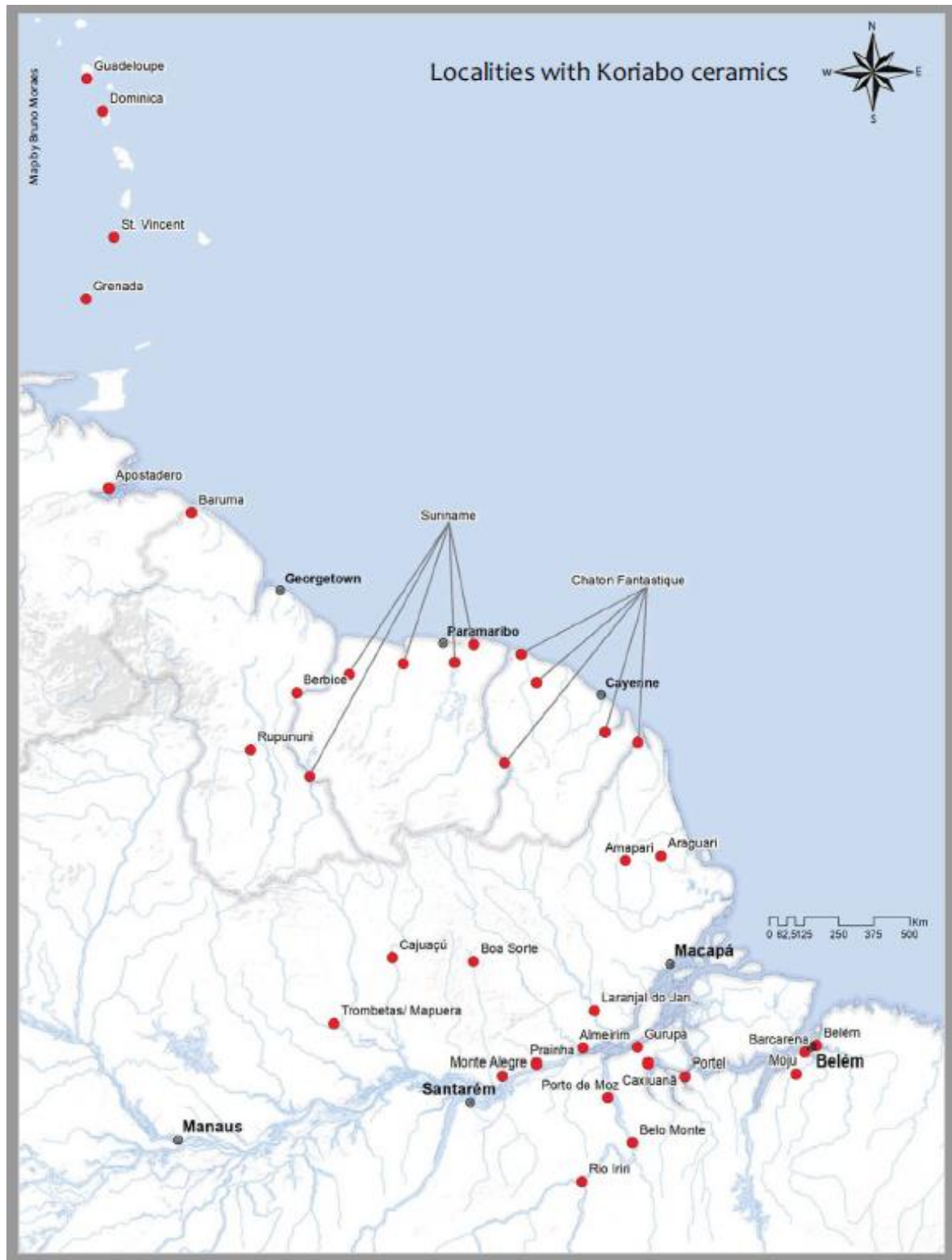
Na região da foz do rio Xingu, com a atuação do projeto OCA (LIMA e FERNANDES,

2016; BARRETO e LIMA, 2020), foram identificadas, a partir da análise dos conjuntos cerâmicos identificados no sítio Carrazedo, cerâmicas com decoração característica Koriabo. Foram identificados vasos floriformes com abertura ampla, flanges floriformes, lobuladas e lábios recortados. As autoras destacam a similaridade desses vasos aos encontrados em Almerim e Monte Alegre, na outra margem do rio Amazonas. As bordas ou flanges labiais fornecem suporte para a aplicação da decoração, e sua extensão é maior que a altura do vaso. A maioria dos vasos possui uma pasta de cor alaranjada forte ou bege-acinzentada. A decoração consiste em engobo branco e/ou cinza, com alguns fragmentos apresentando vestígios de pintura vermelha em linhas.

Observamos que com a ampliação dos estudos em sítios que possuem cerâmica Koriabo, é possível visualizar que o tempero utilizado varia consideravelmente de acordo com a disponibilidade de matéria-prima na região ocupada. Rostain aponta que “(...) existem variações na pasta de acordo com a disponibilidade de matérias-primas locais, mas as formas específicas e características da decoração incisa e em applique são muito semelhantes em todos os sítios” (ROSTAIN, 2008, p. 299. Tradução nossa).¹⁶ Ainda destacamos a proposta de Van den Bel (2010) em levantar a hipótese de que essas cerâmicas desempenhavam um papel de troca em atividades sociais intergrupos, pois assim podemos justificar a extensa presença dessas cerâmicas do Xingu à costa Guianense. No mapa abaixo podemos observar a amplitude geográfica de sítios onde encontramos cerâmicas Koriabo.

¹⁶ No original: (...) there are variations in the paste according to the availability of the local raw materials, but specific shapes and features incised and appliqué decoration are very similar in all the sites.

Figura 44 – Mapa de sítios com cerâmicas Koriabo. Elaborado por Bruno Moraes.



Fonte: Barreto *et al.* (2020).

No entanto, as datas disponíveis atualmente para a “fase Koriabo” indicam uma continuidade temporal significativa, e a definição mais clara de seu início ainda é uma questão

a ser investigada. Os resultados em geral apontam para uma vasta área de distribuição das cerâmicas Koriabo, não apenas ao longo das planícies aluviais da Amazônia, mas também ao longo dos afluentes que conectam o planalto das Guianas às terras baixas, como os rios Trombetas, Maicuru, Paru e Jari. A presença de cerâmicas semelhantes às Koriabo em sítios da Amazônia ocorre tanto em locais com evidências de ocupações únicas (Gurupá, Caxiuanã) quanto misturadas com outros complexos (Monte Alegre, Trombetas), o que ainda representa um desafio para uma compreensão mais aprofundada dos processos culturais que levaram a uma distribuição tão ampla, bem como de sua temporalidade.














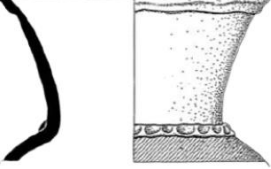

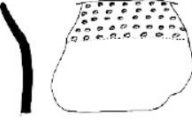


A distribuição das cerâmicas Koriabo abrange uma vasta área, incluindo as planícies aluviais da Amazônia e os afluentes que ligam o planalto das Guianas às terras baixas. Os sítios arqueológicos até então estudados revelam a presença dessas cerâmicas em locais que evidenciam ocupações únicas, assim como ocupações onde elas aparecem misturadas com outros complexos. As datas disponíveis para as cerâmicas Koriabo, conforme observamos, mostram uma continuidade temporal significativa, no entanto ainda não existe um consenso com relação ao seu início. No próximo tópico busco apresentar as características das cerâmicas Koriabo presentes na coleção estudada, de modo mais específico no Sítio Itapinima I (PA-AL-39) e também comparando dados do sítio Santo Antônio em dois contextos de escavações.

3.2.1 Presença Koriabo: um exercício de comparação

Foi dado destaque aos elementos característicos das cerâmicas Koriabo nos sítios estudados, o que influenciou a seleção da amostra e a priorização dos sítios para análise. No entanto, ao examinar o sítio PA-AL-39 em maior detalhe, observou-se também a presença de conjuntos cerâmicos distintos, com apenas algumas cerâmicas exibindo características semelhantes às cerâmicas Koriabo. Essa constatação sugere uma forte associação desse material com a tradição Tupiguarani.

Esse exercício se coloca como uma possibilidade de estabelecer uma possível interpretação para esse material carente de documentações e dados específicos. Na tabela abaixo, a partir da decoração dos fragmentos, busco relacioná-los com cerâmicas de outros sítios, identificadas como Koriabo. Com o quadro, notamos a prevalência de algumas características estilísticas nas cerâmicas de distintas regiões.

Tabela 4 – Tabela de comparação das cerâmicas do Sítio PA-AL-39 com cerâmicas de outras regiões

SÍTIO PA-AL-39	OUTROS	FONTE
		Técnicas de decoração da cerâmica no estilo Koriabo em La Poterie, Grenada: vaso com incisões largas e rasas na borda e vaso de floriforme com incisões paralelas largas e rasas na borda. Foto: M. Hoogland. Fonte: Hofman et al, 2020.
		Motivos plásticos Chaton Fantastique da cerâmica Koriabo na Guiana Francesa. Desenho de S. Rostain. Fonte: Rostain, 2020
		Fragmentos de cerâmica Koriabo e vasos recuperados nos sítios arqueológicos de Gurupá. Fotos: Nigel Smith, Projeto OCA. Fonte: Lima et al 2020.
		Cerâmicas Koriabo do Rio Maicuru. Diversidade de faces antropomórficas. Coleção do Museu BASA Fotos: Tagliati Souza. Fonte: Betancourt e Souza 2020.
		Caco de cerâmica da região de Monte Alegre, Baixo Amazonas Foto de C. Barreto. Fonte: Rostain et al 2020.
		Cerâmicas Koriabo do rio Maicuru. Coleção do Museu BASA. Fotos: Tagliati Souza. Fonte: Betancourt e Souza 2020.
		Estilo Melchior Kwep da série Koriabo. Fonte: Rostain, 1994 apud Castro, 2020
		Motivos plásticos Chaton Fantastique da cerâmica Koriabo na Guiana Francesa. Desenho de S. Rostain. Fonte: Rostain, 2020
		Fragmentos de cerâmica Koriabo mostrando incisões, encontrado no sítio Amadoekasikreek. Coleção do Museu Surinamês, Paramaribo. Fonte: Boomert, 2004







Ao comparar essas imagens, é possível observar uma presença significativa de decorações incisas finas, incisões ponteadas, apliques zoomórficos, antropomórficos e bolotinhas (botões) e raspagens, que se assemelham às imagens referenciadas. No entanto, é importante ressaltar que outros elementos distintivos das cerâmicas Koriabo, como borda floriforme com engobo branco, por exemplo, só foi identificada em um fragmento. Outras bordas com engobo foram observadas, mas somente uma floriforme. Além disso, apenas alguns fragmentos apresentam flanges, e as mesmas diferem das flanges típicas que encontramos nas cerâmicas Koriabo. As decorações pintadas também não estão muito visíveis no sítio PA-AL-39, muitos fragmentos possuem engobo branco e restos de pintura desgastada que não conseguimos bem visualizar, mas os padrões parecem variar.

Tabela 5 – Tabela com comparação de decorações entre outros sítios da coleção e o Sítio PA-AL-39

 <p>Fonte: Rostain, 2020</p>	 <p>PA-AL-07</p> <p>PA-AL-10</p>	 <p>PA-AL-39</p>
 <p>Fonte: Lima et al, 2020</p>	 <p>PA-AL-15</p> <p>PA-AL-13</p>	 <p>PA-AL-39</p>
 <p>Fonte: Rostain, 2020</p>	 <p>PA-AL-13</p>	 <p>PA-AL-39</p>

Nos trabalhos publicados por Müller *et al.* (2016) e Castro (2020), vemos referências ao sítio Santo Antônio, que foi identificado e escavado por Celso Perota durante o PRONAPABA. Na tabela abaixo apresento a comparação desses fragmentos de um mesmo sítio realizados em escavações distintas.

Tabela 6 – Tabela de comparação do Sítio Santo Antônio nas diferentes escavações

BELO MONTE	PRONAPABA
	
	
	

Fonte imagens de Belo Monte: Scientia Consultoria Científica apud Muller *et al.*, 2016.

Nas publicações do contexto de pesquisas de Belo Monte, como tempero observou-se que 11,9% dos fragmentos apresentam tempero de caixi com outros minerais, 18,1% possuem argila com outros minerais, e em 11,6% há caixi com argila e outros minerais, ou seja, 23,5% dos 6.088 fragmentos analisados apresentam caixi. A amostra coletada por Perota no sítio foi bem pequena: ao todo analisei 15 fragmentos, em 34% da amostra não consegui identificar o antiplástico, onde pude identificar esteve presente em maioria o cariapé, quartzo, caco moído e um mineral máfico.

Assim, notamos uma variação dos temperos, no entanto, as decorações são semelhantes,

em ambas as escavações apareceram materiais com apliques zoomórficos, bordas lobuladas ou acaneladas e a aplicação de um rolete com incisões ponteadas. Essa variação com relação ao tempero foi observada por Müller *et al.* (2016), onde citam:

É comum pesquisas arqueológicas e/ou etnográficas apontarem para a presença de cauixi ou cariapé na cerâmica do Alto Xingu e de outros locais amazônicos (Simões, 1967; Oliveira; Galvão, 1969; Simonsen; Oliveira, 1980; Becquelin, 1993; Heckenberger *et al.*, 1999). A presença desses temperos foi, inclusive identificada por Perota (1992) na área deste estudo, em sítios de tradição Polícroma e Inciso-Ponteadado. No entanto, o material cerâmico estudado até o momento, proveniente do projeto UHE Belo Monte, apresenta baixíssimo índice de cauixi ou cariapé na composição da pasta. Elementos como quartzo rolado, quartzo anguloso, feldspato, óxido de ferro e mica estão presentes nos fragmentos de todos os sítios até então analisados, fazendo com que a cerâmica, em geral, apresente aspecto grosseiro, pesado e mineralizado (MÜLLER *et al.*, 2016, p. 200-202).

No caso da coleção do PRONAPABA também são prevaletentes os antiplásticos minerais, mas identificamos a presença de fragmentos em que prevaleciam o uso principalmente do cauixi. Estes apontamentos não nos levam para uma definição de fato, um enquadramento dessas cerâmicas, mas se coloca como um exercício. Conforme ressaltamos, no Sítio PA-AL-39 notamos a presença de cerâmicas que parecem estar associadas a outras tradições. As pesquisas de Araújo Costa e Caldarelli (1988 *apud* MÜLLER *et al.*, 2016) apontaram para encontros e desencontros entre o material cerâmico do baixo/médio Xingu e outras tradições arqueológicas, conforme abordamos no início deste capítulo. As autoras identificaram que a cerâmica Kararaô apresentava elementos diagnósticos de duas tradições concomitantemente, a tradição Tupiguarani e a tradição Inciso Ponteadado. Ao comparar o material estudado com essas duas tradições, as autoras levantaram a possibilidade de que a ocupação cerâmica em questão poderia representar uma terceira unidade, que incorporava elementos das duas tradições. Assim, percebemos fusões e fluidez nos materiais estudados.

Conforme destacam Lima e Fernandes (2016) e Cabral (2011), é importante também destacarmos as diferenças e as características próprias das cerâmicas do sítio Itapinima I. Essas diferenças nos encaminham para possíveis relações dessas cerâmicas com outros contextos arqueológicos.

3.3 Outros contextos arqueológicos

Além das cerâmicas Koriabo, é importante frisar que a região do médio-baixo Xingu apresenta uma diversidade de contextos arqueológicos que está presente na amostra do sítio. Conforme sintetizou Lorena Garcia (2016), nessa área foram descritas as seguintes fases arqueológicas:

Tabela 7 – Tabela com as diferentes fases arqueológicas do médio-baixo Xingu

FASE ARQUEOLÓGICA	TRADIÇÃO	HIDROGRAFIA	CRONOLOGIA DATAÇÃO ¹⁴ C E TL	ASSOCIAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL
Itacaiúnas	Tupiguarani	Médio Xingu e Itacaiúnas	200 dC a 1500 dC	Povos de línguas Tupi-Guarani
Arara	Tupiguarani	Médio Xingu	-	-
Pacajá	Tupiguarani	Médio Xingu	1270 dC e 1410 dC	-
Cacarapí	Polícroma	Baixo Xingu	Entre 900±50 dC e 1650±60 dC	-
Independência	Polícroma	Baixo Xingu		-
Carapanã	Borda Incisa/ Inciso-Ponteado	Médio Xingu e Itacaiúnas	1000 aC a 700 dC	Povos de línguas Aruak e Karib
Curuá	Inciso-Ponteado	Médio Xingu	1675±75 dC e 1775±55 dC	Povos de línguas Karib

Fontes: Simões (1987); Simões, Corrêa e Machado (1973); Simões e Araújo Costa(1978); Perota (1978); Araújo Costa e Caldarelli (1988); Almeida (2008); Silveira et al. (2008); Garcia (2012).

Fonte: Garcia, 2016.

No sítio Itapinima I, identificamos fragmentos com decoração geralmente presentes em sítios de tradição Tupiguarani (GARCIA, 2016; 2020). Conforme apresentado nos trabalhos de Lorena Garcia, a zona do médio-baixo Xingu apresenta uma variação com relação à decoração das cerâmicas Tupiguarani nas áreas de interflúvio ou mais próximas às margens do rio. Com relação às análises realizadas em Belo Monte, área bem próxima dos sítios escavados por Perota durante o PRONAPABA, Müller e colegas (2016) destacam que fragmentos com superfície corrugada, bastante comuns nesse tipo de ocupação, são baixíssimas na amostra, mas que “o tempero quase que exclusivamente mineral em todos os sítios analisados e a frequência de carenas vai ao encontro do que é costumeiramente apontado para aquela tradição” (p. 207). No caso do sítio PA-AL-39 essas características estão bem presentes.

Figura 45 – Cerâmicas do Sítio PA-AL-39 com decoração corrugada e roletes aparente



Fonte: Lorena Del Rey – Acervo pessoal

O que vemos na coleção é uma variedade de contextos. Buscando dialogar os resultados obtidos com as análises da coleção do PRONAPABA com as pesquisas realizadas no médio-baixo Xingu, busquei apresentar aqui toda a diversidade dessa região e seu potencial arqueológico.

CONCLUSÃO

Coleções que ocupam as reservas técnicas, coleções “problemas”, coleções órfãs. Voltar à coleção do PRONAPABA e olhar para esses materiais, colocando-os dentro de uma nova questão e uma nova pesquisa foi desafiador. Mas todo esse processo me levou a trocas e experiências muito interessantes. Todos os esforços do Grupo de Estudo de Arqueologia da UFES em parceria com o IPHAN, sob supervisão do arqueólogo Bruno Barreto, para organização do material, possibilitam que novas investigações sejam feitas a partir dessa coleção composta por materiais cerâmicos e líticos provenientes de todas as pesquisas de Celso Perota no PRONAPABA.

Com a realização da pesquisa, notamos que a dificuldade em caracterizar e compreender completamente o material Koriabo pode, na verdade, ser uma característica intrínseca desse conjunto cerâmico. Talvez enfrentemos dificuldades em conectar todos os pontos dispersos porque estamos tentando enquadrá-lo em categorias preexistentes, conforme Saldanha e Cabral (2020):

É hora de repensar criticamente a própria existência de nossas entidades culturais do passado homogêneas e delimitadas, considerando que os conjuntos arqueológicos que escavamos não podem ser compreendidos como “um povo-uma língua-uma materialidade”, mas sim a própria materialização de corpos sociais dinâmicos, plurais e fractais em um processo complexo de inter-relações (SALDANHA e CABRAL, 2020, p. 117. Tradução nossa).¹⁷

Assim, olhar para o passado desestabilizando traços culturais como homogêneos e delimitados, pode ser um caminho, uma indicação de que existem outras formas de classificação que ainda não consideramos. Deste modo, o próprio material Koriabo pode estar nos mostrando que precisamos expandir nossos paradigmas e abordagens de estudo para uma compreensão mais abrangente dessas coleções cerâmicas.

Aprofundando nessa reflexão, que busca romper com uma visão fixa e inerte da matéria, consideramos que esses materiais que classificamos enquanto arqueológicos, nos indicam diferentes questões e apontam para distintas “teias” de relações (INGOLD, 2012). As possibilidades de entendermos as formas de relação entre pessoas e coisas podem seguir diferentes direções.

Busco me aproximar principalmente das ideias de Ingold (2012 e 2015) e Barad (2017) acerca da materialidade para falar das relações entre pessoas e coisas, e, assim, refletir sobre os limites e possibilidades de quando nos propomos a analisar cerâmicas. Como apontam Alberti

¹⁷ No original: It’s time to critically rethink the very existence of our homogeneous and bounded past cultural entities, considering that the archaeological assemblages that we excavate cannot be understood as “one people-one language-one materiality”, but the very materialization of dynamic, plural and fractal social bodies in a complex process of interrelationships.

e Marshall (2009), podemos identificar que tanto para Karen Barad quanto para Tim Ingold a matéria é percebida, ela se define dentro de um contexto específico de diferentes “intra-ações” ou “meshwork” (malha). Dentro dessas concepções, entendemos que as ideias/coisas ressoam e se desdobram em diferentes ondas que, quando em contato com outras coisas, geram novas ondas. Esse método não pensa que as coisas existem a partir de um confronto, ou são pré-determinadas, mas se conectam e se fazem em relações específicas:

Intra-ações agenciais são operações causais materiais específicas que podem ou não envolver “humanos”. De fato, é através de tais práticas que são constituídas as fronteiras diferenciais entre “humanos” e “não humanos”, “cultura” e “natureza”, o “social” e o “científico”. Os fenômenos são constitutivos da realidade. A realidade não é composta de coisas-in-si, nem de coisas-por-trás-de-fenômenos, mas de “coisas”-in-fenômenos. O mundo é intra-atividade em sua materialização diferencial (BARAD, 2017, p. 22).

Portanto, as propriedades dos materiais consideradas como constituintes de um ambiente, não podem ser identificadas como atributos essenciais fixos de coisas, mas são, ao contrário, processuais e relacionais. Elas não são nem objetivamente determinadas nem subjetivamente imaginadas, mas praticamente experimentadas. Nesse sentido, toda propriedade é uma história condensada. Descrever propriedades dos materiais é contar histórias do que acontece com eles enquanto fluem, se misturam e se modificam (INGOLD, 2015, p. 65).

Dessa forma, por mais que busquemos classificar essas cerâmicas, neste fazer, estamos pressupondo a partir do nosso sistema de mundo uma forma específica de relação, em cada momento esses objetos passam por relações particulares e eles existem nessas múltiplas possibilidades. Quando me proponho a refletir sobre os cacos explorando essas múltiplas possibilidades, sou encaminhada para o conceito de agência, pois a percepção sobre o material enquanto algo estático não se aplica quando examinamos a ideia apresentada sobre a materialidade das coisas e a materialidade sobre o que é Koriabo.

O conceito de *agência* é acionado por Gell (2018) para falar de arte. O autor defende a instituição de um campo da antropologia da arte, no qual devemos compreender que a “natureza dos objetos de arte é uma função da matriz social-relacional na qual eles se inscrevem” (p. 31). Assim, uma teoria antropológica da arte se propõe a “analisar a produção e circulação de objetos de arte com uma função desse contexto relacional” (p. 37), os objetos de arte são pensados como extensões de pessoas e como parte importante de processos de interações sociais. As proposições de Gell rompem com a ideia da arte somente enquanto representação de algo, como destaca Lagrou (2007, p. 54), o autor se torna tão atrativo, pois ao romper com esses conceitos desenvolve uma abordagem de objetos, artefatos ou arte “como se fossem pessoas” (GELL, p. 34), enfatizando então as qualidades agentivas. Assim, os objetos ao serem entendidos dentro dessas relações são agentes.

Tal ponto, dos objetos enquanto agentes, fica mais visível ao nos aproximarmos da noção de “tecnologias de encantamento” desenvolvida pelo autor, que nos mostra como a forma de produção de alguns objetos tem consequências sociais:

Como sistema técnico, a arte é orientada na direção da produção das consequências sociais que decorrem da produção desses objetos. O poder dos objetos de arte provém dos processos técnicos que eles personificam objetivamente: a tecnologia do encanto é fundada no encanto da tecnologia. O encanto da tecnologia é o poder que os processos técnicos têm de lançar uma fascinação sobre nós, de modo que vemos o mundo real de forma encantada (GELL, 2005, p. 45).

Em Daniel Miller (2013), vemos o autor salientar que no estudo da cultura material pode ser problemático pensarmos nas coisas a partir de sua função e ressalta que não é óbvia essa relação. Quando fala das experiências de campo, na Índia, o autor destaca que, ao ficar observando o uso dos artefatos, determinados potes, que pareciam mais adequados a determinada função, não eram necessariamente utilizados para ela. Podemos comparar essa crítica à função com a crítica de Gell de se pensar na arte enquanto representação; as relações de pessoas com as coisas não se limitam às funções e às representações.

Nesse sentido, Miller aborda que interagimos com o mundo material em correlação. Existimos em interação com as coisas e isso se justifica pelo fato de que nossas vidas estão tão ligadas às coisas que muitas vezes nem as percebemos. O autor chama esse fenômeno de a “humildade das coisas”, e podemos pensar a agência justamente por esse aspecto:

A conclusão surpreendente é que os objetos são importantes não porque sejam evidentes e fisicamente restrinjam ou habilitem, mas justo o contrário. Muitas vezes, é precisamente porque nós não os vemos. Quanto menos tivermos consciência deles, mais conseguem determinar nossas expectativas, estabelecendo o cenário e assegurando o comportamento apropriado, sem se submeter a questionamentos. (MILLER, 2013, p. 78).

Assim, por essa qualidade de se inscreverem em nossas rotinas de modo que não os vemos, os objetos, as coisas, indicam um processo de relação na qual objetos definem determinadas situações e a nós mesmos. Desse modo, vemos que nós também estamos nas coisas.

Para Ingold, no modelo hilemórfico, uma definição que se constitui desde Aristóteles, para se produzirem coisas, é necessário uma junção da forma à matéria. Começamos a desenvolver a ideia de que a forma se impõe sempre com um fim sobre a matéria, que é passiva e inerte. Segundo o autor, tal entendimento ainda é muito presente em visões de mundo ocidentais, mas sua teoria busca se distanciar dessa ideia. Para Ingold, quando falamos de agência, não é no sentido de animar um mundo de coisas mortas: “No ASO [Ambiente Sem Objeto], as coisas se movem e crescem porque elas estão vivas, não porque elas têm agência. E

elas estão vivas precisamente porque não foram reduzidas ao estado de objeto” (INGOLD, 2012, p. 33-34).

Observamos que, para o autor, ao dizermos *objeto*, operamos sob a lógica do modelo hilemórfico, no qual a matéria é inerte. Assim, defende o uso da palavra *coisas*. Quando consideramos um mundo de coisas, entendemos que: “trazer coisas à vida, portanto, não é uma questão de acrescentar a elas uma pitada de agência, mas de restaurá-las aos fluxos geradores do mundo de materiais no qual elas vieram à existência e continuam a subsistir” (INGOLD, 2015, p. 63). A agência não é sobre o mundo material “fazer algo”, mas diz sobre o processo constante das coisas existirem no mundo

Em uma proposta que se assemelha em alguns aspectos com Ingold, a agência é o conceito que Karen Barad (2017) utiliza para dizer dos processos de contínuo fazer do mundo. Como mencionado anteriormente, quando abordamos sobre a materialidade, a agência aponta para o caráter interativo das intra-ações: as coisas interagem e são construtivas delas mesmas. Os agenciamentos produzem sujeitos e ela se dá nesse processo de intra-ação:

O mundo é um processo dinâmico de intra-atividade na reconfiguração contínua de estruturas causais localmente determinadas com fronteiras, propriedades, sentidos e padrões determinados de marcação nos corpos. Esse contínuo fluxo de agência através do qual “parte” do mundo faz-se diferencialmente inteligível à outra “parte” do mundo e através do qual estruturas causais locais, fronteiras e propriedades são estabilizadas e desestabilizadas não têm lugar no espaço e no tempo, mas no fazer do próprio espaço-tempo. O mundo é um processo aberto contínuo de materiação através do qual a própria “materiação” adquire significado e forma na realização de diferentes possibilidades agenciais (BARAD, 2017, p. 22).

Na arqueologia, percebemos que por muito tempo o foco das investigações foi em se buscar a ação humana por trás dos objetos, muitas vezes, objetos como essa matéria inerte, e sempre classificar esses objetos em categorias fixas. Estamos encaminhando nossas análises a partir de meios que possibilitam olhar esses materiais como agentes? Alinhada à perspectiva da dinamicidade da matéria, das pessoas e coisas, vemos as cerâmicas do PRONAPABA como parte do “fenômeno Koriabo”. E esse fenômeno está também nesse não limite, com diversas questões a serem exploradas:

Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas (INGOLD, 2012, p. 29).

As cerâmicas Koriabo existem também em sua dinamicidade. Mesmo compreendendo as restrições que as primeiras classificações desencadeiam, como destaca Van den Bel (2010), e como reforçamos essas categorias a partir de elementos diagnósticos, que no caso das cerâmicas Koriabo acabam negligenciando outros contextos que poderiam ser complementares, ou cruciais para melhor compreendê-las, no caso dessas coleções órfãs, o exercício de circular por essas categorias, explorando seus limites e possibilidades, se coloca como uma alternativa que defendemos na realização deste trabalho.

A trajetória da pesquisa e da análise, tensionada ao explorarmos essas possibilidades, me fez seguir sempre desejando conhecer um pouco desses outros lugares. Quando proponho a falar de uma coleção órfã, busco me aproximar da história de vida dessa coleção, considerando que os cacos, para além do contexto arqueológico, carregam e são agentes de eventos que extrapolam a Universidade, a pesquisa, a arqueologia. Movidada por essas tensões, busco classificar esses materiais, de certo modo, uma continuidade ou nova forma de percebê-los na arqueologia. Hoje, a classificação dos materiais arqueológicos é um meio de pensar o passado. Mesmo com os limites dos métodos, a forma de apresentação dos dados e classificação cerâmica buscou escapar de chegar a “conclusões” e categorias definidoras, reconhecendo o limite do meu olhar, do meu agir. Por fim, sigo no exercício de olhar para os resultados que obtive buscando dialogar esses dados com as discussões sobre a circulação das cerâmicas Koriabo na Amazônia, que têm caminhado justamente para se pensar em categorias e seus limites: o que é Koriabo? Este é um questionamento que também se colocou para esta pesquisa, e que nos mostrou dados interessantes, como a mistura de material Tupiguarani com as cerâmicas Koriabo. Nesse sentido, essas conexões podem estar nos mostrando que hibridez e fluidez estão mais próximas dos universos indígenas do que categorias estáticas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Benjamin; MARSHALL, Yvonne. Animando la arqueología: teorías locales y metodologías conceptualmente abiertas. Traducción: GARDENAL, G; MACKINSON, M. E & MIRANDA PEREZ, J. M. Original: ALBERTI, B. and MARSHALL, Y. Animating Archeology: Local Theories and Conceptually Open-ended Methodologies. *Cambridge Archeology Journal*, v. 19, n. 3, p. 344-56, 2009.
- ALMEIDA, Fernando Ozorio de. *A Tradição Policroma no alto rio Madeira*. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. DOI: 10.11606/T.71.2013.tde-17072013-140140. Acesso em: 10 jun. 2023.
- ALVES, Marcony. *Objetos distribuídos do baixo Amazonas: um estudo da cerâmica Konduri*. 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. *Revista Vazantes*, v. 1, n. 1, p. 07-34, 2017.
- BARRETO, Bruno de Souza. *Diacronia e cultura material no sítio Laranjal do Jari 01: um assentamento associado às cerâmicas Jari e Koriabo, baixo rio Jari, sul do Amapá (670-1450AD)*. Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, SE, Laranjeiras, Brasil, 2015.
- BARRETO, Bruno. Understanding Jari and Koriabo Ceramics from Southern Amapá. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: from the Caribbean Sea to the Amazon River*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020.
- BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (Ed.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. IPHAN, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.
- BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: from Caribbean Sea to the Amazon River*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020.
- BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena. Understanding the dispersion of ceramics styles in the lower Amazon: What is Koriabo. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: From Caribbean Sea to the Amazon River*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020.
- BOOMERT, Arie. Koriabo and the Polychrome Tradition: The Late-Prehistoric era between the Orinoco and Amazon mouths. In: DELPUECH, A.; HOFMAN C. *Late Ceramic Age Societies in the Eastern Caribbean*. Paris: Monographs in American Archaeology 14. BAR IS 1273, 2004.
- CABRAL, Mariana Petry. Cuando un pájaro viviente es un vestigio arqueológico: considerando la arqueología desde una perspectiva de conocimiento diferente. In: ROJAS, Felipe; HAMANN, Byron; ANDERSON, Benjamin (Ed.). *Otros pasados: ontologías alternativas en el estudio de lo que ha sido*. Universidad de Los Andes Press /El Fondo de Promoción de la Cultura, 2022. p. 24-51.
- CABRAL, Mariana Petry. Juntando cacos: uma reflexão sobre a classificação da fase Koriabo

no Amapá. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 3, n. 1, 2011.

CALDARELLI, S. B. Levantamento arqueológico em planejamento ambiental. São Paulo, *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 3, p. 347-369, 1999.

CARTA Geológica do Brasil ao Milionésimo: Boa Vista – Roraima. CPRM - SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/Geologia/Geologia-Basica/Carta-Geologica-do-Brasil-ao-Milionesimo-298.html>. Acesso em: 10 jun 2023.

CASTRO, Andrey Maciel; MÜLLER, Letícia Morgana; HEINEN, Íngrid Larissa Santana; KIPNIS, Renato. The Koriabo Pottery at the Volta Grande do Rio Xingu. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: From Caribbean Sea to the Amazon River*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020.

CASTRO, Andrey Maciel. *Um regime de opulência: grupos ceramistas na Volta Grande do Rio Xingu*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

COSTA, Henrique Antônio Valadares. *Arqueologia do Estado do Espírito Santo: subsídios para gestão do patrimônio arqueológico no período de investigação acadêmica de 1966 a 1975*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DE AZEVEDO, Leonardo Francisco. *Desvendando relações: redes, atores e malhas. Temáticas*, v. 28, n. 55, p. 343-365, 2020.

DIAS, Adriana Schmidt. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76. 2007.

DIAS, Adriana Schmidt. Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso. Dissertação de Mestrado, Capítulo 1. Porto Alegre, IFCH-PUCRS, 1994.

DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. *Revista do CEPA*, v. 19, n. 22, p. 25-39, 1995.

EVANS, Clifford; MEGGERS, Betty. Archaeological Investigations in British Guiana. Washington, Smithsonian Institution, *Bulletin 177*, 1960.

FERNANDES, Glenda C. B.; LIMA, Helena P.; RIBEIRO, A. B. Cerâmicas Koriabo e problematizações iniciais sobre a arqueologia na foz do rio Xingu. *Habitus*, v. 16, n. 2, p. 403-424, 2018.

GARCIA, Lorena. Cerâmicas e Histórias Indígenas no médio-baixo Xingu. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; BETANCOURT, Carla Jaimes (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Instituto do Patrimônio Histórico do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016. p. 183-195.

GARCIA, Lorena. *Paisagens do médio-baixo Xingu: Arqueologia, Temporalidade e Historicidade*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GASPAR, Meliam Viganó. *Arqueologia e história de povos de línguas Karib: um estudo da*

tecnologia cerâmica. 2019. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GELL, Alfred. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. *Revista Concinnitas*, v. 1, n. 8, p. 40-63, 2005.

GELL, Alfred. *Arte e Agência*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HILBERT, P. P. Pottery from the Cuminá River, Brazil and its affiliations with the Koriabo Phase of Guyana. *Journal of the Walter Roth Museum of Archaeology and Anthropology*, v. 5, n. 2, p. 74-81, 1982.

INGOLD, Tim. Materiais contra materialidade. In: _____. *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horiz. antropol.*, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

ISA (Instituto Socio Ambiental). 2023. *Terras Indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

KIPNIS, Renato; CALDARELLI, Solange Bezerra. Caçadores-coletores do Holoceno Inicial no Médio Xingu. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 18, n. 33, p. 151-198, 2019.

LAGROU, Els. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica* (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: Top Books, 2007. (Item I – Arte: o poder da Imagem, agência dos objetos, agência do desenho, p. 37-84).

LIMA, H.; FERNANDES, G. C. Cerâmicas arqueológicas da foz do Xingu: uma primeira caracterização. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: MPEG, 2016.

LIMA, H. P.; BARRETO, C.; MORAES, B. M.; HARPER, K. L.; DA SILVA, P. H. S.; BOTELHO, G. A. Koriabo Ceramics, Carib Multiethnic Interaction Spheres and the Colonial Enterprise in the Lower Amazon. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: From Caribbean Sea to the Amazon River*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana; BETANCOURT, Carla Jaimes. Novos olhares sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. In: _____. *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: MPEG, 2016. p. 19-31.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. Washington, *Smithsonian Institution Bulletin*, n. 167, 1957.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. *Como interpretar a linguagem cerâmica: manual para arqueólogos*. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MEGGERS, Betty. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MEGGERS, Betty. *Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise*. Chicago: Aldine.

Social Structure. New York: Macmillan. Ethnographic Atlas. Ethnology, 1971.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MÜLLER, L. M.; KIPNIS, R.; SANTOS, M. D. C. M. M.; CALDARELLI, S. B. Considerações iniciais sobre a cerâmica arqueológica da volta grande do Xingu. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; BETANCOURT, Carla Jaimes (Org.). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: MPEG, 2016.

NEVES, Eduardo Góes. O rio Amazonas: fonte de diversidade. *Revista del Museo de La Plata*, v. 4, 2019.

NEVES, Eduardo Góes. O velho e o novo na arqueologia amazônica. *Revista USP*, n. 44, p. 86-111, 2000.

NIMUENDAJÚ, C. In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region, edited by Per Stenborg. *Ethnological Studies*, Museum of World Culture in Gothenburg, Gothenburg, v. 45, [1926] 2004.

NIMUENDAJÚ, C. Mapa Etnohistórico do Brasil e Regiões Adjacentes (1944). Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

NORDENSKIÖLD, Erland. L'archéologie du bassin de l'Amazone. *Bulletin de l'Ecole française d'Extrême-Orient*, Tome 31, 1932.

OLIVEIRA, Daniel; MATOS, Artur José Soares de. *Relatório de operação do sistema de alerta hidrológico da bacia do rio Xingu 2022*. Recife: Serviço Geológico do Brasil - CPRM, 2023.

PANACHUK, Lilian. Gestando Potes e pessoas: a cerâmica como processo de aprendizagem do sensível e concreto. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, FAFICH, Belo Horizonte, 2021.

PEREIRA, Daiane. Extroversão do patrimônio arqueológico salvaguardado: reserva técnica do laboratório de arqueologia Peter Hilbert. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 11, n. 2[19], p. 66-82, 2017.

PEROTA, C. Traficantes de técnicas ou construtores de modelos. Trajetória e a visão de um arqueólogo que iniciou sua formação no CEPA. In: Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira. Curitiba. *Anais do Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira*. Curitiba: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Paraná, 2007. v. 1. p. 147-162.

PEROTA, C. Relatório de Campo. Programa Nacional de Pesquisa da Bacia Amazônica. CNPq – SPHAN – UFES. Vitória, 1977.

PEROTA, Celso. Adaptação agrícola no baixo Xingu. In: MEGGERS, Betty J. (Ed.). *Prehistoria Sudamericana*. Santiago: Taraxacum, 1992. p. 211-218.

PEROTA, Celso. Cambios climáticos y la ocupación pre-histórica en la Amazonia. Paleo-ENSO records, Int. Symp. *Ext. Abstr.* ORSTOM-CONCYTEC Lima, p. 235-236, 1992.

PEROTA, Celso; BOTELHO, Walme Cassiano. Os sambaquis do Guará e as variações climáticas no Holoceno. *Revista do Departamento de Geografia*, v. 7, p. 49-59, 1994.

PEROTA, C. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica. PRONAPABA. *Relatório de Campo* (rio Xingu). Vitória: CNPq, Inpa, Iphan, Ufes, 1978.

PEROTA, C. Projeto PRONAPABA. *Relatório de Campo*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. 1990.

PEROTA, C. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica. *Relatório das atividades de campo*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1979.

PEROTA, C. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica. *Relatório das atividades de campo*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1982.

RAYMOND, Scott J. Dos Fragmentos às Vasilhas: um primeiro passo para a construção de Contextos culturais na arqueologia da floresta tropical. *Amazônica - Revista de Antropologia*, v.1, n. 2, 2009.

RIBEIRO, A. T. B.; LIMA, H. P.; MARQUES, F. L.; SCHMIDT, M. J.; MCDANIEL, K. S. Results from pilot archaeological fieldwork at the Carrazedo site, lower Xingu river, Amazonia. *Latin American Antiquity*, v. 27, n. 3, p. 318-339, 2016.

RICE, Prudence M. *Pottery Analysis: a soucerbook*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

ROCHA, B. C. *Ipi Ocemumuge: A Regional Archaeology of the Upper Tapajós River*. 2017. Tese de doutorado. UCL (University College London), 2017.

ROSTAIN, S.; BARRETO, C.; LIMA, H. P.; HOFMAN, C. Koriabo, the Mysterious Amazonian/ Caribbean Culture. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: From Caribbean Sea to the Amazon River*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020. P.

ROSTAIN, Stéphen. Koriabo Pottery in The Guianas. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: From Caribbean Sea to the Amazon River*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020. p. 55.

ROSTAIN, Stéphen. The archaeology of the Guianas: an overview. *The handbook of South American archaeology*, p. 279-302, 2008.

RYE, O. *Pottery Technology: principles and reconstruction*. Washington, D.C.: Taraxacum, 1981.

SALDANHA, J. D. D. M.; CABRAL, M. P.; NAZARÉ, A. S.; Lima, J. S.; SILVA, M. B. Os complexos cerâmicos do Amapá: Proposta de uma nova sistematização. In: Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese. Belém: Instituto do Patrimônio Histórico do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016. p. 86-95.

SALDANHA, João Darcy; CABRAL, Mariana Petry. On Change and Exchange: A Review of Koriabo Contexts and Concept in the Eastern Guianas. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne. *Koriabo: From Caribbean Sea to the*

Amazon River, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020. p. 97.

SCHAAN, D. P. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 2, n. 1, p. 77-89, 2007.

SCHAAN, Denise Pahl, Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. *Anuário Antropológico* [Online], v. 39, n. 2, 2014.

SHEPARD, Anna O. *Ceramics for the archaeologist*. Carnegie Institution of Washington: Washington, 1956.

SILVA, Fabiola Andrea. *As tecnologias e seus significados*. Um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SIMÕES, Mário F. Programa Nacional de pesquisas arqueológicas na Bacia Amazônica. *Acta Amazônica*, v. 7, n. 3, p. 297-300, 1977.

SIMÕES, Mário Ferreira. Índice das fases arqueológicas brasileiras 1950-1971. 1972.

SKIBO, James M. *Pottery Function: a use-alteration perspective*. Springer: New York, 1992.

SKIBO, James M. *Understanding pottery function*. Springer: New York, 2013.

VACHER, S.; JEREMIE, S.; ROUZO, P.; TARDY, C.; BRIAND, J.; HOSTEIN, H. *Amérindiens du Sinnamary (Guyane): archéologie en forêt équatoriale*. Documents d'archéologie française, 1998.

VAN DEN BEL, Martijn. A Koriabo site on the Lower Maroni River: results of the preventive archaeological excavation at Crique Sparouine, French Guiana. *Arqueologia amazônica*, v. 1, p. 61-93, 2010.

VOSS, Barbara L. Curation as research. A case study in orphaned and under reported archaeological collections. *Archaeological Dialogues*, v. 19, n. 2, p. 145-169, 2012.

VOSS, Barbara L.; KANE, Megan S. Re-establishing context for orphaned collections: a case study from the Market Street Chinatown, San Jose, California. *Collections*, v. 8, n. 2, p. 87-111, 2012.

ANEXOS

Anexo 1 – Lista de Análise Cerâmica

LISTA DE ANÁLISE CERÂMICA		
Natureza	Morfologia da Borda	9-Ouriçoforme
1-Borda Lisa	<u>Forma do lábio</u>	10-Floriforme
2-Borda c/ Incisão	1-Plano	<u>Modificação da Borda</u>
3-Borda Pintada	2-Arredondado	1-Ponteados
4-Borda c/ outras decorações plásticas ¹ .	3-Afinado	2-Ungulado
5-Assador	4-Não identificado	3-Incisão em linhas longas
6-Base	5-Em canaleta	4-Incisões Curtas
7-Banco	<u>Forma da Borda (Vacher et al, 1998)</u>	5-Acastelado
8-Flange	1-Borda inclinada ao exterior, Perfil exterior côncavo.	6-Flange
9-Corpo decorado	2-Borda inclinada ao exterior, Perfil exterior retilíneo	7-Modelagem/aplique Zoomorfo
10-Rodela de Fuso	3-Borda inclinada ao exterior, Perfil exterior convexo	8-Modelagem/Aplique antropomorfo
11-Refugo de Manufatura	4-Borda vertical com perfil exterior retilíneo	9-Aplique não identificável
12-Trempe	5-Borda inclinada ao interior, Perfil exterior côncavo	10-Acanalado
Preservação de Superfície	6-Borda inclinada ao interior, Perfil exterior retilíneo	11-Furo
1 – Erosão Total	7-Borda inclinada ao interior, Perfil exterior convexo	12-Lobulado
2 – Erosão Parcial	Espessura da Borda (cm)	13-Digitado
3- Preservada	Base	14-Alça
Antiplástico	<u>Perfil da Base</u>	15-Excisão
1 – Quartzo	1-Aplanado	16-Reforço
2 – Caco Moido	2-Convexo	17-Raspagem
3 – Quartzo+caco moido	3-Côncavo	18-Aplique Circular
4 – Cariapé	4-Pedestal	19-Borda Ôca
5 – Cariapé+Caco moido	5-Anelar	<u>Banhos e Pinturas</u>
6 – Cauixi	Espessura da Base (cm)	1-Banho monocromático vermelho
7 – Granito moido	Morfologia Global	2-Banho monocromático branco
8 - Mica	<u>Contorno</u>	3-Banho monocromático preto
9 – Cariapé+Quartzo	1-Simples	4-Banho monocromático amarelo
10-Cariapé+Hematita (ox. De ferro)	2-Inflético	5-Traços monocromáticos vermelhos sobre pasta natural
11-Quartzo+Mica	3-Complexo	6-Traços monocromáticos sobre banho branco (polícromico)
12-Quartzo+Hematita (ox. De ferro)	4-Carenado	7-Traços vermelhos e pretos sobre banho branco
13-Cauixi+Quartzo	<u>Abertura</u>	8-Traços monocromáticos sobre banho vermelho
14-Cariapé+Cauixi	1-Restringida	9-Traços monocromáticos sobre incisão
15-Ossos	2-Não Restringida	10-Traços monocromáticos sobre acanalado
Tecnologia	<u>Formas Particulares</u>	11-Traço monocromático vermelho e preto sobre pasta natural
Manufatura	1-Antropomorfo	12-Traços monocromáticos vermelho e branco sobre pasta natural
1-Não identificada	2-Zoomorfo	13-Traços monocromáticos amarelo
2-Roletada	3-Naviforme	14-Traços monocromáticos sobre excisão
3-Modelado	4-Assador	15 – Traços monocromáticos pretos sobre pasta natural
4-Roletado+Modelado	5-Banco	<u>Outras modificações de superfície</u>
Queima	6-Tigela carenada restringida	16-Perfuração
1-Oxidação total	7-Tigela carenada não-restringida	17-Modelagem
2- Oxidação externa/interna	8-Torácica	18-Digitado
Compresença de núcleo		19-Escovado
3-Oxidação externa com núcleo interno		
4-Oxidação interna com núcleo externo		
5-Redução total		
¹ Esta categoria inclui bordas lobuladas, digitadas, com apliques e outras decorações.		

- 20-Incisões retilíneas
- 21-Inciso cruzado
- 22-Inciso ponteadado
- 23-Incisões curtas
- 24-Corrugado
- 25-Roletado
- 27-Raspagem
- 28-Ungulado
- 29-Incisões finas circulares

Appliques

- 1-Aplique Antropomorfo
- 2-Aplique Zoomorfo
- 3-Mamiforme
- 4-Aplique não identificado
- 5-Aplique Circular Koriabo

Marcas de Uso

- 1-Ausente
- 2-Fuligem Externa
- 3-Fuligem Interna
- 4-Erosão Interna
- 5-Erosão Interna c/ Fuligem Externa

Anexo 2 – Prancha Nimuendaju Iratapuru

